

LIVRARIA BAPTISTA
R. do Conde de Redondo, 31-A
1100 LISBOA

À

SEMELHANÇA DE CRISTO

JOHN A. KNIGHT

UMA OBRA PROFUNDA
SOBRE O PLANO DE DEUS
PARA UM POVO SANTO

Casa Nazarena de Publicações

P.O. Box 527, Kansas City, Missouri 64141, E.U.A.

Este livro apareceu em inglês com o título *In His Likeness*. Foi traduzido para o português por Acácio Pereira, sob os auspícios da Junta Internacional de Publicações.

Impresso nos E.U.A. — Printed in U.S.A.

**A Meu Pai e Minha Mãe
Modelos da Vida de Santidade**

Conteúdo

Prefácio	7
Creemos	9
Passos para a Santidade	10
Glossário de Termos	12
1. Santidade: Possibilidade de Semelhança com Deus	17
2. Pecado: Perda da Semelhança com Deus	38
3. Significado e Natureza do Pecado	51
4. Redenção: Possibilidade de Semelhança com Cristo	70
5. Erros Comuns e Perguntas	89
6. A Aventura de uma Vida Santa	113
Referências	139

Instruções para Adquirir Crédito Através do Treinamento para o Serviço Cristão

1. Este é o texto para a Unidade 115.3a da Primeira Série de "Estudos sobre a Santidade". São exigidas seis aulas de 50 minutos cada, ou tempo equivalente.

2. A inscrição deve ser feita no escritório central (ou local) pelo menos três semanas antes da primeira aula. Assim, dará tempo ao escritório de enviar os documentos referentes ao curso e os formulários para matrícula individual. Também permitirá obter a tempo os livros-textos.

3. Para receber crédito cada aluno deve assistir a cinco das seis aulas e estudar o livro-texto.

4. O curso pode ser ministrado por correspondência.

5. É favor enviar um relatório da classe ao Escritório Geral (ou local) do Treinamento para o Serviço Cristão, após a conclusão do curso.

Para mais informações consulte o seu director local do Treinamento para o Serviço Cristão, ou escreva para:

TREINAMENTO PARA O SERVIÇO CRISTÃO

6401 THE PASEO

KANSAS CITY, MO. 64131, E.U.A.

Toda a obra de Deus é maravilhosa. A beleza e mistério da criação testificam do Seu poder infinito e dos Seus desígnios omniscientes. Mas a Sua obra-prima é o próprio homem. Todas as coisas foram criadas por Deus para bem e felicidade do homem.

Esta é a reivindicação ousada da fé cristã, embora possa parecer um absurdo para os modernos, conscientes da extensão infinita do espaço exterior e da insignificância relativa do homem.

Jesus ensinou que só o homem tem valor intrínseco. Todos os outros valores existem em relação directa da sua importância para o homem. Esta verdade é a que dá à cristandade duas dimensões: uma *material* e outra *espiritual*. Os verdadeiros valores, os permanentes, são espirituais. No entanto, as coisas do espírito, sendo pessoais, pertencem ao domínio do *homem genuíno*.

Portanto, a obra de Deus para com o homem é digna de consideração. Tudo que Ele faz é *para* o homem, *com* o homem e *no* homem. O que Ele faz *pelo* homem inclui a criação e tudo o que é belo e bom. O que Ele faz *com* o homem relaciona-se com a Sua actividade na história e a consumação final de todas as coisas. O que Ele faz *no* homem é a Sua obra de salvação, libertando-o da escravidão do pecado.

Nas páginas seguintes interessar-nos-emos, principalmente, pela obra de Deus *no* homem ou, como dizem os teólogos, pela *soteriologia* — o estudo da salvação. É nossa convicção que Deus operou por meio do Seu Filho e continua operando pelo Seu Espírito — o Espírito de Cristo — para nos libertar do poder e domínio de todos

os pecados da raça humana; para nos criar de novo à Sua semelhança e para “O servirmos sem temor, em *santidade e justiça*, perante ele, todos os dias da nossa vida” (Lucas 1:74-75).

Este livro trata do plano de Deus para um povo santo — e da vida de santidade para a qual Ele nos chamou. Numerosos outros se têm escrito sobre tema tão vasto, mas a grande verdade da santidade do coração e vida admite repetição. Daniel Steele escreveu: “São precisos muitos homens para explorar um continente e muitas pessoas para descrever as riquezas insondáveis de Cristo!”

O nosso propósito ficará cumprido se o leitor for desafiado a uma vida santa; e se conseguir compreender e articular melhor, ou sentir fome da obra instantânea de Deus, chamada “inteira santificação”. A Palavra de Deus apoia, com clareza, tal ensinamento.

Este é um livro de estudo. Por isso, para melhor o compreender, deve-se ter à mão uma Bíblia e seguir, cuidadosamente, as referências escriturísticas.

As perguntas para discussão vêm incluídas no fim de cada capítulo. Também existe um glossário de termos sobre a santidade e um breve resumo indicando os passos que nos conduzem à vida de santidade ou à semelhança com Cristo, que é a herança de todo o crente.

O Dr. Earl C. Wolf, director do Treinamento para o Serviço Cristão e o Dr. J. Fred Parker, editor de livros da Casa Nazarena de Publicações, forneceram na preparação do material conselhos valiosos. Estou grato, particularmente, à Comissão de Treinamento para o Serviço Cristão e ao Departamento de Evangelismo por me terem dado a honra de preparar este livro-texto sobre a vida de santidade e a nossa doutrina distintiva da inteira santificação.

—John A. Knight

Creemos:

“Na doutrina e na experiência de santificação como uma segunda obra da graça;

“Que . . . Deus . . . é santo na Sua natureza, atributos e propósitos;

“No Espírito Santo . . . que Ele está sempre presente e operando eficientemente dentro da Igreja de Cristo . . . regenerando aqueles que se arrependem e crêem, santificando os crentes e guiando em toda a verdade tal como está em Jesus;

“Que o pecado original continua a existir com a nova vida do regenerado, até que seja extirpado pelo batismo com o Espírito Santo;

“Que Jesus Cristo, pelos Seus sofrimentos, pelo derramamento do Seu sangue e pela Sua morte meritória na cruz, fez uma expiação completa para todo o pecado humano; que esta expiação é a única base de salvação;

“Que a inteira santificação é aquele acto de Deus, *subsequente à regeneração*, pelo qual os crentes são libertados do pecado original, ou depravação, e levados a um estado de inteira devoção a Deus e à santa obediência do amor tornado perfeito.

“É operada pelo batismo com o Espírito Santo e compreende, numa só experiência, a purificação do coração e a permanente presença íntima do Espírito Santo dando ao crente *poder* para uma vida santa e para serviço.

“A inteira santificação é garantida pelo sangue de Jesus e realiza-se instantaneamente pela fé, precedida pela inteira consagração; e desta obra e estado de graça o Espírito Santo testifica;

“Esta experiência é também conhecida por vários termos que representam diferentes aspectos dela, tais como: “perfeição cristã”, “perfeito amor”, “pureza do coração”, “batismo com o Espírito Santo”, “plenitude da bênção” e “santidade cristã”.¹

Passos para a Santidade

- I. SANTIFICAÇÃO INICIAL (conversão); justificação, regeneração, adopção
 - A. Arrependimento — confissão e abandono de todos os pecados passados, conhecidos e desconhecidos.
 - B. Restituição — endireitar tudo o que está mal, tanto quanto possível e nos casos em que outros não sejam lesados pela acção.
 - C. Fé — aceitação da promessa de Deus de perdão, e entrega confiante de si mesmo a Deus; confiança na compaixão de Deus e não nos próprios méritos.
 - D. Testemunho do Espírito — o Espírito de Deus testifica ao seu espírito que você é um filho de Deus, uma nova criatura em Cristo.
 - E. Andar na luz — obediência diária a Deus e fidelidade no Seu serviço. Haverá consciência crescente de um inimigo interior que estorva o testemunho e insiste em que siga um caminho egoísta.

- II. INTEIRA SANTIFICAÇÃO (purificação da natureza pecaminosa e plenitude do Espírito Santo)
 - A. Distinto conhecimento da sua conversão — a consciência de que você é aceite por Deus e não desobedece aos Seus mandamentos.
 - B. Crescente fome e sede de Deus — reconhecimento da necessidade de uma limpeza completa do pecado interior e desejo de alinhar perfeitamente a sua vontade com a vontade de Deus.

- C. Fuga de tudo que prejudica a influência de Deus — prontidão em desistir mesmo de coisas legítimas, se elas impedem o serviço a Deus e ao próximo.
- D. Busca explícita da bênção — uma expressão da decisão de pertencer totalmente a Deus.
- E. Consagração — dar tudo definitivamente a Deus — tempo, talentos, riquezas, o passado, o presente e o futuro; entrega completa a Deus.
- F. Fé adequada — aceitação do dom de Deus, da plenitude do Espírito, deixando-O controlar e dirigir a vida sem reservas.

III. SANTIFICAÇÃO CONTÍNUA (crescimento na graça)

- A. Andar continuamente na luz — reconhecimento de faltas ou omissões; agradecer a Deus todas as coisas boas; aceitação alegre da Sua vontade e direcção.
- B. Desenvolvimento, pela graça, das virtudes de Cristo; uma vida de alegria, resplendor, paz e vitória.
- C. Sensibilidade crescente nas obrigações sociais e oportunidades de mostrar o amor de Deus aos outros.

IV. SANTIFICAÇÃO FINAL (glorificação)

- A. Dom de um corpo glorioso e perfeito, como o corpo ressurrecto de Cristo.
- B. Restabelecimento completo de tudo que foi perdido na queda de Adão.

TERMOS GERAIS DE SANTIDADE

1. *Batismo com o Espírito Santo* — sinónimo de inteira santificação; inclui a purificação moral do coração, mas dá ênfase à actividade positiva de Deus — capacitando para o serviço, etc.
2. *Perfeição cristã* — algumas vezes é usado como sinónimo de inteira santificação; porém, refere-se, geralmente, à vida — atitude e acção — de santidade.
3. *Plenitude do Espírito* — salienta a presença de Deus na vida do crente; dá ênfase ao aspecto progressivo e contínuo de uma vida cheia do Espírito. Há um batismo no sentido de purificação instantânea e capacitação.
4. *Santo* — condição de ser colocado à parte para o serviço de Deus — pessoas e coisas; condição ou estado de se encontrar moralmente puro e livre do pecado.
5. *Santidade* — exprime a condição ou qualidade do que é santo; a consequência de ser santificado; refere-se, geralmente, à vida de santidade.
6. *Santificar* — 1) Tornar sagrado ou santo; pôr à parte para serviço ou uso sagrado; consagrar por ritos apropriados; reverenciar como sagrado;
2) Ficar livre do pecado; purificar da corrupção moral ou poluição; tornar puro.
7. *Santificação* — acto e/ou processo pelo qual alguém se torna santo; é a actividade de Deus que purifica do pecado as afeições dos homens e as eleva ao sublime amor de Deus.

8. *Santificação* (inicial) — limpeza ou purificação da culpa do pecado; princípio da vida de santidade, simultâneo à regeneração.
9. *Santificação* (inteira) — limpeza ou purificação da contaminação ou espírito do pecado, subsequente à regeneração; este acto de Deus é instantâneo, pela fé; por ele o crente é purificado dos seus pecados e repleto do amor de Deus.
10. *Santificação* (contínua) — purificação de momento a momento, em obediência e fé; actividade contínua de Deus no cristão, capacitando-o a progredir e crescer na vida de santidade.
11. *Amor perfeito* — é a expressão do espírito e temperamento, ou atmosfera moral em que vive aquele que está inteiramente santificado (J. A. Wood); é total submissão à vontade de Deus e busca activa do bem-estar dos outros, mesmo inimigos.

TERMOS RELACIONADOS COM A SANTIDADE

1. *Adopção* — acto de Deus pelo qual alguém entra na família de Deus e se habilita a todos os direitos, privilégios e herança da filiação. Tem lugar na conversão.
2. *Redenção* — obra reconciliatória de Deus que ficou completa com a morte do Seu Filho no Calvário.
3. *Mente carnal* — espírito desregrado do homem; egoísmo desordenado que não está sujeito à lei de Deus; espírito contrário ao espírito de Cristo.
4. *Consagração* — acto de se colocar à parte para o serviço de Deus, sendo-se capacitado pela Sua graça. Embora quem procure a salvação se dedique totalmente a Deus, tanto quanto é capaz e cõscio, tecnicamente este acto só é possível à pessoa regenerada.

5. *Depravação* — mostra a perversão pecaminosa da natureza do homem, a qual afecta todos os membros da família humana; a corrupção, ou espírito de degeneração, ainda permanece após a conversão.
6. *Erradicação* — acto de Deus pelo qual o pecado é removido, destruído, purificado. Embora a palavra não seja encontrada na Bíblia, exprime o conceito bíblico de “crucificado”, “desprezado”, “purificado”, “separado”, etc.
7. *Glorificação* — perfeição física dada ao homem no último dia, a exemplo do corpo ressurrecto de Cristo.
8. *Fraquezas* — referem-se à fragilidade da natureza humana, provenientes da queda do homem e do seu comportamento pecaminoso. Elas ocasionam, por vezes, enganar, erros de julgamento e acções erradas. Embora essas “deficiências” não sejam, estritamente falando, pecado, precisam do perdão de Cristo e de ser abrangidas pela Sua redenção.
9. *Justificação* — acto de Deus pelo qual o homem é perdoado dos seus pecados e aceite por Deus. Dá-se na conversão.
10. *Pecado original* — descreve a fonte dos pecados, a corrupção da natureza que dá origem a manifestações exteriores do pecado; também chamado pecado “inato” ou de “nascimento”.
11. *Regeneração* — acto de Deus pelo qual o homem se torna nova criatura, nascido do alto ou do espírito, elevado da morte do pecado para uma nova vida em Cristo. É simultânea à justificação e adopção.
12. *Pecado (pecados)* — acções exteriores ou atitudes interiores que provocam culpa, requerendo absolvição ou perdão.
13. *Pecado (pecabilidade)* — corrupção ou espírito desregrado que insiste em seguir o seu próprio caminho, exigindo purificação.

OUTROS TERMOS USADOS NESTE ESTUDO

1. *Imanência* — quando aplicada a Deus, refere-se à Sua proximidade, acessibilidade, presença entre os homens e na história.
2. *Soteriologia* — vem de duas palavras gregas que significam “salvação” e “estudo de”. Portanto, é o “estudo da salvação” providenciada e efectuada por Cristo.
3. *Transcendência* — quando aplicada a Deus, diz respeito à Sua majestade e glória, Sua “diversidade” em relação ao homem. O Seu poder e pureza transcendem a compreensão humana.

SANTIDADE: POSSIBILIDADE DE SEMELHANÇA COM DEUS

“A essência da verdadeira santidade consiste na conformidade com a natureza e vontade de Deus” (Samuel Lucas).

O conhecimento do que Deus requer e de como satisfazer os Seus requisitos deveria captar a atenção de toda a pessoa sensata. As Escrituras não deixam dúvidas quanto ao que Deus espera do homem. Tanto o Velho como o Novo Testamento revelam a Sua exortação: “Sede santos, porque eu sou santo” (Levítico 19:2; I Pedro 1:16).

Porém, este padrão divino não é arbitrário nem caprichoso. Deus oferece o que requer. O Seu amor precede a Sua lei. O registo completo da redenção é a história do zelo de Deus em capacitar o homem para voltar a ser como fora criado. O Seu desejo é formar “um povo santo”, liberto de todo o pecado, e reproduzir no homem a imagem divina.

À luz do apelo de Deus à santidade e dos meios providenciados para cumprir o requisito divino, é difícil compreender a confusão gerada à volta desta doutrina fundamental. Demasiadas vezes a opinião humana e a especulação têm suplantado as declarações da Palavra de Deus. Embora em pontos secundários haja lugar para várias interpretações, o caminho da santidade é suficiente-

mente claro para que qualquer penitente que busca a verdade o não venha a perder (Isaías 35:8).

Deus colocou perante a mente e coração do homem a Sua própria santidade, como incentivo à pureza e vida santa. Ele faz da Sua própria perfeição o padrão para a rectidão e perfeição relativa do homem. Assim, Jesus, a Revelação mais completa de Deus, declarou: "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48).

A maneira óbvia de se começar a descobrir o que significa a santidade para o homem, é ponderando acerca da santidade de Deus como se encontra nas Escrituras. Devemos lembrar-nos porém, que o pensamento abstracto não é característico dos escritores bíblicos. Eles ensinaram em termos concretos da vida diária e chegaram a conhecer o Deus vivo, como Se revelou pessoalmente a Si mesmo nos acontecimentos das suas vidas e história.

Para tratar da santidade de Deus, pois, não basta considerar alguns aspectos da existência de um Deus afastado do homem. É preciso examinar o que Deus é, olhando para as vias através das quais Ele se manifesta ao homem e (como faremos especialmente no capítulo 4) observando a morte e ressurreição de Jesus, a encarnação viva da semelhança com Deus.

Fazendo assim, seremos capazes de ver o plano de Deus para o Seu povo —o que Ele deseja que sejamos e façamos, pois a Sua santidade é o *padrão* assim como a *possibilidade* e o *poder* de ser semelhante a Deus.

A SANTIDADE DE DEUS

A declaração mais sublime que o homem pode fazer de Deus é dizer que Ele é "santo". A santidade é o fun-

damento sobre o qual assenta todo o conceito de Deus. É o fundo e o “ambiente” nos quais se desenvolve certa compreensão da actividade divina. Todas as doutrinas da salvação têm a sua base na santidade de Deus.

Um conhecimento adequado da santidade do homem pressupõe a existência de um Deus santo, cujo objectivo é tornar o homem participante da Sua santidade. Não há maior dom que possa ser oferecido ao homem que o de partilhar da vida divina — da natureza santa de Deus.

Todavia, conquanto decisiva para a vida humana, por mais que a compreendamos, nunca poderemos descrever plenamente esta qualidade do carácter de Deus. Isto é devido a que a santidade de Deus não é apenas um dentre muitos dos atributos divinos. É uma característica tão inerente a Deus, que faz parte da própria natureza da Divindade. Negar a santidade de Deus é negar a realidade sagrada do próprio Deus.

A principal palavra hebraica para “santidade” é qodesh a qual, com as suas congéneres, aparece no Velho Testamento mais de 830 vezes. É a mais íntima entre todas as palavras usadas em referência a Deus. Tem “a ver com as coisas e questões em que Deus e o homem estão juntamente envolvidos, aquele terreno fronteiro onde se pode dizer que o humano e o divino se sobrepõem”.¹ Portanto, abordemos o nosso estudo da santidade de Deus com um espírito de profunda reverência e temor.

A. A Santidade de Deus É Única

Bom indício de um dos significados da palavra santo, referente a Deus, é o seu uso litúrgico. Um dos primeiros hinos da maioria dos hinários é: “Santo! Santo! Santo! Senhor Magnificante”. E a terceira estrofe diz: “Tu somente és santo, cercado de esplendores, perfeito em pureza, poder, glória e amor”.

Este aspecto da santidade de Deus, a Sua singularidade, está expresso em várias passagens escriturísticas: “Ó Senhor, quem é como tu . . . glorificado em santidade?” (Êxodo 15:11); “A quem, pois, me fareis semelhante, para que lhe seja semelhante? diz o Santo” (Isaiás 40:25); “Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo” (Apocalipse 15:4). A declaração bíblica que “homem nenhum verá a face de Deus e viverá” (Êxodo 33:20), manifesta o temor que inspira a santidade divina.

1. Santidade e Transcendência de Deus

Estes versículos mostram a majestade, a glória, a soberania e o mistério insondável que caracterizam apenas a divindade. Só Deus é santo. Não existe santidade a não ser a que se encontra no próprio carácter de Deus ou a que Ele vai repartindo com as criaturas.

A santidade de Deus diz respeito à Sua “diversidade” em relação ao homem, à distinção entre o Criador e a criatura. Oseias expressou-o nas palavras do Senhor: “Porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti” (11:9). A palavra hebraica para “santo” (*qadosh*) tem o significado original de *algo separado*. Embora santidade signifique diferença entre Deus e o homem, refere-se positivamente ao que é de Deus e não negativamente ao que não é do homem.

“Deus é independente e distinto, porque é Deus. Ele não está separado disto ou daquilo devido a qualquer dos Seus atributos ou qualidades. Uma pessoa ou coisa pode ser separada por se tornar pertença de Deus.”²

2. Santidade e Serviço de Deus

Por tal razão, a santidade é atribuída a pessoa ou coisas só em sentido derivativo. Quando a Bíblia fala de lugares santos, homens santos, etc., significa que estão separados, “santos ao Senhor”. Isto é, pertencem a Deus; são canais da Sua relação com os homens.

A palavra *separado*, quando usada para exprimir santidade, designa "separado para", assim como "separado de". A separação não é um fim em si mesma. Tem sempre um propósito distinto e positivo.

Esta verdade traz implicações importantes à santidade do homem. A separação incluída na santidade (ou santificação) de pessoas ou coisas não é simples afastamento *de* algo. Quando aplicada a coisas, "santidade" não indica separação, no sentido de "estar à parte". Significa sempre "separado para a divindade, ou pertencente à esfera do divino".³

Quando a "santidade" é atribuída ao povo de Deus, implica separação do que é comum, do mundo, *com o propósito de pertencer a Deus*. É separação para um alvo mais elevado, para servir ao próximo.

B. A Santidade de Deus É Pura

Os profetas e escritores do Novo Testamento deram ênfase ao carácter moral e pessoal da santidade de Deus. Isaías declarou: "Porque, assim diz o alto e o sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o coração dos contritos" (57:15).

Habacuque afirmou a santidade de Deus ou pureza moral, a Sua repugnância pelo homem impuro (ainda que se admirasse da demora de Deus em julgar): "Tú és tão puro de olhos que não podes ver o mal, e a vexação não podes contemplar" (1:13). O Salmista fala energeticamente do atributo moral da santidade de Deus: "Tu amas a justiça e aborreces a impiedade" (45:7).

Deus é *absolutamente* santo, porque possui na Sua própria natureza todas as virtudes morais possíveis, excluindo toda a espécie e grau de perversão moral. A santidade em Deus é a Sua natureza justa, a qual faz que Ele deteste o pecado e preze a pureza. Instiga-O a rejeitar

toda a perversão moral, consistente com a responsabilidade e a liberdade do homem. A completa separação moral de Deus está em oposição a tudo quanto é pecaminoso e profano, a tudo quanto é contrário à Sua natureza justa.

1. *Afastamento do pecado*

O significado principal do ensino escriturístico sobre a santidade referida a Deus é a Sua separação do pecado. Nenhum pecado pode ser admitido na presença imediata de Deus. Quando o Salmista perguntou: "Quem estará no seu lugar santo?" A resposta foi: "Aquele que é limpo de mãos e puro de coração; que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente" (24:3-4).

Jesus e o escritor aos hebreus exprimem a mesma verdade: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8); "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14).

Mas Deus não está só separado do pecado; opõe-Se a ele eternamente. O pecado é precisamente o contrário da Sua natureza. Sendo Deus santo, procura banir do Seu universo o pecado. Por causa da Sua natureza santa, vê-se através das Escrituras o juízo de Deus sobre o pecado. Em nenhum lugar se encontra isto revelado mais claramente que no Calvário, onde um Deus santo julga o pecado. "Um Deus santo, separado do pecado, não poupou o próprio Filho, quando esse Filho, que não conheceu pecado, se fez pecado por nós e sofreu o castigo dos nossos pecados, os pecados do mundo."⁴

Visto que a santidade de Deus designa a Sua pureza em contraste e oposição a tudo que é corrupto ou impuro, ela excede a Sua Majestade, para incluir a Sua perfeição moral. "Santidade imaculada está tão arreigada na ideia cristã de Deus que, se o atributo de pureza pudesse ser desligado do Seu carácter, o conceito da Suprema

Divindade desapareceria completamente.”⁵

2. *Impureza do homem*

A clássica passagem bíblica em que a santidade de Deus é descrita como pureza encontra-se em Isaías 6. O porta-voz de Deus para Judá lamenta, no templo, a morte do rei Uzias. Prostrado ante o Senhor, teve uma visão da santidade de Deus: “Eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo. Os serafins . . . clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória. E os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e a casa se encheu de fumo”.

Um conceito vívido da pureza divina despertou no grande profeta uma compreensão penitente da sua impureza pessoal e levou-o a confessar: “Ai de mim, que vou perecendo! porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios: e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!” (6:5).

Assim como as sombras são escuras em comparação com o brilho do sol, do mesmo modo a depravação do coração humano é realçada ao se comparar com a santidade divina. O temor de Isaías perante a majestade de Deus despertou profundo reconhecimento e confissão do pecado, resultando em purificação divina. Um dos serafins tirou do altar uma brasa viva e tocou a boca do profeta, dizendo: “Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado” (6:7).

Isaías notou, também, que o séquito de Deus enchia o templo, salientando a Sua imanência. Ele estava não só num trono alto e sublime, mas também próximo e acessível. A santidade é requerida em virtude de Deus ser transcendente e puro; é possível porque Ele é imanente e bom.

3. A Glória de Deus

A experiência dramática de Isaías ilustra um novo conceito ligado à santidade de Deus. Relacionada com a presença divina, santidade encerra o conceito de *esplendor*. Aqui é bem patente a afinidade com a ideia de "glória". Numerosas passagens falam de santidade em relação ao esplendor e presença de Deus; é exemplo a da sarça ardente, em que se fala de "terra santa" (Êxodo 3:5). A presença de Deus no tabernáculo ou no templo manifestava-se por um esplendor ardente que enchia o local de adoração (Êxodo 40:34-38; II Crônicas 7:1).

A coluna de fogo era para Israel indicação da presença de Deus (Êxodo 14:24). O livro de Ezequiel usa, por vezes, a palavra "santidade" ao representar a glória divina como "presença luminosa e resplandecente" (10:4). Na dedicação do templo de Salomão "uma nuvem encheu a casa do Senhor. E não podiam ter-se em pé os sacerdotes, para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a casa do Senhor" (I Reis 8:10-11). Mais tarde a tradição judaica testemunhou desta experiência e da presença manifesta do Senhor, como a Sua "Shekinah", ou glória.

Deus quer que "toda a terra se encha da Sua glória" (Salmo 72:19), que os homens conheçam e confessem o Seu nome (Filipenses 2:10-11). O Seu santo nome e a Sua glória são inseparáveis. A revelação do Deus Santo atinge a sua finalidade quando a "glória do Senhor" é "reflectida" nos corações dos crentes (II Coríntios 3:18). Existe, pois, uma qualidade moral na ideia da glória de Deus, visto que na santa presença do Senhor, alguém se torna consciente da sua própria impureza e indignidade, da sua inaptidão em irradiar ou reflectir a glória divina.

C. A Santidade de Deus É Justa

Os profetas do século oitavo (a.C.) — Amós, Oseias,

Isaías e Miqueias — deram uma nova dimensão ao significado da santidade de Deus. Em si mesmas, as palavras “santidade” e “santo” não aparecem amiúde nos seus escritos, à excepção de Isaías. No entanto, cada um deles reiterou o facto de que Deus, por Sua verdadeira natureza (isto é, por causa da Sua santidade), exige dos Seus adoradores um comportamento adequado e não ficará satisfeito com menos.

1. O Carácter Ético da Santidade

Isaías relacionou, clara e especificamente, a santidade com a justiça: “Mas o Senhor dos Exércitos será exaltado em juízo; e Deus, o Santo, será santificado em justiça” (5:16). O termo “exaltado” é equivalente ao significado da palavra hebraica “ser santificado”. Por isso, o profeta foi dizendo que a santificação ou consagração ao Deus santo é feita em “justiça”. Isto é, os homens verão no seu meio a santidade de Deus pela exaltação ou demonstração de um comportamento recto.

A seu modo, cada profeta associou a santidade com a justiça. Amós condenou aqueles que oprimiam o pobre e que não viam que o suborno e a corrupção, com perversão da justiça entre os homens, é negação do testemunho e prática religiosa. À luz do mandato de Deus em “odiar o mal e amar o bem”, Amós orou com fervor: “Corra, porém, o juízo como as águas, e a justiça como o ribeiro impetuoso” (5:24; 2:6-8; 5:7-10, 21-23).

Oseias queixou-se que não havia fidelidade em parte alguma, “nem verdade, nem benignidade (lealdade), nem conhecimento de Deus na terra” (4:1). Manifestou o padrão de Deus para o comportamento social: “Porque eu quero misericórdia e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos” (6:6). Por causa do povo, Deus não aceitaria sacrifícios (8:11, 13).

Isaías observou que o povo honrava Deus com os lábios, mas não com o coração. Chamavam ao mal, bem;

e ao bem, mal. Onde o profeta buscava juízo, encontrava opressão; e, em vez de justiça, ouvia clamores. Por toda a parte os homens eram malfeitores, praticando a embriaguês, o suborno e a corrupção (1;23; 5:7, 11-12, 20, 22; 29:13).

Como Amós, Miqueias acusou o rico de oprimir o pobre; e falou contra aqueles que, deitados, despertam de noite para matutar novos esquemas em roubar o pobre do pouco que tem. Até os sacerdotes e profetas andavam à busca de tudo a que podiam deitar a mão, pensando só em acumular riquezas. Miqueias deu um bom sumário da pregação desses profetas na sua famosa passagem: "Com que me apresentarei ao Senhor, e me inclinarei ante o Deus altíssimo? Virei perante ele com holocaustos? . . . Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?" (6:6, 8; 2:1-2; 3:11).

O caso é que esses profetas tinham uma compreensão da justiça derivada do seu conhecimento de Deus e da Sua santidade. Eles não julgavam a conduta humana simplesmente por um código ético. O seu padrão era o que eles conheciam da natureza do próprio Deus.

2. *Justiça e Amor*

Deus, sendo recto e justo, exige do homem as mesmas virtudes. Se a Sua santidade encerra justiça, então o homem não pode ser aceite por Deus enquanto viver em pecado ou tolerar a injustiça. Viver como se a religião fosse uma coisa e os "negócios" ou a "política" fossem outra, como dois mundos que nunca se encontram, é afronta ao Deus santo, sujeita ao Seu julgamento.

O "Código de Santidade" (Levítico 17 — 26) mostra a mesma unidade indissolúvel entre a adoração e o trabalho, a devoção religiosa e a ética, combinando a lei ritual com a lei moral. As obrigações daí provenientes, tais

como: "Amarás o teu próximo, como a ti mesmo: Eu sou o Senhor" (19:18), mostram que a única santidade aceite por Deus é a que envolve relações correctas e justas com todos os homens.

Esta ênfase ética continuou no Novo Testamento, o qual também compara a santidade ou pureza moral com a conduta recta. A linguagem é explícita: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade" (Colossenses 3:12); "Pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia, e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça, para santificação" (Romanos 6:19); "Ninguém oprima ou engane o seu irmão em negócio algum . . . Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação" (I Tessalonicenses 4:6-7); "Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus" (II Coríntios 7:1); "E o Senhor vos aumente e faça abundar em amor uns para com os outros, e para com todos . . . para que sejais irrepreensíveis em santidade, diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Tessalonicenses 3:12-13).

A SANTIDADE DE DEUS E DO HOMEM

A santidade de Deus refere-se a duas verdades fundamentais respeitantes ao Seu ser: (1) *Deus é separado, único, distinto*. A Sua santidade está relacionada com a Sua transcendência ou "diversidade" em relação ao homem (não confundir com distância ou "lonjura"). Deste modo o homem permanece diante d'Ele com temor e reverência. (2) *Deus é puro, recto e justo*. Este aspecto da

Sua santidade demonstra a Sua imanência ou proximidade, pois Ele deseja compartilhar com o homem a Sua pureza. Por isso, o homem deve curvar-se perante Ele em confissão e arrependimento.

R. F. Weidmer afirma: "Encontram-se duas coisas na santidade divina: 1) Deus conserva-se à parte e em oposição ao mundo; e 2) remove essa oposição por uma dádiva redentora de comunhão com Ele".⁶ Deus quer que o homem seja cheio da Sua glória e tenha parte nesse atributo que é exclusivamente Seu. "Assim, a santidade de Deus é a base da auto-comunicação consumada no amor".⁷ O Santo por excelência é o Redentor ou Salvador!

Não obstante na Sua santidade Deus estar separado e ser "diferente", ainda anela entrar numa relação pessoal e íntima com o homem e repartir com ele a Sua glória e pureza. Referindo-se a este paradoxo, H. Orton Wiley escreveu que "o amor de Deus é, de facto, o desejo de comunicar santidade; e esse desejo só é satisfeito quando os seres alcançados se tornarem santos".⁸

Esta intenção benevolente existiu em Deus, eternamente, antes da fundação do mundo (Efésios 1:4). Deus não só cria no homem o desejo da Sua santidade, mas também providencia os meios para a sua concretização. Na verdade, todo o trato com os Seus filhos tem por fim inculcar neles a santidade — formar um povo santo. Ele até nos corrige "para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade" (Hebreus 12:10).

Encontram-se no Velho e Novo Testamento dois temas principais testificando da verdade irresistível de que Deus deseja compartilhar com o homem a Sua santidade, Sua natureza ou pureza. São: a ideia do concerto; e a criação do homem à imagem de Deus.

A. O Gracioso Concerto de Deus

A doutrina da eleição, notável conceito bíblico, ba-

seia-se na santidade de Deus. Os “santos” são os “eleitos” (I Pedro 1:2). Os “eleitos”, os que “Lhe pertencem”, são todos aqueles que “O recebem” na Sua revelação, que correspondem à oferta e condição do Seu pacto (João 1:12).

O concerto do Sinai estabeleceu Israel como uma unidade nacional e, desde então, a religião judaica passou a ser a religião do povo escolhido de Deus. Israel unido tornou-se um “povo santo”. Deus disse a Israel: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto, então sereis a minha propriedade peculiar de entre todos os povos: porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo” (Êxodo 19:5-6).

1. O Requisito de Obediência

O próprio Deus foi o originador do concerto. Estabeleceu sozinho os seus termos e redigiu os preceitos a que Israel devia obedecer, para que o pacto se mantivesse. Pelo concerto, Israel foi admitido à esfera da vida de Deus e, assim, *santificado*. Admitir Israel não significa que Deus renunciasse à Sua própria santidade, mas que Israel fora *santificado* na *comunhão* com Ele.⁹ A santidade de Israel, portanto, foi um dom condicionado à sua contínua obediência.

O facto de Deus prescrever as condições em que o concerto seria válido é indicativo da Sua santidade e justiça, as quais providenciam a norma absoluta para determinar o que está certo e o que está errado. Tudo o que concorda com a Sua santidade é justo; e o que não está de acordo é errado. As exigências da lei moral, com as consequentes punições decretadas contra os transgressores da lei, são manifestações da santidade de Deus (ver por exemplo, Ezequiel 18:4).

2. Um Povo Santo

Deus, que é santo, quer e procura um povo santo.

Por tal motivo, Ele escolheu Israel e constituiu a Igreja, o novo Israel, para ser *separada, dedicada, consagrada* ou *posta à parte* para uma função peculiar, para Sua glória.

Nesta ideia de um povo santo, vemos um dos significados principais da palavra "santo". Indica, como sugerido antes, estar "*consagrado ao serviço de Deus*". Este conceito de santidade, geralmente referido como "santidade cerimonial", algumas vezes na Bíblia é aplicado ao templo, a coisas e, até, a pessoas (v. g., Êxodo 3:5 — "terra santa"; Êxodo 35:2 — "o sétimo dia vos será santo"; Levítico 27:30 — "dízimo santo"; II Crônicas 35:13 — "ofertas sagradas"; Actos 3:21 — "santos profetas"; Efésios 3:5 — "santos apóstolos e profetas"). Em semelhantes casos o adjectivo "santo" significa "possuído por Deus", ou "dedicado a Deus", e não implica qualidade moral em si, embora lhe esteja relacionado algum conteúdo ético.

O verbo "santificar" indica "tornar santo" e é aplicado tanto a coisas como a pessoas (v. g., Êxodo 29:36 — "altar"; Deuteronomio 5:12 — "dia de sábado"; Êxodo 19:22 — "sacerdotes"; Mateus 23:19 — "altar que santifica a oferta"; I Coríntios 7:14 — "o marido descrente é santificado pela mulher"; João 10:36 — "aquele a quem o Pai santificou"; 17:19 — "por eles me santifico a mim mesmo" (Cristo). A palavra "santificar" neste sentido é virtualmente equivalente às palavras *consagrar* ou *pôr à parte*. Por vezes, usado neste sentido restrito, diz-se que são os crentes que processam tal santificação (I Pedro 3:15).

O desejo de Deus e a promessa de um povo santo, apresentados no Novo Testamento, cumprem-se na Igreja Cristã:

Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido [literalmente, "um povo que Lhe pertence"], para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, que em

outro tempo não éreis povo, mas que agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia (1 Pedro 2:9-10).

3. Separados por Deus

Como “santo” no Velho Testamento é usado tanto para Deus como para o povo que o Senhor separou de entre as nações, assim, no Novo Testamento, as palavras relacionadas com “santo” descrevem a Igreja separada do mundo. O termo *hagios* (literalmente, “santificados”) é traduzido por “santos” em certas versões. Paulo tratava, geralmente, os crentes do Novo Testamento por “santos” (Romanos 1:7; Efésios 4:12).

Em conformidade com a ênfase do Velho Testamento sobre a santidade como separação, todos os membros da Igreja, os que têm sido batizados em Cristo, são “santificados em Cristo Jesus” (I Coríntios 1:2). Podemos concluir com a teologia da Reforma que todos os cristãos são “santificados” em virtude de estarem em Cristo, no sentido de se encontrarem separados do mundo e devotados a Deus.

George Allen Turner salienta que “isto significa atribuição de *santidade* a pessoas (ou coisas) em virtude de *relação* com a Divindade, resultante de separação do que é comum e impuro e dedicação a Deus”.¹⁰ Tem sido chamada “santificação de posição”.

4. O Novo Concerto

Até aqui o significado de “santidade” e “santificação” é essencialmente o mesmo em ambos os Testamentos. No entanto, o Novo Testamento desenvolve uma ideia que germinou no Velho, mas foi só lenta e parcialmente compreendida pelos escritores antigos.

O autor de Deuterónimo expressa, claramente, que Deus quer um povo santo, um “povo que é Sua herança” (4:20; 7:6-8; 9:29). A ideia de povo santo foi desenvolvida pelos profetas, que combinaram com ela o conceito do

“remanescente de Israel”, como uma comunidade santa (Isaías 10:20-22; Jeremias 23:3; 31:7; Amós 5:15; Miqueias 1:7). Jeremias foi mais além e prometeu um novo concerto aplicado, apenas, ao remanescente santo e que se cumpriria com a vinda de Cristo:

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei um concerto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito; porquanto eles invalidaram o meu concerto, apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: *Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo (31:31-33).*

Sob o novo concerto Deus lidaria com os motivos básicos da acção humana. A religião deixaria de ser simplesmente exterior; o seu carácter interior seria a nota dominante. Antes, as leis de Deus tinham sido escritas em placas de pedra; sob o novo concerto, seriam escritas no coração, de modo que os homens responderiam a Deus do mais íntimo do seu ser.¹¹

A voz de Ezequiel repetiu, de forma diferente, a mesma promessa do Senhor:

Então espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados: de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos, vos purificarei. E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo, e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis os meus juízos, e os observeis (36:25-27).

5. Santidade Pessoal e Interior

Em cumprimento destas profecias, no Novo Testamento o sentido *principal* de santidade é *interior*, evidenciado exteriormente por uma conduta santa. O templo considerado santo é formado pelos membros da “fa-

mília" de Deus, sendo o próprio Jesus Cristo "a principal pedra de esquina" (Efésios 2:19-20). O "sacrifício santo" é o "sacrifício vivo" do corpo dos crentes (Romanos 12:1). A purificação moral ou santificação ética do coração do pecador (Actos 15:8-9) é central no novo concerto e compreende uma renovação interior de si mesmo (João 17).

Através do novo concerto, Deus separa para Si mesmo um povo, por meio da redenção que há em Jesus Cristo (I Coríntios 1:30-31). Por isso, o autor aos hebreus cita a profecia de Jeremias: "Porei as minhas leis nos seus corações, e as escreverei nos seus entendimentos". Depois, acrescenta:

E jamais me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades . . . Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa (10:17, 19-22).

*Assim declarou ao Filho dizendo:
Contigo faço hoje o Meu concerto;
Em Ti se alegrarão os pecadores,
Pois lhes darás da Tua graça e glória.*

*O Meu concerto nunca revogarei,
Mas sempre lembrarei a Minha graça;
O que o amor eterno determinou,
Pela verdade eterna permanecerá.*

—Isaac Watts

B. O Homem à Imagem de Deus

O principal aspecto da concepção do homem no Velho Testamento é que foi criado à imagem de Deus,

conforme à Sua semelhança (Gênesis 1:26; 5:1; 9:6b; Salmo 8:5). Embora a figura do Pai e do filho tenha sido raramente usada pelos escritores do Velho Testamento para representar a relação entre Deus e o Seu povo, as expressões “à imagem de Deus” e “à semelhança de Deus” (que, essencialmente, significam o mesmo) descrevem a relação íntima entre pai e filho, como em Gênesis 5:3, onde se diz que o filho de Adão foi gerado “à sua semelhança, conforme à sua imagem”.

1. Os Filhos de Deus

Em todo o Novo Testamento a relação de Deus com aqueles que fazem a Sua vontade vem expressa pela figura do pai e do filho:

A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos *filhos de Deus*, aos que crêem no seu nome (*João 1:12*). Assim, já não és mais servo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro de Deus, por Cristo (*Gálatas 4:7*). Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai; que fôssemos *chamados filhos de Deus* (*I João 3:1*). Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; para que sejais irrepreensíveis e sinceros, *filhos de Deus*, inculpáveis, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo (*Filipenses 2:14-15*).

2. Conforme à Imagem de Cristo

Em virtude de ser criado à semelhança de Deus e de se tornar Seu filho pela redenção, o homem deve ser semelhante a Deus. No princípio Deus amava tanto a santidade e pureza moral que resolveu criar o homem, inicialmente, segundo esse protótipo glorioso. Assim, o homem foi criado santo, com a capacidade de possuir a imagem divina. Embora tenha caído no pecado e perdido o aspecto moral e espiritual dessa semelhança, o propósito original de Deus permanece imutável. Por isso, enviou Seu Filho, “Cristo, que é a *imagem* de Deus” (*II Coríntios 4:4*), para restaurar a primitiva, mas agora perdida, rectidão da natureza humana.

O protótipo original — a imagem de Deus, perfeitamente conhecida em Jesus — é o padrão divino e a possibilidade maravilhosa para o homem. Somos advertidos desta grande verdade por Paulo: “E vos revistais do novo homem que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:24). O “novo homem” é o carácter moral de Deus, a espiritualidade da Sua natureza, segundo revelada em Jesus Cristo.

Em Cristo nós temos “grandíssimas e preciosas promessas para que, por elas, fiquemos *participantes da natureza divina*, havendo escapado da corrupção que, pela concupiscência, há no mundo” (II Pedro 1:4). N’Ele fomos eleitos “para sermos conformes à *imagem de Seu Filho*” (Romanos 8:29).

Ser à imagem de Deus, para compartilhar da Sua santidade, é ser transformado na *imagem de Cristo*, “porque nele habita, corporalmente, toda a plenitude [incluindo a santidade] da divindade” (Colossenses 2:9). Por essa razão, somos exortados: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Filipenses 2:5).

A necessidade básica de todo o homem, quer esteja ou não ciente disso, é ser “à imagem de Deus”. Daví expressou, eloquentemente, este anseio universal: “Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; satisfazer-me-ei da tua semelhança quando acordar” (Salmo 17:15). Onde a semelhança de Deus não é reimpressa na alma, não há satisfação permanente. Onde está presente, há um sentimento íntimo de realização, paz do coração e “repouso” da fé (Hebreus 4:9).

CONCLUSÃO

Estas ideias fundamentais das Escrituras — o concerto

e a imagem de Deus — englobam duas grandes verdades que, à primeira vista, parecem excluir-se mutuamente; mas que juntas elucidam uma visão equilibrada da santidade de Deus. Por um lado, Deus ao iniciar o concerto, chamou a Si “um povo santo”. Como é único e distinto do homem quanto à Sua santidade, também requer que o Seu povo esteja à parte, separado para os Seus propósitos.

Por outro lado, criando o homem à Sua própria imagem e oferecendo a possibilidade de o recriar em Jesus Cristo, Deus *comparte* com o homem a Sua santidade. Como Ele é puro e justo, assim espera que o homem seja espiritualmente puro e moralmente justo. A santidade divina envolve a acção positiva de Outra Pessoa, que procura, continuamente, tornar o homem à Sua semelhança.

*Espírito eterno, escreve a Tua lei
No mais recôndito das nossas almas
E permite que o Segundo Adão imprima
Nos nossos corações a Sua imagem.*

—Isaac Watts

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Indique alguns significados da santidade de Deus. Quais são as suas implicações para o homem?
2. Em que sentido é a santidade de Deus mais que um atributo?
3. Sendo Deus santo, qual é a Sua atitude para com o pecado? E para com o pecador? Como revela isso o Calvário?
4. Se a santidade requer separação, qual é o significado de uma vida “separada”?
5. Como podem os homens realçar a santidade de Deus?

6. Por que não pode haver verdadeira santidade sem relações correctas uns com os outros?
7. Que relação existe entre a santidade e o amor de Deus?
8. Em que sentido é o novo concerto superior ao antigo?
9. Que significa ser feito à "imagem de Deus"?

capítulo 2

PECADO: PERDA DA SEMELHANÇA COM DEUS

“A santidade em nós é a cópia ou reprodução da santidade que há em Cristo” (Phillip Henry).

Porque o amor de Deus O impele a compartilhar a Sua santidade, a Sua natureza, Ele criou “o homem à sua imagem” (Gênesis 1:27). Por toda a Bíblia se vê, implícita ou explicitamente, que o destino mais elevado do homem é patentear a imagem moral de Deus (v.g., Efésios 4:24, Colossenses 3:10).

Os termos “imagem” e “semelhança” são usados indistintamente nas Escrituras para mostrar a relação do homem com a divindade (Gênesis 1:26-27; 5:1, 3). Uma vez que “Deus é Espírito” (João 4:24), sem corpo ou substância física, ¹a imagem apresentada deve ser espiritual. Ser feito à Sua semelhança é possuir um carácter moral como o de Deus, ou à semelhança de Deus.

ALGO ACONTECEU

A santidade de Deus não lhe podia permitir criar um homem que não fosse bom (Gênesis 1:31), “perfeito” (Ezequiel 28:12, 15) e “recto” (Eclesiastes 7:29). Contudo, um simples relance à história ou à vida contemporânea nos mostrará que o homem é diferente do modo como, segundo a Bíblia, foi criado. Algo está drasticamente errado no homem, na raça humana. A fé cristã identifica

este “erro” com o “pecado”, a negação da santidade e oposição à natureza e carácter de Deus.

A narração bíblica afirma que o pecado é um intruso. Não é “original” no sentido de fazer parte da constituição primordial do homem. É uma perversão monstruosa e corrupção da esplêndida criação de Deus. Dizer o contrário seria tornar Deus responsável e contradizer o que conhecemos acerca da Sua santidade. O pecado é um elemento estranho, antagónico a Deus e aos interesses mais nobres do homem. Não é “sujeito à lei de Deus, nem em verdade, o pode ser” (Romanos 8:7).

MAS EXISTEM BOAS NOVAS!

As “boas novas” é que por Jesus Cristo Deus possibilitou nesta vida a libertação completa do pecado e a reprodução perfeita da Sua imagem de justiça e verdadeira santidade. Para apreciar e apropriar esta grande provisão, devemos compreender o significado e natureza do pecado. De outra forma existe o perigo de minimizar ou compreender mal a pessoa e obra de Jesus Cristo.

Por tal razão, J. B. Chapman observou que “o conceito do homem quanto ao pecado é fundamental para toda a sua reflexão e divagação em soteriologia”.² A doutrina do pecado é o centro à volta do qual está organizado o sistema teológico de cada pessoa.

Portanto, neste capítulo e no seguinte, consideraremos vários aspectos do pecado para melhor compreendermos a nossa “tão grande salvação” (Hebreus 2:3). Trataremos aqui: da queda do homem no pecado; da origem do pecado; do pecado como desobediência e rebeldia; da perda da imagem de Deus; do pecado de Adão e do pecado original.

A QUEDA DO HOMEM NO PECADO

Quando a Bíblia fala do pecado, normalmente, não

se refere ao episódio da Queda, apesar de estar implícito por toda a parte. Sem a aceitação da queda do homem, é impossível compreender o pecado como postulado da mensagem de redenção do Novo Testamento. Apenas uma humanidade *caída* precisa de um Redentor. Todo o conceito de pecado não fundamentado neste ensinamento, nega a sua existência ou minimiza a sua seriedade, tornando-o um facto natural ou, simplesmente, uma questão moral do indivíduo. Esta alternativa afirma que o homem, com tempo suficiente e condições favoráveis, pode, por seus próprios esforços, dominar o pecado ou eliminá-lo — reivindicação refutada por toda a história.

A natureza do pecado tem sido vista de muitos modos. Diz-se que o que é chamado “pecado” é ignorância; simples ilusão; falsa subordinação da razão aos sentidos; a transmissão de características animais provindas de estádios inferiores da vida; limitação necessária do ser finito; desnível social e económico que será corrigido por processos dialécticos da natureza; algo que provém do princípio eterno do mal; ou que é material e está directamente relacionado com a natureza sensual do homem. Todas estas teorias filosófico-humanistas falham em considerar o poder obstinado e o carácter pessoal do pecado envolvendo uma relação desfeita com um Deus santo.

A ORIGEM DO PECADO

Têm sido feitas muitas tentativas para explicar a origem do pecado. Nenhuma é satisfatória. Nem o podia ser, porquanto se a “causa” do pecado pudesse ser identificada, a sua responsabilidade seria transferida do homem para alguma origem anterior. Porém, a essência do pecado é a recusa do homem em aceitar responsabilidade, o que o leva sempre a culpar mais alguém ou algo

fora de si mesmo (Gênesis 3:11-13).

Basta dizer que o pecado é consequência do abuso e mau uso da liberdade do homem. Para além disso, a razão humana não alcança, e a revelação é silenciosa. O homem foi criado com capacidade e poder de auto-determinação ou escolha moral. Este dom traz consigo a faculdade de eleger o mal ou o bem. Todas as criaturas morais de Deus, tanto anjos como homens, foram dotadas de opção e de se poderem afastar das restrições de Deus e seguir o seu próprio caminho.

Isto é, Deus, que deseja uma resposta livre à Sua proposta de santidade e amor, criou o homem de tal maneira que o pecado era uma possibilidade. Por isso, o pecado é *pessoal* na sua origem. Embora outras coisas sejam obscuras, é evidente que a responsabilidade do pecado, tanto o seu início como o seu prosseguimento no homem, bem como a sua prática, depende do próprio homem.

PECADO COMO DESOBEDIÊNCIA E REBELDIA

Deus tornou conhecida a Sua suprema vontade a Adão e Eva, nossos primeiros pais. Mas estes, sob a influência de Satanás, contudo de livre vontade e, deste modo, num acto culpável, desobedeceram conscientemente à lei que Deus lhes dera para seu bem (Gênesis 3:1-6). O seu pecado consistiu na transgressão de uma lei. Não uma lei qualquer, ou lei geral, mas a lei de Deus. A opinião essencial e exclusiva da Bíblia é declarada pelo Salmista: "Contra ti, contra ti somente, pequei" (51:4). O pecado não é simples negligência de alguma ordem, é oposição ao Deus vivo! É o eu em rebelião contra a soberania de Deus!

Por isso, na narração da Queda, o pecado é retratado como *desobediência* a um Deus pessoal e santo, surgindo de *desconfiança* e *rebelia*. A motivação principal do

pecado “original” foi o desejo de ser “como Deus”. Adão queria ficar ao mesmo nível de Deus — para se tornar auto-dirigido e auto-confiante. Recusou reconhecer que a sua semelhança com Deus, a sua virtude, a sua santidade provinha de Deus. Portanto, o orgulho levou-o a desviar-se de Deus para si mesmo, insistindo nos “seus” próprios “direitos”.

“A raiz mais profunda do pecado é . . . a rebeldia espiritual de alguém que interpreta liberdade como independência. O pecado é emancipação de Deus, abandono da atitude de dependência, a fim de conseguir a independência total que torna o homem igual a Deus.”³ Embora o homem tenha sido criado para ser livre e semelhante a Deus, não pode ter liberdade e santidade à parte de Deus. A verdadeira liberdade e santidade no homem são dons provenientes de Deus (João 8:31-36).

PERDA DA IMAGEM DE DEUS

A queda no pecado destruiu a comunhão do homem com Deus, trazendo temor e culpa em vez de amor (Gênesis 3:7-10). Não continuaria mais a viver “à imagem de Deus”. O homem preferiu tornar-se à sua própria imagem, uma escolha que o privou de rectidão moral, de justiça, de santidade e de capacidade de fazer o que é recto (Jó 11:7-11; Jeremias 10:23; Romanos 7:15). H. Orton Wiley resumiu o efeito do pecado nos nossos primeiros pais:

As consequências imediatas do pecado do homem foram afastamento de Deus, escravidão de Satanás e perda da graça divina. O homem deixou de possuir a glória da sua semelhança moral com Deus . . . Privado do Espírito Santo como o princípio organizador do seu ser, jamais poderia gozar um escalonamento harmonioso das suas faculdades que, por isso, se tornaram desordenadas. Deste estado desordenado seguiram-se, como consequência, . . . o desejo carnal

*desregrado e a incapacidade moral ou debilidade na presença do pecado.*⁴

Antes da Queda, Adão “era capaz de não pecar”, por causa da graça e santidade provenientes de Deus. Depois da Queda, ficou *privado* da presença e poder de Deus e, portanto, “não era capaz de não pecar”.

A. O Dom da Graça Preveniente

A queda do homem foi, pois, de um “estado da graça” para um “estado da natureza”. Ele tornou-se homem “natural”. Mas Deus não o abandonaria nessa situação. Se toda a graça tivesse sido retirada e recusada, o homem teria cessado de ser uma criatura moral com responsabilidade. No entanto, esse homem totalmente “natural” não existe, uma vez que a graça preveniente de Deus (a graça que “se antecipa”) foi concedida ao Adão pecador e é dada a todos os homens do mundo, conferindo-lhes um certo grau de liberdade, responsabilidade e, até, capacitando-os a praticar actos de virtude.⁵

A graça preveniente restaura suficiente liberdade moral para o homem poder aceitar ou rejeitar a luz, seja a do evangelho ou a da natureza, e refrear os pecados ou crimes que destruiriam a ordem social. Quando falamos da *depravação total* do homem, como resultado da Queda, tomamos “total” no sentido de o pecado ter penetrado e pervertido todos os aspectos da vida do homem. Se o pecado fosse azul, todo o organismo humano teria algo azulado.

A corrupção do homem, porém, não é “total” no sentido em que não possa progredir na maldade, nem no sentido de a sua vontade não poder obedecer a Deus. Depravação total significa que o homem é completamente incapaz de, por si só, dominar o pecado. Não obstante, a graça preveniente de Deus restabelece nele certa

medida de liberdade, capacitando-o a aceitar ou rejeitar a salvação.

B. Imagem “Essencial” e Imagem “Espiritual”

Devido à graça concedida ao homem após a Queda — essa “Luz que alumia a todo o homem que vem ao mundo” (João 1:9) — os teólogos distinguem no homem entre a imagem “essencial”, “natural” ou “formal” de Deus; e a imagem “espiritual”, “moral” ou “material”. A imagem “essencial” é a que faz o homem ser homem, mesmo no seu pecado. Refere-se aos elementos da personalidade: inteligência, consciência, poder de escolha, imortalidade, capacidade de corresponder a Deus, etc. Estas são dádivas *indelévels* de Deus. A imagem “espiritual” do homem tem a ver com a sua santidade, a sua semelhança a Deus.

Na nossa discussão da “imagem de Deus”, deve ficar esclarecido que não nos referimos a uma coisa ou substância no homem. Antes, o termo é usado para descrever a relação entre o homem e Deus.

O homem não foi criado com o poder de escolher se deveria ser responsável para com Deus. É um facto estabelecido que ele é responsável. Nenhum grau de liberdade humana, nem seu abuso pecaminoso, o pode alterar. A responsabilidade é parte da estrutura imutável do ser humano. Este aspecto da natureza do homem, que constitui a sua humanidade, distinguindo-o de todas as outras criaturas, faz parte da significação de ser criado à imagem de Deus.

Esta imagem “essencial” ou “natural” não pode ser perdida enquanto o homem for homem. No entanto, tem sido tão danificada que o juízo do homem é defeituoso e o seu corpo está sujeito à doença e à morte. Não será restaurado totalmente até à outra vida, em que o

homem receberá um corpo glorioso conforme o corpo ressurrecto de Cristo.

O outro elemento da imagem de Deus — a imagem “espiritual” ou “moral” — foi *completamente* perdido e não, simplesmente, obliterado. Toda a Escritura afirma que o homem falhou em obedecer a Deus, como desejava o seu Criador e, assim, afastou-se da vida de Deus — da Sua santidade e amor. O homem moldou-se à sua própria imagem, em vez de ser à imagem espiritual de Deus, a qual ficou totalmente destruída na Queda.

Confundir estas interpretações da imagem de Deus pode conduzir-nos, teologicamente, a grande erro. Sem distinção adequada, alguém poderia pensar, erradamente, que a perda da imagem de Deus significa a perda da própria humanidade; ou que o homem não perdeu completamente a imagem, que só foi enfraquecida; ou que, enquanto alguém permanece humano não pode ser restaurado à imagem de Deus. Nenhuma destas hipóteses é aceitável. Afirmar a primeira seria dizer que o pecador não é realmente humano e, assim, não seria responsável moralmente. Aceitar a segunda ou a terceira vai de encontro aos ensinamentos das Escrituras.

O PECADO DE ADÃO E O PECADO ORIGINAL

O pecado de Adão afectou, de modo inexplicável, toda a raça humana. A experiência mostra que entre os homens o pecado é universal, e a Bíblia aponta uma relação íntima entre o pecado do primeiro homem e os de todos os homens. Paulo ensinou que “como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim, também, a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram” (Romanos 5:12; I Coríntios 15:45).

A. A Unidade da Raça

Não nos é dada nas Escrituras qualquer explicação da transferência do pecado de Adão às gerações seguintes. Mesmo Romanos 5:12, que à primeira vista parece providenciar uma interpretação, falha em o fazer. Paulo não procurou explicar a natureza do pecado (pelo menos não foi o seu propósito principal), ou como é transmitido. O seu objectivo era mostrar que Cristo conquistara a morte e trouxera vida e salvação do pecado.

Ao fazê-lo, o Apóstolo aludiu à Queda para afirmar que “em Adão” todos somos pecadores; “em Cristo”, todos somos remidos. A sua intenção era expôr a unidade da raça humana. Queria indicar que em Cristo vemos a humanidade unida no pecado, mas que esta unidade do género humano está substituída pela unidade dos redimidos. A referência a Adão, portanto, não é para procurar explicar a origem ou presença do pecado, nem para desculpar o homem do seu pecado. A referência a pecado de Adão e à sua relação com o homem dá ênfase à *universalidade* do pecado, a qual é confirmada tanto pelas Escrituras como pela experiência.

Embora Adão tenha caído sob a maldição da morte física e espiritual, e todo o ser humano nasça sob esta maldição, não sabemos como é transmitido o pecado. Várias teorias têm sido apresentadas para explicar a sua transmissão a toda a raça humana, mas todas contêm limitações. João Wesley apelou para a ligação entre Adão e a raça humana, referindo-se a Adão como uma “pessoa pública” e “o homem representativo”.⁷ Contudo recusou especular sobre o modo como a raça humana se envolveu no pecado. Comentou:

Se me perguntais como é propagado o pecado, como é transmitido de pai a filho, respondo, francamente, que não posso dizer; da mesma maneira que não posso dizer como se propaga um homem, como é transmitido um corpo de

pai a filho. Conheço ambos os factos, mas não posso explicar nenhum.⁸

B. Privação e Depravação

Alguns teólogos têm sugerido que o homem se tornou *depravado* por ter ficado *privado* do que originalmente lhe fora concedido. W. T. Purkiser, seguindo este pensamento, escreveu:

A resposta ao problema pode ser apresentada em parte, quando pensamos que no Éden Adão e Eva perderam, pelo seu primeiro pecado, a santidade em que foram criados, que lhes fora dada pela presença de Deus. Tornaram-se depravados por haverem sido privados da rectidão de Deus, por causa do pecado de desobediência e rebeldia. Não podiam transmitir o que não possuíam; por isso, a raça ficou depravada por estar privada da rectidão que os seus pais perderam . . . O pecado, como estado ou condição, é mais que ausência de rectidão; mas tem a sua origem na perda da santidade, precisamente como a cegueira resulta da perda da vista, e a escuridão, da ausência de luz.⁹

Seja o que for considerado, o ponto importante é que devido à transgressão de Adão, de alguma maneira real, embora desconhecida, “éramos por natureza, filhos da ira” (Efésios 2:3). Apesar de algumas versões dizerem que “todos têm pecado” (Romanos 5:12), à luz do aoristo empregado no grego, a melhor tradução é “todos pecaram”. Assim, em certo sentido, todos pecámos quando Adão pecou.

Para Paulo, Adão é racialmente significativo do mesmo modo em que o é Cristo. Portanto o Apóstolo contrasta Adão com Cristo em Romanos 5:12-21 e em I Coríntios 15:21-22. Como em Jesus Cristo todos fomos remidos, assim em Adão todos pecámos. Adão é não só o *primeiro* homem, mas também o homem “universal”. A mesma universalidade que em Cristo inclui todos os homens também os inclui em Adão.

Se estar “em Cristo” é ter o Seu espírito de abnegação, humildade, sujeição e obediência “até à morte” (Filipenses 2), estar “em Adão” é permanecer sob o controle do seu espírito de egoísmo, auto-exaltação, auto-serviço e auto-afirmação. Todo o homem tem a sua existência “em Adão” ou “em Cristo”.

C. Pecado Universal ou de Nascimento

Através da história do pensamento cristão, a Igreja tem proclamado que o pecado de Adão trouxe consequências graves à raça humana. A corrupção da raça encontra-se resumida no Artigo VII, condensado por Wesley para a Igreja Metodista da América, sob o título de “Pecado Original ou de Nascimento”:

O pecado original não consiste em seguir [o exemplo de] Adão (como dizem sem fundamento os pelagianos), mas é a corrupção da natureza de todos os homens que naturalmente descendem de Adão, pela qual se encontram bem longe da rectidão original e são pela própria natureza inclinados ao mal, e isso continuamente.

Tem-se originado muita confusão tanto à volta do termo como do significado de pecado de “nascimento”. Tecnicamente, a expressão *pecado original* refere-se ao primeiro pecado, o acto pessoal de Adão; e não às consequências raciais do pecado de Adão, que devem ser descritas pelo termo depravação *herdada* ou *universal*.

Além disso, o pecado original ou natureza pecaminosa do homem não deve ser confundido ou equiparado ao corpo, especificamente, à sexualidade ou concupiscência, como Agostinho se inclinava a fazer. O pecado original não é um facto biológico, mas espiritual. Nada tem a ver com os cromossomas e genes, mas com a verdade espiritual de que o pecado não é algo accidental. Também não é “uma coisa”, mas separação de Deus e resistência do homem para com Ele.

O homem, estando afastado de Deus, ama mais as trevas do que a luz da santidade (João 3:19). A comunhão perdida com Deus não pode ser recuperada sem o acto reconciliador do próprio Deus. O pecado original é uma rebelião implacável contra Deus, inseparável do homem até Cristo desatar os laços e o tornar livre.

O Novo Testamento expõe o que Deus fez para restaurar o estado perdido do homem e destruir o poder do pecado. Declara que Jesus, "que não conheceu pecado" (II Coríntios 5:25), é a verdadeira "imagem de Deus" (II Coríntios 4:4; Colossenses 1:15), a qual o homem readquire pela fé "em Jesus Cristo".

Embora a Bíblia ensine que a comunhão do homem com Deus fora completamente desfeita pelo pecado, ela não considera a natureza humana tão pecaminosa que não possa ser purificada e cheia do Espírito Santo nesta vida presente. Os laços do pecado no homem podem ser desfeitos.

*A graça descobriu o meio
De salvar o homem rebelde;
E todos os passos da graça
Traçam o plano da redenção.*

—Doddridge

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Por que é tão importante uma visão adequada do pecado para se compreender a doutrina da santidade?
2. Cite exemplos da vida contemporânea acerca da pecaminosidade do homem e da universalidade do pecado.
3. Quais são os resultados da negação da queda do homem?
4. Que significa a expressão: "O pecado é pessoal na sua origem"?
5. Há diferença entre querer ser igual a Deus, e

desejar ser à semelhança de Deus? Se existe, qual é?

6. Exponha as consequências do pecado nos nossos primeiros pais.

7. Defina “graça preveniente” e indique a sua importância.

8. Em que sentido pode a depravação ser compreendida como “total”?

9. Distinga entre a imagem “essencial” e “espiritual” de Deus.

10. Por que não podemos explicar como passa o pecado de uma geração à seguinte?

11. Que significa estar “em Adão”? E “em Cristo”?

SIGNIFICADO E NATUREZA DO PECADO

“A santidade é a harmonia da alma” (Phillip Henry).

O pecado de Adão foi de *desobediência e rebeldia* contra Deus. As suas acções e *espírito* opuseram-se a Deus, sendo contrários à santidade divina. Como resultado do pecado de Adão, todo o homem que nasce neste mundo cai, naturalmente, no pecado, pois é depravado e corrupto. Não vive à imagem de Deus. Como “filho da ira” traz a imagem de seu pai — o diabo (João 8:44). Não só peca, mas é pecador, voltando-se de Deus para si mesmo, para um falso centro ou princípio organizador da vida (significado principal de pecado “original”).

Estas duas interpretações do pecado circulam por toda a cristandade. A palavra “pecado” pode ser usada em qualquer dos dois sentidos: *transgressão* a um código moral, ou *rebelião* contra Deus e, assim, afastamento d’Ele.¹

O significado e a natureza do pecado serão tratados neste capítulo sob os temas seguintes: (1) A Natureza dupla do pecado nas Escrituras; (2) A interpretação wesleyana do pecado.

A NATUREZA DUPLA DO PECADO NAS ESCRITURAS

Esta dupla interpretação do pecado concorda com o que ensina a Bíblia. Quando usada como *verbo*, a palavra

“pecar” sugere um acto (algumas vezes um acto da mente), uma transgressão aberta, como quando Jesus disse: “Nem eu, também, te condeno; vai-te, e não peques mais” (João 8:11). Como *substantivo* no singular, “pecado” indica, geralmente, uma condição da alma. Um exemplo é o seu uso por Paulo em Romanos 6:12 — “Não reine, portanto, o pecado [*he hamartia*, literalmente, o pecado, o espírito de revolta que se manifesta em muitas transgressões] no vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências”.

Embora as Escrituras dêem ao pecado significados com diferentes tonalidades, tanto o Velho como o Novo Testamento afirmam que o pecado existe como acto e como *estado* ou *condição*.

A. Pecado no Velho Testamento

O Velho Testamento distingue actos deliberados de *transgressão* (infringindo proibições, como no caso de Adão e Eva no Éden), pecados de *ignorância* (incluindo violações da lei cerimonial, o que exigia sacrifício e expiação) e uma disposição inveterada para pecar, ou rebelião. O pecado foi compreendido, primeiro, como sendo contra Deus, e, secundariamente, contra o homem. Todo o pecado contra outra pessoa era considerado como sendo contra Deus, mas nem todo o pecado contra Deus (caso da idolatria) era, necessariamente, contra o homem.

1. Errando o Alvo

São usados muitos termos no Velho Testamento para “pecado” e “pecar”. Talvez a palavra mais comum seja *chatta*, que significa “errar o alvo” ou “perder o caminho” (Provérbios 8:36; 19:2). Dependendo do seu uso ou contexto, a palavra pode indicar faltas cometidas por negligência ou ignorância, que exigem uma oferta pelo pecado (Levítico 4:13-14, 21), ou pecados deliberados e

condição pecaminosa (Jó 1:22; Salmo 51:5, 9).

Uma vez que o homem foi criado, originalmente, à imagem de Deus, devia procurar viver como Deus. Por isso, todo o afastamento da lei de Deus ou da justiça representava uma falta em cumprir tal propósito, errando o alvo moral da santidade.

2. *Violação dos Mandamentos de Deus*

Abar é o termo hebraico para designar a violação de um mandamento escrito, quer deliberada quer inconscientemente. "Transgredir" significa avançar para além do limite em território marcado como "zona proibida". A palavra *asham* é um termo semelhante quanto ao significado, mas com sentido mais pessoal. Ia para além da infracção de uma lei pessoal e incluía a falta em guardar um acordo com outra pessoa. Corresponde à palavra portuguesa *ruptura*, como por exemplo, a ruptura do pacto por parte de Israel (Levítico 4:13; 5:2-3). A palavra *maal* exprime a ideia de infidelidade no matrimónio e, também, implica uma quebra de confiança (Provérbios 16:10).

3. *Natureza Pervertida*

Avon (*avah*) é usada no Velho Testamento para indicar maldade ou perversão (Lamentações 3:9b). Sugere má intenção ou omissão que não é correcta ou justa. Ainda que indique vários significados — "crime", "iniquidade", "culpa", "castigo" — por vezes o contexto mostra que implica uma distorção da natureza (I Samuel 20:30; II Samuel 19:19; Provérbios 12:8; Isaías 19:14; 21:3; Jeremias 3:31; Lamentações 3:9). Designa uma má disposição individual e corporal que sublinha actos específicos de pecar. O termo apoia fortemente a doutrina do pecado original.

4. *Hostilidade contra Deus*

Rasha, traduzida geralmente por "maldade", indica ira contra Deus (Jó 3:17; Ezequiel 18:20-21; 33:8-9). É uma

das palavras mais comuns no Velho Testamento para "pecador". Descreve tanto o carácter e hostilidade contra Deus, como acções individuais.

Avel parece sugerir a ideia de iniquidade, embora sejam apresentadas outras interpretações: "injusto" (Salmo 43:1; Provérbios 29:27), "iníquo" (Levítico 19:15; Deuterónimo 25:16), "ímpio" (Jó 16:11), "perverso" (Isaías 59:3; Salmo 89:22). *Aven* também é usada frequentemente para exprimir iniquidade e, às vezes, tem ligação com idolatria (Números 23:21; I Samuel 15:23; Miqueias 2:1). Tem sido traduzida por "injusto", "falso", "injúria", "aflição" e "mal".

5. *Espírito de Rebelião*

No Velho Testamento, uma das palavras mais fortes para pecado é o termo *pasha*, derivado duma raiz que significa "rebelar" (I Reis 12:19; Jó 34:37). Diz respeito à transgressão deliberada, à revolta ou recusa de se submeter à autoridade legítima (Génesis 50:17).

Era a palavra favorita dos profetas do século oitavo (a.C.), embora traduzida com frequência por "transgressões". Amós declarou que as rebeliões de Judá eram contra a lei de Deus (2:4). Queixou-se que o povo de Deus não cessava de fazer mal: "Porque sei que são muitas as vossas transgressões, e enormes os vossos pecados" (5:12). Oseias disse que Israel se comportava "como uma vaca rebelde" (4:16). Falou de "transviados" (5:2) que se desviaram de Deus e se revoltaram contra Ele (7:13; 9:15). Miqueias também fala da "rebelião de Jacó" e dos pecados de Israel (1:5; 3:8). A mesma atitude se verifica em Isaías. O seu versículo de abertura é: "Criei filhos e exalcei-os; mas eles prevaricaram contra mim" (1:2).

Estes quatro profetas foram unânimes em apresentar o pecado fundamentalmente como rebeldia contra Deus. Consideravam-no como que um espírito, algo muito mais profundo que o pecado como transgressão contra uma

lei. Apesar de admitirem que o homem pode mudar o seu modo de vida, se quiser, compreenderam que ele não o deseja fazer. Sabiam que a sua vontade está corrompida e impotente. Os homens estão manietados pelas suas próprias obras, por isso não se podem voltar para Deus (Oseias 11:7). Para que o façam, o próprio Deus é que terá de os converter (Jeremias 31:18).

Jeremias perguntou por que as aves migratórias conhecem o tempo próprio de voltar, mas o povo de Deus não o sabe (8:7). Pregou que o povo recusava conhecer Deus porque se tornara "podre" e "corrupto" (17:9). Oseias explicou que "um espírito de luxúria" fizera com que o povo se separasse (4:12). Com isso ele queria dizer "que estão possessos de um *ruach* (espírito) que lhes domina tanto a vontade, que não são capazes de controlar as suas acções".²

6. *Obstinação e Inclinação para o Mal*

São usadas no Velho Testamento várias outras palavras para o pecado como condição. Uma delas é *sheri-ruth*, traduzida geralmente por "obstinação" (Deuterónimo 29:19; Jeremias 3:17; 7:24; 9:14; 11:8; 12:10; 16:12; 18:12; 23:17). Talvez a expressão mais importante seja *yetser hara* ou "imaginação má" (Génese 6:5; Deuterónimo 31:21; I Crónicas 28:9; Salmo 103:14; Isaías 29:16; Habacuque 2:18). O termo descreve "a inclinação crónica do género humano, como um todo, para o mal".³ Isto influenciou, fortemente, os escritores cristãos do Novo Testamento.

Difícilmente se pode negar que os autores do Velho Testamento reconheceram a persistente condição pecaminosa da raça humana (Génese 6) e da nação de Israel (II Reis 17; Isaías 6:5; Salmo 5; Ezequiel 36:25-27). O interesse pela natureza interior do pecado foi sobressaindo de modo crescente até ao tempo do Novo Testamento,

em que se torna a preocupação dominante dos escritores bíblicos.

É evidente pelo uso destas palavras hebraicas que se encontra no Velho Testamento uma interpretação dupla do pecado. O pecado é tanto uma acção — uma falta em atingir ou corresponder ao padrão de santidade de Deus; como uma atitude de rebeldia para com Deus e a Sua autoridade, uma condição de corrupção.

B. Pecado no Novo Testamento

1. Padrão de Maldade, Licenciosidade

O pecado surge no Novo Testamento como injustiça (*adikia*), traduzido, variavelmente, por “injustiça” (João 7:18; Romanos 1:27), “maldade” (II Tes. 2:12) e “iniquidade” (Tiago 3:6). Geralmente indica um estado ou condição de maldade, embora se refira, algumas vezes, a “fazer mal” (II Coríntios 12:13).

O pecado também é visto como “licenciosidade” (*anomia*), substituído com frequência por “iniquidade” (Mateus 7:23b; 24:12). O termo opõe-se, algumas vezes, à justiça e santidade (Romanos 6:19b). I João 3:4 declara que todo o pecado (*hamartia*) é licenciosidade (*anomia*). Parece referir-se a um padrão de conduta ou espírito de rebeldia contra Deus.

O termo do Novo Testamento para “rebelião” ou “transgressão” é *paraptoma*, também traduzido por “ofensas” (Mateus 6:14; Marcos 11:25). Fundamentalmente designa o pecado de não conhecer Deus e aplica-se ao não regenerado.

2. Desobediência Voluntária

Um termo similar é *parabasis* (transgressão), que significa violação duma lei conhecida, pecado voluntário que encerra culpa ou condenação. Em termos do pecado de Adão, designa desprezo pela lei de Deus. Hebreus 2:2 une a palavra com desobediência. *Parabasis* não indica

pecados de ingorância, mas afastamento deliberado do que é recto (Romanos 4:15).

3. *Incredulidade, Devassidão e Auto-afirmação*

Apistia significa infidelidade ou incredulidade. Incredulidade pode ser um estado da mente ou uma atitude para com Deus. Assim fala o escritor aos hebreus do "coração mau e descrente" (3:12). A palavra *aselgeia* apresenta o pecado como devassidão, concupiscência desenfreada, licenciosidade, impudor, etc. (Marcos 7:21-22; Efésios 4:19; II Pedro 2:7). Aponta uma condição do pecado que penetra toda a personalidade.

O pecado é considerado, por vezes, como desejo (*epithymia*, que, moralmente, é neutro em si mesmo) do que é perverso ou ilegal, como em Romanos 1:24, donde se conclui a auto-afirmação contra as reivindicações divinas. Ocasionalmente o pecado é descrito como irreverência ou "impiedade" (*asebeias*, II Timóteo 2:16).

4. *Inimizade, Oposição a Deus*

Paulo mencionou o pecado como "inimizade" (*echthra*), que indica ódio activo e oposição a Deus (Romanos 8:7). Exprime a firme determinação em viver separado de Deus e manejar os seus próprios assuntos. Tiago também usou a palavra para indicar antagonismo ou hostilidade a Deus (4:4).

5. *Inclinação Má e Viciada*

A palavra *kakia* é um termo que inclui oposição à virtude, ou má inclinação. Significa malignidade, malícia, má vontade, desejo de injuriar (Romanos 1:29; Efésios 4:31; Colossenses 3:8; Tito 3:3; Tiago 1:21; I Pedro 2:1). Aproxima-se do nosso termo "depravação" (Actos 8:22; I Coríntios 5:8; 14:20), e indica uma "malícia" que não se envergonha de transgredir qualquer lei (I Pedro 2:16). Parece implicar uma inclinação viciada, a natureza do carácter. *Poneros* é usado para mostrar a expressão positiva

do mal — que é destrutivo e injurioso (Marcos 7:22; Lucas 6:45).

6. *Espírito de Pecar*

O Novo Testamento denuncia, muitas vezes, inclinações específicas para o mal, isto é, um espírito de pecar do qual provêm pecados como “concupiscência” (Romanos 7:8), “soberba” (Lucas 1:51; Romanos 1:30; I Coríntios 4:6; 5:2; 8:1; 13:4), “egoísmo” (Lucas 16:19-31).

7. *Condição Pecaminosa*

O vocabulário do Novo Testamento respeitante ao pecado contém 28 sinónimos, derivados de oito raízes diferentes. Uma das mais frequentemente usadas é *hamart*. Dela provém o verbo mais comum para pecar, *hamartano* (*hamartia* é o substantivo), o qual significa “fazer mal”, “ofender”, “pecar contra Deus”. No grego clássico o termo indica “errar o alvo”, equivalente a *chatta* do Velho Testamento. No Novo Testamento significa mais. Inclui não só o pecado como acção (*hamartema*), mas também como qualidade da acção (*hamartia*) referindo-se às atitudes e reacções (Romanos 5:12; 6:12, 14; 7:20-21).

Hamartia surge mais de 200 vezes no Novo Testamento e das 75 vezes usada no plural indica um acto de pecar. No singular manifesta um princípio ou condição que precisa de purificação, ou algo mais radical que perdão. Depois do estudo cuidadoso do uso do termo, George Allen Turner observou:

No singular . . . de aproximadamente 125 ocorrências, apenas cerca de 15 indicam pecado como acto. Numa minoria de exemplos — cerca de 10 por cento — *hamartia*, no singular e sem o artigo, designa o acto de pecar. No uso normal, porém, este termo sem o artigo indica . . . uma qualidade de pecar ou condição pecaminosa.⁴

8. *Pecado, um Tirano Poderoso*

Na maioria dos casos em que *hamartia* é empregada

no singular com o artigo definido, personifica o pecado (João 8:34; Hebreus 3:13; 12:4; Tiago 1:15). Particularmente em mais de 20 ocorrências de “pecado” com o artigo (*he hamartia*) em Romanos, capítulos 5 a 8 (entre 5:12 e 8:10), o pecado é referido como sendo um tirano, uma força ou princípio por trás dos actos pecaminosos e não somente um acto particular de pecar. Deste modo, o Dr. Turner, apoiado em outros estudiosos, conclui:

A evidência verificada tende a confirmar a generalização de que *hamartia* no singular e com o artigo definido indica o princípio de pecar que jaz por trás dos actos individuais. Sem o artigo definido, o substantivo refere-se, sobretudo, à qualidade, essência ou natureza do pecado, a propensão para o pecado.⁵

Esta breve descrição dos termos bíblicos usados para o pecado revela dois significados principais. O pecado refere-se a acções não conformes ao padrão de Deus. Essas acções podem ser deliberadas ou involuntárias. Porém, a ênfase predominante das palavras bíblicas está nas acções voluntárias. Além disso, o pecado é um espírito de rebelião, de antagonismo à vontade, propósito e lei de Deus — auto-afirmação contra um Deus santo.

A INTERPRETAÇÃO WESLEYANA DE PECADO

Os teólogos wesleyanos têm baseado a sua doutrina de uma “segunda obra da graça”, em parte, no ensinamento bíblico do duplo carácter do pecado. Embora muitas palavras usadas nas Escrituras expressem significados com várias tonalidades, a Bíblia não dá qualquer definição formal de pecado. A declaração de I João 3:4, que traduzida literalmente afirma que “pecado é transgressão da lei”, pode ser a que mais se aproxima de uma definição. É nossa responsabilidade usar os significados bíblicos para formular uma interpretação de pecado que esteja de acordo com o que ensinam as Escrituras.

Defini-lo em termos gerais e chamar a tudo pecado é, com efeito, fazer com que nada seja pecado, tendo, por isso, pouco valor prático. Se pecado abrange todos os aspectos da humanidade finita do homem, então a libertação do pecado é impossível enquanto o homem viver. Porém, a libertação de todo o pecado nesta vida é ensinada nas Escrituras.

A. Pecados — Transgressões Voluntárias

1. Responsabilidade e Liberdade

Qualquer interpretação de pecado — quer os actos em si ou o pecado “inato” — que remova a responsabilidade do homem, não é bíblica. Por que o pecado é fundamentalmente um conceito religioso e não, simplesmente, ético, o homem é responsável perante Deus.

A responsabilidade pressupõe conhecimento ou consciência das implicações morais. Onde existe ignorância, não devida a cegueira voluntária, qualquer acto mau é, em sentido restrito, um erro e não pecado. A responsabilidade presume certa liberdade e envolvimento da vontade. Contudo, um acto pecaminoso não precisa de ser premeditado; pode ser fruto de hábitos anteriormente adquiridos e conscientes, ainda que a acção presente se torne, virtualmente, inconsciente.

2. Motivos e Intenções

Um conceito adequado de pecado toma em conta os motivos e intenções interiores. A provisão do sistema sacrificial do Velho Testamento para os “pecados de ignorância” (Levítico 4:3) e as “cidades de refúgio” indicadas por direcção divina para o homicida involuntário (Números 35:6, 11), insinuam que, até, durante o regime da Lei, Deus fez distinção entre pecados involuntários e voluntários ou deliberados.

O Novo Testamento é ainda mais explícito em distinguir pecados, enganosa e fraquezas. Lemos que Jesus

veio para “salvar o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1:21) e para “santificar e purificar” a Igreja (Efésios 5:25b-26a). Ele trata dos pecados e do pecado pelo perdão e pela purificação (I João 1:7), mas compartilha as fraquezas da humanidade (Hebreus 4:15). Paulo parece ter feito a mesma distinção ao afirmar: “Porque todos pecaram [passado] e destituídos estão [presente] da glória de Deus” (Romanos 3:23).

Por tal razão Wesley cria que a Bíblia considera apenas pecados as transgressões voluntárias. Escreveu: “Estrictamente falando, pecado é somente a transgressão voluntária de uma lei de Deus conhecida. Portanto, toda a infracção voluntária da lei do amor é pecado; e nada mais, se falarmos com propriedade.

Wesley reconheceu que um engano é “uma transgressão da lei perfeita”, contudo insistiu: “Isso não é pecado, se o amor é o único princípio de acção”. Não obstante, tanto os pecados voluntários como os erros involuntários necessitam da redenção de Cristo.⁶ Só se pecado for compreendido como “transgressão voluntária da lei do amor”, é que Wesley poderia dizer que “um cristão pode ser perfeito a ponto de não pecar”.

3. Definições Legais e Éticas de Pecado

É verdade que no sentido mais amplo “pecar” se refere a qualquer pequeno desvio da glória de Deus. A ideia de errar o alvo ou cair abaixo do padrão divino é um conceito bíblico. Os teólogos chamam-lhe visão “objectiva” ou “legal” de pecado. No entanto, o principal significado bíblico de pecado é o de transgressão voluntária, deliberada e premeditada de, ou o desprezo da lei de Deus conhecida. Este é chamado conceito “subjectivo” ou “ético” de pecado.

A primeira interpretação, geralmente defendida pelos calvinistas, está expressa no *Resumo do Catecismo de Westminster*: “Pecado é qualquer falta de conformidade

com, ou transgressão da lei de Deus". Este conceito parece subentender pecado apenas como acção ou omissão, de preferência a uma condição da alma, análoga à enfermidade do corpo (Marcos 2:17).

4. Insuficiência do Conceito Legal

W. T. Purkiser mostrou a insuficiência da definição legal ao examinar os 41 versículos do Novo Testamento em que o verbo "pecar" (*hamartano*) aparece. Demonstra que a definição não pode substituir o verbo "pecar" sem tornar o seu significado ridículo ou deturpado. Ele apresenta o exemplo seguinte tirado dos evangelhos:

Em João 5:14 lemos: "Depois, Jesus encontrou-o no templo e disse-lhe: Eis que já estás são; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior". Substituamos o verbo pela definição legal. Então leríamos: "Eis que já estás são; não te desvies mais, de qualquer modo, do padrão absoluto de perfeição, para que te não suceda alguma coisa pior". Isto colocaria, certamente, o pobre homem numa situação terrível! Como poderia ele evitar todos os desvios de um padrão perfeito, conhecido ou desconhecido, voluntária ou involuntariamente?

Afirmar o conceito legal de pecado é dizer que a essência do pecado está no acto, não no seu motivo, intenção ou conhecimento prévio. Se "pecado é simples desvio das leis, então justiça diz respeito a conformidade com normas".⁸ Mas isso é contrário ao que Jesus e os escritores do Novo Testamento ensinaram acerca da natureza do pecado e da justiça. Pecado diz mais respeito ao próprio Deus e à Sua vontade para o homem, do que à lei de Deus como série de regras de comportamento.

5. Carácter Prático e Bíblico do Conceito Ético

Não obstante as nossas posições doutrinárias, na prática toda a gente vive segundo o conceito ético do pecado. A mãe que, após muitas semanas de tratar a filha doente, uma noite, cansada, lhe ministra um remédio er-

rado de que vem a morrer, não é considerada homicida, embora o seu acto tenha sido trágico. Ela deve ser antes confortada que acusada. Por outro lado, Jesus recordou-nos que alguém pode ser homicida sem que o seu espírito assassino jamais tenha resultado num acto de homicídio.

Jesus ensinou que o pecado ético acarreta juízo e condenação de Deus (João 4:41). João toma a mesma posição ao declarar: "Qualquer que permanece nele [Cristo] não peca" (I João 3:6-9). Ninguém, obviamente, poderia permanecer n'Ele — pois seria uma situação impossível — se João se referisse a transgressões e faltas desconhecidas e involuntárias: "Qualquer que permanece n'Ele não comete erros".

Em relação à lei absoluta de Deus, dada a Adão antes da queda, exigindo conformidade completa, todos os homens são transgressores.⁹ As faculdades mentais e corporais do homem estão tão debilitadas que ele cai, inevitavelmente, em enganos. Apenas Cristo consumou a lei adâmica da inocência. A imperfeição de conhecimento pode produzir erros de juízo e de comportamento; mas, se não têm malícia e são confessados, Deus não os imputará ao homem. Pecar por ignorância é permanecer sem culpa.

6. *Omissões e Culpabilidade*

Todavia, o homem é responsável pelos pecados de omissão. Deve confessá-los e rectificá-los, quando os reconhece, embora seja apenas culpado e condenado pelos pecados *voluntários*. O homem vai-se tornando consciente do seu pecado à medida que recebe nova luz de Deus. Isto está de acordo com o ensino do Novo Testamento de que o conhecimento do pecado vem pela lei (Romanos 5:13; 7:7; Gálatas 3:19; I Timóteo 1:9). O que não significa que alguém não possa pecar, em sentido mais amplo, até estar alertado, convencido ou ciente do

seu pecado. Significa, mais propriamente, que antes de alguém conhecer a lei não é culpado ou condenado por Deus. Toda a culpa real pressupõe pecado, mas nem todo o pecado, em sentido lato, acarreta culpa ou condenação.

Se o cristão que pela primeira vez fica ciente de alguma falta sente “culpabilidade” é, em parte, questão semântica — um problema de definição de termos. Se por “culpabilidade” se entende um profundo sentido de indignidade e tristeza pela acção inadvertida ou omitida, então, evidentemente, o crente sente culpa. Mas se “culpabilidade” implica a condenação de Deus que impede e destrói a comunhão, a resposta é negativa.

7. *Humanidade e Pecaminosidade.*

Qualquer conceito de pecado que iguale humanidade a pecaminosidade, ou que negue que o pecado em sentido “legal” pode existir antes de alguém estar dele ciente, é errado e anti-bíblico. Não há estado de graça que exclua as transgressões involuntárias. Jesus advertiu os Seus seguidores que orassem pelo perdão de tais faltas (Mateus 6:12; 18:23; Lucas 11:4; I João 1:8-9). Todo o verdadeiro crente atende à repreensão do Espírito Santo, sente as suas faltas, procura o perdão e apressa-se para o alvo final. Não se torna defensivo, mas reconhece que em cada momento vive à base do perdão.

Por outro lado, no verdadeiro sentido bíblico ser humano não é ser pecador. De acordo com a Bíblia, o pecado pode resultar de transgressão obstinada ou de falta consciente em progredir na santidade e no conhecimento de Deus. O cristão está liberto do pecado, assim que, por este padrão, *não* peca todos os dias por palavras, pensamentos e obras. Consequentemente, está livre da culpa e domínio do pecado. No novo nascimento, este foi desfeito pelo poder da graça.

B. Pecado — Corrupção Moral

O wesleyanismo nunca se desviou da doutrina do pecado original, não só no sentido da primeira transgressão de Adão, mas também no de uma corrupção geral da natureza, conseqüente ao pecado de Adão.

Agostinho, num excesso do seu pensamento, viu o pecado original como concupiscência. Assim, o pecado chegou a ser considerado por alguns essencialmente um dano permanente e inerradicável da natureza corpórea, da qual o homem só se pode libertar na morte. O conceito de “corpo pecaminoso” foi apoiado por Lutero e Calvino. Mas se o pecado original for definido de modo a incluir tanto a limitação física como a depravação moral herdadas, será impossível libertar-se dele nesta vida.

1. *Qualidade Moral do Pecado Original*

Alguns sustentam que Paulo identificou o corpo físico com o pecado e apelam para a sua declaração em Romanos 7:18 — “Em mim, isto é, na minha carne [sarx], não habita bem algum”. O uso de Paulo varia. Eventualmente “carne” (sarx) é equivalente a corpo (soma) (Romanos 2:28; 3:20; 4:1; 7:1; I Coríntios 15:39, 50; Gálatas 1:16). Contudo, na maioria dos exemplos o Apóstolo emprega o termo sarx em sentido mais moral que físico. Várias das suas “obras da carne” são puramente morais e não físicas (Gálatas 5:19-23). Falou de “contendas e inveja” como obras da “carne” a ser renunciadas (Romanos 13:13-14; I Coríntios 3:3).

Paulo contrastou “carne” com “mente” e com Espírito (Romanos 7 e 8). Deste modo, a “carne” é o inimigo comum da “mente” e do “Espírito de Deus”. O Apóstolo não podia estar a referir-se ao corpo, pois insistiu que o corpo é o templo do Espírito Santo (I Coríntios 3:16-17) e que os seus membros devem estar sujeitos a Deus como “instrumentos de justiça”, em vez de servirem de instrumentos de pecado (Romanos 6:13; 12:1-2).

Para Paulo, o físico é neutro, podendo ser controlado pela "lei da carne" ou pela "lei do Espírito". "Carne" (*sarx*), com o artigo definido, é a origem de toda a espécie de pecado, a qual parece estar presente desde o nascimento (Gálatas 5:16-25). Viver "segundo a carne" é viver para si mesmo, assim que toda a pessoa — corpo, mente e espírito — estão sob o poder do pecado (Romanos 8:5). Embora o corpo seja a sede do pecado, não é pecaminoso em si mesmo. Deste modo a libertação do pecado não é impossível enquanto alguém está ainda "no corpo".

A literatura de santidade menciona algumas vezes a natureza pecaminosa do homem, usando termos como: "princípio", "princípio do pecado", "tendência para o pecado", "inclinação para o pecado", etc. Estes são mais descritivos que definitivos, e, assim, de valor parcial. Os termos bíblicos exprimem melhor a resistência dinâmica e espiritual a Deus, operando contra o Espírito.

2. Essência do Pecado Inato

Qual é esse pecado "que habita", pecado "inato", ou "o pecado" (*he harmatia*) de que falou Paulo tão descritivamente em Romanos 5 — 8? O pecado "original" é um espírito de obstinação, auto-soberania, avidez, vingança e pertinácia. É uma falsa condição de egocentrismo, confiança nos próprios esforços em progredir no caminho da santidade e disposição em viver independente de Deus — não levando Deus a sério ou presumindo a Seu respeito. Tal espírito não é fruto do hábito, educação inadequada ou mau exemplo. Antes, o homem revela esse espírito desde a sua primeira escolha conscienciosa.

Richard Taylor identifica esta natureza pecaminosa como um centro de amor-próprio idolátrico, profundamente arreigado no eu, como uma falta racial herdad. Podemos chamá-lo uma predisposição para a idolatria — do eu, como deus substituto. Quando o homem caiu, a sua vida deixou de estar orientada em direcção a Deus e tornou-se

orientada em direcção ao eu. Tão violenta é essa auto-orientação que cria uma resistência e ressentimento ciumentos e espontâneos contra tudo que ameace a autonomia do eu. A suprema ameaça é Deus; portanto Ele é o Objecto, mesmo que mais ou menos subconsciente, de suprema aversão. Paulo diz que esta natureza é, essencialmente, “inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (Romanos 8:7). Mas a inimizade é devida à idolatria do eu — à sua inclinação carnal — *phronoe*, ou disposição centrada no eu e seus interesses.¹⁰

3. Poder dinâmico do Pecado

O pecado “inato” é mais que o conjunto das manifestações pecaminosas. É um princípio unitário, um estado profundo de inimizade entre o egocentrismo e as reivindicações de Deus. O pecado “original”, porém, não é algo estático, mas uma condição resultante da ruptura das relações divino-humanas. O seu poder reside no seu carácter dinâmico e pessoal, o qual pode ser dominado e contrariado somente pelo poder supremo do amor divino.

Agostinho escreveu, algures, que o homem não pode mudar a direcção do seu amor, tal como uma pedra não pode mudar a direcção da sua queda. Foi o seu modo dramático de dar ênfase à importância e poder tirânico do pecado. Apenas o “poder exclusivo de uma nova afeição” — a habitação do Espírito Santo (Romanos 8:9) — pode expulsar e substituir o amor do eu. Este profundo egocentrismo do homem deve e pode ser tratado por meio de uma *purificação radical e instantânea* da fonte do coração. A teologia da santidade alega que esta crise moral — “a inteira santificação” — se adapta à experiência do homem e é ensinada nas Escrituras como privilégio glorioso de todo o filho de Deus verdadeiramente regenerado.

O homem, criado à imagem de Deus, preferiu tornar-se à sua *própria imagem*. Por isso, perdeu a seme-

lhança moral com o Criador e transformou-se em “filho da ira”. Contudo, através da expiação de Cristo na Cruz, é-lhe concedida libertação do pecado e do egocentrismo.

*Bendizemos aquele caudal purpúreo
Que purifica de toda a mancha;
A nossa alma está só meio remida,
Se o pecado tirano reina.*

*Senhor, com um sopro, destrói-lhe o império,
Para que o trono maldito caia.
Vós, pragas adadoras que trazeis morte,
Fugi, porque bem vos odiamos.*

—Isaac Watts

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Que passagens do Velho Testamento provam melhor a doutrina da inclinação do homem para o pecado?
2. Que passagens do Novo Testamento confirmam essa doutrina?
3. Em que sentido é o pecado um problema duplo?
4. Por que exigia a lei do Velho Testamento diferentes sacrifícios pelos pecados de ignorância e transgressões deliberadas?
5. Qual a ideia fundamental dos profetas do século oitavo (a.C.) acerca do pecado?
6. A que se refere, normalmente, *hamartia* (pecado) no Novo Testamento? Qual é o seu significado, quando precedido do artigo definido — “o” pecado?
7. Qual é o resultado prático de chamar “pecado” a toda a imperfeição humana?
8. Como se encontram relacionados os motivos do homem e a sua responsabilidade?

9. Distinga as definições “legal” e “ética” do pecado. Qual é essencialmente o ponto de vista bíblico?

10. Qual é o significado principal de “culpabilidade”?

11. Que é que se entende por “o corpo é a sede do pecado, mas em si não é pecaminoso”?

12. Descreva a essência do pecado “inato”.

capítulo 4

REDENÇÃO: POSSIBILIDADE DE SEMELHANÇA COM CRISTO

“A santidade não é o caminho para Cristo, mas Cristo é o caminho para a santidade.”

Para que o homem seja aceite por um Deus santo, são precisos alguns meios para o libertar do pecado e da pecaminosidade, trazendo assim reconciliação, regeneração e restauração. A Palavra de Deus afirma que “o sangue de Jesus Cristo . . . purifica de todo o pecado” (I João 1:7). O desejo de Deus em ter um povo santo cumpre-se pela obra de Seu Filho sobre a Cruz.

A maneira como a morte de Cristo destrói o poder do pecado e traz nova vida, ultrapassa a compreensão humana. Mas, quando os benefícios da redenção são apropriados pela fé, tal facto torna-se uma realidade, segundo as declarações ousadas das Escrituras, da fé cristã e da experiência.

Muita pregação e ensino têm falhado em relacionar com Cristo a doutrina bíblica da santidade e santificação — o Seu sofrimento, morte e ressurreição. Isto explica, em parte, porque tantos interpretam mal a vida santa, como se fosse constituída de pressão e luta intensa, simples esforço humano; ou consideram a inteira santificação como sendo uma opção na vida do crente.

A centralidade da Cruz, conduzindo à realização do propósito final de Deus, está explicada eloquentemente pelo apóstolo Paulo:

Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia . . . Nada me propus saber, entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado . . . Mas vós sois d'Ele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito, por Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção (I Coríntios 15:3-4; 2:2; 1:30).

Através do amor reconciliador de Deus revelado em Seu Filho no Calvário, foi recuperada a possibilidade de semelhança com Deus, ou semelhança com Cristo. Foi estabelecido o novo concerto e iniciado o *restabelecimento da imagem de Deus*. "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (II Coríntios 5:17).

Na obra da redenção está incluída toda a Trindade. É consumada pelo Pai (I Tessalonicenses 4:3), pelo Filho (Hebreus 13:12) e pelo Espírito Santo (Romanos 15:16). Embora todo o ser de Deus esteja activo em todas as fases da redenção pela qual a Divindade compartilha a Sua santidade, para efeitos de estudo trataremos da actividade redentora de Deus sob as epígrafes seguintes: (1) O plano do Pai; (2) a provisão do Filho; e (3) a proclamação do Espírito.

O PLANO DO PAI

A iniciativa divina em resolver o problema do pecado do homem verificou-se na Cruz, pois "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Coríntios 5:19). O que foi feito a nosso favor ultrapassou de longe qualquer estimativa e não pode ser medido por padrões materiais. "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver . . . mas com o precioso sangue de Cristo . . . o qual . . . foi conhecido ainda antes da fundação do mundo . . . por amor de vós" (I Pedro 1:18-20).

D. M. Baillie expressou vivamente a conexão entre o propósito eterno de Deus e a redenção de Cristo: "Havia uma cruz no coração de Deus antes de se levantar uma no monte fora de Jerusalém". A redenção não foi um plano secundário. Foi concebida e concretizada desde a eternidade, no coração de Deus, com amor e sacrifício.

A despeito de tudo que se possa dizer acerca de Deus, Ele não está isento de sofrimento. Mesmo a "permissão do mal moral no decreto da criação foi-Lhe custosa":² O Seu sofrimento não resulta da simples rejeição do Seu amor por parte do homem, mas do desprezo deste pelo próprio Deus — pelo Seu carácter santo. É esta a conclusão evidente de Paulo: "Portanto, quem despreza isto não despreza ao homem, mas sim, a Deus, que nos deu, também, o seu Espírito Santo" (I Tessalonicenses 4:8).

A. Fraqueza da Lei e dos Sacrifícios

Como revela o Velho Testamento, a santidade de Deus fundamentava o Seu procedimento com o Seu povo. Todas as declarações da Lei, quer se referissem às relações do homem com Deus, ou dos homens entre si, surgiram da santidade de Deus ou do Seu desejo de ver a santidade no homem (Êxodo 20; Levítico 19). A Lei requeria santidade. Estabelecia: "Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; os quais, fazendo-os o homem, viverá por eles" (Levítico 18:5). No entanto, a pecaminosidade do homem apartou-o da presença do Deus santo e tornou-o incapaz de cumprir os Seus santos mandamentos.

1. Funções da Lei

A lei ou mandamentos divinos, posto que bons e necessários, não podiam afastar o pecado e efectuar a reconciliação do homem com Deus. A Lei foi benéfica

revelando o pecado do homem (Romanos 3:20), mas era incapaz de *dominar* o pecado e restabelecer a semelhança divina. Revelou os requisitos de Deus e a incapacidade do homem em os satisfazer.

2. *Precursores da Redenção de Cristo*

A lei cerimonial, com os seus sacrifícios e ofertas pelo pecado, providenciou um recurso temporário de reconciliação pelas transgressões do primeiro concerto, a saber, o Decálogo ou Dez Mandamentos (Gálatas 3:19; Hebreus 9:7). Serviu como símbolo de Cristo (Colossenses 2:16-17) e ensinou a necessidade de santidade e derramamento de sangue como meios de remissão do pecado (Hebreus 9:1-15).³ Embora os sacrifícios exigidos pela lei não tivessem poder em si mesmos para expiar o pecado (Hebreus 10:1-4), apontavam, por meio da fé, para a eficácia do sacrifício de Cristo no cumprimento dos requisitos da Lei.

3. *Essência da Lei*

Jesus simplificou os mandamentos divinos com o Seu resumo do Decálogo: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento . . . E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas” (Mateus 22:37-40). Assim, o amor completo ou perfeito para com Deus e o homem satisfariam o requisito de Deus quanto à santidade.

Porém, Jesus “sabia o que havia no homem” (João 2:25); que este, por si mesmo, não podia amar como Deus queria. Portanto, este requisito foi ligado ao novo poder vivificante para completar o que Ele viera trazer. A santidade seria possível pela capacitação de “estar em Cristo”, o “segundo Adão” ou “novo homem”.

4. O Novo Concerto e a Redenção

A redenção de Cristo estabeleceu o “novo concerto” de justiça e santidade pessoal, apresentadas em Lucas 1:72-75:

... para manifestar misericórdia aos nossos pais, e lembrar-se do seu santo concerto, e do juramento que jurou a Abraão, nosso pai, de conceder-nos que, libertados da mão dos nossos inimigos, o serviríamos sem temor, em santidade e justiça, perante ele, todos os dias da nossa vida.

Nem a morte de Cristo, nem os Seus ensinamentos anularam o antigo concerto (os Dez Mandamentos), mas tornaram possível o seu cumprimento, como fora prometido: “Porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei” (Hebreus 8:10). “Os padrões do certo e do errado não mudaram para se ajustarem à natureza do homem, mas a natureza do homem é transformada para se adaptar a esses padrões. Neste sentido, é-se livre da [condenação da] lei.”

5. Cumprimento da Lei

Paulo apontou a fraqueza da Lei e o seu cumprimento em Cristo, bem como a capacitação que sobrevém ao crente quando tal cumprimento é apropriado pela fé:

Porque, a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça [exigências ou requisitos] da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito (Romanos 8:2-4).

Pela obra redentora de Cristo, os antigos sacrifícios cerimoniais foram substituídos por “um ministério mais excelente” e “um melhor concerto que está confirmado em melhores promessas” (Hebreus 8:6).

A lei cerimonial e os sacrifícios abriram caminho à

graça, “pelo que Deus . . . *pelo perdão gratuito e pela santificação*, pela simples fé no sangue de Cristo e pela agência directa do Espírito Santo, redime o homem e adapta a . . . [sua] natureza à vontade total e à natureza de Deus” [os itálicos são meus]. A graça não é simplesmente um *favor imerecido de Deus para o homem*, mas também uma possibilidade concedida por Deus ao homem, capacitando-o para corresponder ao padrão divino de santidade e justiça.⁵

*Ver a lei cumprida em Cristo
E receber d’Ele o perdão
Faz o escravo tornar-se filho
E o dever ser uma escolha.*

—Cowper

B. O Amor de Deus e a Cruz

1. O Juízo Divino e a Remissão dos Pecados

A Cruz revela o juízo de Deus sobre o pecado, juízo este que resulta da Sua santidade; e revela a bondade de Deus na remissão dos pecados, a qual provém do Seu amor. A clássica afirmação bíblica, combinando estas verdades, pertence a Paulo:

Ao qual Deus propôs para propiciação [Jesus], pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus, para demonstração da sua justiça, neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus (*Romanos 3:25-26*).

Para que a santidade de Deus não fosse comprometida pela Sua oferta de justificação (remissão ou perdão) e santificação, pelo Seu Filho Ele sofreu o castigo do nosso pecado. Eis o supremo paradoxo da fé cristã — o próprio Deus pagou em Cristo o preço dos nossos pecados!

2. *Um Deus de Amor Santo*

Deus não é apenas santo no carácter, mas também amor por natureza. A relação entre o amor e a santidade de Deus tem sido assim declarada:

A santidade fornece a norma para o amor e, portanto, tem que lhe ser superior (isto é, logicamente antecedente). Deus não é santo porque ama, mas ama porque é santo . . . Tanto a santidade como o amor fazem parte da essência divina . . . e não podem ser separados, excepto em pensamento. Portanto, não consideremos a justiça uma necessidade e a misericórdia uma opção, pois andam sempre unidas; e na economia da redenção, a santidade e a misericórdia são supremas.⁶

O amor e a santidade de Deus não são de modo algum opostos. O que a Sua santidade exige, o Seu amor provê (I Pedro 3:18). O motivo da redenção encontra-se no amor de Deus; e a vida e morte de Cristo são expressões desse amor.

Porque Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito . . . para que o mundo fosse salvo por ele . . . Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós . . . Nisto se manifesta o amor de Deus para conosco; que Deus enviou seu Filho unigénito ao mundo, para que por ele vivamos. Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também, com ele, todas as coisas? (*João 3:16-17; Romanos 5:8; I João 4:9; Romanos 8:31-32*).

Cristo não é Alguém que pela Sua morte e intercessão poupa o homem da ira do Pai. É Quem executa, livremente, a vontade do Pai. No Calvário, a "misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram" (Salmo 85:10).

A PROVISÃO DO FILHO

O motivo da redenção, de Deus oferecer Cristo

como “propiciação pelos nossos pecados” (I João 2:2; 4:10; Romanos 3:25), é a presença, no mundo, da pecaminosidade (pecado original) e do pecado como acto. Pela Sua morte e ressurreição, Cristo destroçou os poderes do mal (Colossenses 2:13-15); desfez a inimizade entre o homem e Deus, e dos homens entre si (Romanos 5:11; II Coríntios 5:18-19; Efésios 2:14-16); e abriu o manancial da santificação para o género humano, possibilitando uma vida de vitória sobre o pecado e uma vida santa dia após dia (Efésios 5:25-27; Hebreus 13:12; I João 1:7).

Esse “dom gratuito” estende-se a todos os que creem (Romanos 5:18). Aceitar a provisão facultada pela santidade e pelo amor de Deus conduz à vitória descrita por Paulo: “Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação e, por fim, a vida eterna” (Romanos 6:22).

Ser reconciliado com Deus é apropriar-se, pela fé em Cristo, dos benefícios da redenção, pela qual nos libertamos (a) da *culpa* do pecado; (b) do *domínio* do pecado; e (c) do pecado *inato*.

O primeiro ocorre na justificação e adopção; o segundo, na regeneração (que é simultânea à justificação e com ele constitui a conversão ou novo nascimento); e o terceiro, na inteira santificação (que cremos ser uma “segunda” obra da graça “subsequente à regeneração”). A redenção de Cristo é o meio pelo qual a reconciliação ou harmonia com Deus se torna realidade.

A. Redenção da Comunhão

1. Justificação

Ser justificado é ser perdoado de todos os pecados *passados*, por um acto gracioso de Deus, livre da condenação ou culpa do pecado e aceite perante Deus como se nunca tivesse pecado. Justificação é o que Deus fez

por nós em Cristo. Produz uma mudança de relação com Deus que proclama alguém justo. Porém, Deus nunca o *declara* justo (justificado) sem o *tornar* justo. Pois para Deus, fazer de outro modo, seria errar ou mentir.

2. Adopção

Como a justificação, a adoção é um acto de Deus, que se efectua independente de nós e descreve uma mudança na nossa relação com Ele. “Pela justificação, Deus recebe-nos na Sua graça; pela adoção, recebe-nos no Seu coração.” Enquanto que a justificação supera o afastamento e a inimizade, a adoção aceita-nos como membros da família e da afeição de Deus.

As bênçãos e direitos dos adoptados são muitos. Se alguém é filho, então é “herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo” (Romanos 8:17). Como filho, pode reivindicar a propriedade de tudo o que Cristo possui e é. “Tudo é vosso” (I Coríntios 3:21). E, claro está, tem direito a uma herança eterna (II Timóteo 4:8; Tiago 1:12; I Pedro 1:4).

*Olhai, que maravilhosa graça
O Pai nos tem outorgado
A nós, pecadores, mortal raça,
Chamando-nos filhos de Deus!*

—Isaac Watts

B. Redenção do Carácter

Embora seja maravilhosa a nova relação descrita pela justificação e adoção, não abrange todos os benefícios da redenção. Estes dizem respeito à reconciliação ou redenção da *comunhão* com Deus. Por causa do cunho intransigente do pecado e de Deus desejar ver santidade no homem, também deve ser possível uma redenção do carácter, resultando em nova harmonia. Assim, somos admoestados a “despojar-nos do velho homem” e a

“revestir-nos do novo homem que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:22-24; Romanos 13:14; Colossenses 3:9-11).

A redenção provê mais que perdão dos pecados e adopção na família de Deus. “O factor principal na salvação do homem não é remoção da culpa, mas a transformação do pecador num filho de Deus obediente.”⁸

1. *União com Cristo*

A salvação encerra tanto um aspecto positivo como negativo. Na conversão o aspecto negativo é o perdão e a justificação. Mas, positivamente, Deus propõe-Se dar a Si mesmo e tornar-nos “como Cristo”. A morte de Cristo na Cruz não é só “por nós”, mas é o modo de Deus operar “em nós”. “Cristo em vós, esperança da glória” (Colossenses 1:27).

A vida divina deve fluir no povo de Deus como a vida da videira flui através das varas (João 15). O propósito da vinda de Jesus e do dom do Espírito é reproduzir em nós a Sua própria vida. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (João 10:10). Cristo venceu a morte; e nós devemos apropriar-nos da Sua vida!

O lado positivo da conversão é a regeneração, a participação da vida de Deus na alma (João 5:21). Não há graus de justificação. Alguém é perdoado, ou não. Neste sentido, ela é total, perfeita e completa. Mas com a regeneração ou “vida em Cristo”, o “novo homem” (II Coríntios 5:17) começa — a ser possuído duma crescente semelhança com Cristo.

Redenção é mais que desfazer a barreira do pecado, mais que um fim à separação que o pecado provocou. Pela morte de Cristo somos incorporados no Seu corpo espiritual, a Igreja. Existe uma “união nova, orgânica e espiritual com Cristo; assim, num sentido que ultrapassa todo o entendimento, somos um com Ele”.⁹

2. Santificação por Cristo

“Cristo . . . por nós foi feito . . . santificação [santidade]” (I Coríntios 1:30). James Stewart dá ênfase à relação entre a redenção de Cristo e a nossa santificação — o lado positivo da nossa salvação: “Só quando a união com Cristo é central, é que a santificação é considerada na sua verdadeira natureza, como a revelação do próprio carácter de Cristo na vida do crente; e só então pode ser compreendida a relação essencial entre a religião e a ética”.¹⁰

A finalidade de toda a santificação é destruir o poder e o domínio do pecado, remover a condição pecaminosa que é auto-idolatria e egocentrismo, e moldar-nos à semelhança de Cristo. Através da redenção a restauração — tanto da comunhão como do carácter — é possível. Por ela “o nosso egoísmo pecaminoso é dominado e substituído por viver para Cristo, e é restaurada a comunhão com Deus”.¹¹

A santificação, no sentido bíblico mais amplo, designa a cura *completa*, pela graça, dos efeitos do pecado. O facto de não serem todos removidos imediatamente, mas progressivamente e em diferentes etapas, não representa, de modo algum, uma limitação do poder de Deus. Antes, diz respeito à capacidade do homem em responder à graça divina.¹²

Toda a santidade e santificação resultam da acção de Deus através de Cristo na Cruz. Os termos “santidade” e “santificação”, ainda que usados indistintamente, não têm o mesmo significado. “Santidade”, em relação ao homem, refere-se à vida santa, à qualidade e fases de vida moral ou religiosa; “santificação” designa o acto ou processo pelo qual alguém se torna santo.¹³

A Escritura distingue três significados de santificação, os quais são obra de Deus e pelos quais o homem se torna santo.¹⁴

a. *Santificação contínua* — um processo completo. A palavra *hagiasmos* (correntemente traduzida por “santificação” em várias traduções) aparece numerosas vezes no Novo Testamento e indica progresso (Romanos 6:19, 22; I Coríntios 1:30; I Tessalonicenses 4:3-4, 7; II Tessalonicenses 2:13; I Timóteo 2:15; Hebreus 12:14; I Pedro 1:2). Refere-se à obra total de Deus desde o primeiro momento de convicção (o despertar espiritual) até à “semelhança” final (se podemos, propriamente, dizer “final”), à restauração da imagem de Cristo. Em parte alguma se implica que este poder para uma vida santa ou crescimento *na* graça (não “para” a graça), seja consequência de simples esforço humano. “Aperfeiçoando a santificação no temor de Deus” (II Coríntios 7:1; Hebreus 6:1) em todos os aspectos da vida diária, sempre pressupõe a acção divina.

b. *Santificação inicial* (I Coríntios 6:9-11). É a purificação da *culpa* interior do pecado — a limpeza da regeneração. É a purificação do pecador, dos seus pecados antigos, da impureza que acompanhava as acções pecaminosas. Todos os crentes estão limpos dos seus pecados e libertos do domínio ou *poder* do pecado. A santificação inicial ocorre simultaneamente com o novo nascimento ou regeneração e continua através da vida cristã, até vermos Cristo face a face.

No momento da conversão dá-se uma transição definitiva, em que cada cristão é inicialmente “santificado” ou tornado “santo”. O verdadeiro cristão, desfrutando da santificação contínua, procura conservar esta “nova relação”; e, sob a protecção amorosa do Espírito Santo, dirige-se, normalmente, à próxima etapa do desenvolvimento cristão na vida de santidade — a inteira santificação e a vida que se lhe segue.

c. *Inteira santificação*. Pela fé, num momento, o crente é purificado do pecado inato ou corrupção, e

o coração é aperfeiçoado em amor (João 17:17-19; II Coríntios 7:1; Efésios 1:4; 5:26; I Tessalonicenses 5:23-24). Aqui, a acção de Deus começada na regeneração e, mesmo antes, completa-se num “laço de perfeição” que une o crente igualmente a Deus e ao próximo.

Quem é nascido do Espírito não se pode opor a esta purificação divina ou afastar-se do alvo final de semelhança com Cristo. Pode esperar por mais luz —obedecendo enquanto o faz. Talvez sinta relutância temporária em entrar na inteira santificação, por ver claramente as implicações do seu compromisso inicial; mas não pode, obstinadamente, resistir e, ao mesmo tempo, ser digno da “soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:14).

É um erro limitar o nosso conhecimento da redenção à justificação do homem. Abrange, além disso, a sua santificação, incluindo a purificação de todo o pecado, a plenitude do Espírito Santo e a união constante com Cristo. O Dr. Ralph Earle declara-o de maneira simples: “A vida santificada é a vida de Cristo . . . se a Sua [de Cristo] entrega total tornou possível a nossa Redenção, a nossa entrega completa [rendendo a vida do “eu”] é o meio pelo qual tal Redenção se torna efectiva em nós”.¹⁵

Procuraremos mostrar pelas Escrituras como esta redenção opera em nós pela acção do Espírito Santo.

A PROCLAMAÇÃO DO ESPÍRITO

A conexão entre a redenção por Cristo e a obra santificadora do Espírito Santo encontra-se nas palavras de Jesus: “Ele me glorificará, porque há-de receber do que é meu, e vo-lo há-de anunciar” (João 16:14). O Espírito Santo torna real ou actual no crente o que Cristo realizou pelo Seu sofrimento, morte e ressurreição. Paulo, em I Coríntios 6:11, declarou-o deste modo: “Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido

justificados, em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus”.

A. Novidade de Vida

1. O Dom do Espírito Santo

O Espírito Santo é o Agente da nossa nova vida ou novo nascimento (João 3:1-15). Por isso é chamado o “Espírito de vida”, livrando-nos da morte do pecado (Romanos 8:2). O cristão começa a andar com Deus por meio do Espírito, como é apresentado por Paulo no desafio aos gálatas: “Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (3:3).

O Novo Testamento afirma explicitamente que o homem convertido recebe e possui o Espírito Santo. Na passagem clássica da justificação (Romanos 5:15), Paulo anunciou que “o amor de Deus está derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado” (v. 5). Falou do Espírito como “o Espírito de Cristo” e declarou: “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (8:9). Apesar de todo o crente possuir o Espírito Santo, não se segue que o Espírito Santo possua ou controle completamente todo o crente.

Não é incorrecto dizer que “o tema principal das epístolas paulinas é a santificação da Igreja”.¹⁶ A doutrina de Paulo sobre a santificação encontra-se em Romanos 5 a 8.¹⁷ Ensinou que, pela união com Cristo crucificado e ressurrecto, recebemos o Espírito vivificante. O Espírito habita no crente como o Espírito santificante de Cristo. O cristão não vive “na carne”, mas “no Espírito” (8:9; Gálatas 5:25), que é o penhor ou garantia da nossa ressurreição final com Cristo (Romanos 5:15; 8:18; II Coríntios 1:21-22; Efésios 1:13-14).

A vida do crente no Espírito abrange, pois, a sua existência em Cristo desde a justificação até à glorificação. Há base no Novo Testamento para a doutrina da santifi-

cação progressiva ou contínua, a qual inclui os momentos marcantes da justificação e regeneração, inteira santificação e, finalmente, a glorificação no último dia.¹⁸

2. *Começo da Santificação*

Como vimos, a santificação (ou vida de santidade) começa na conversão. Por um acto de fé o crente aceita o facto que na Cruz de Cristo morreu para o pecado (Romanos 6:1-2). O significado claro é que o poder do pecado na sua vida fica desfeito; cessa de pecar e permanece sob o extraordinário poder da graça. O eu controlado pelo pecado, o nosso “velho homem”, foi “crucificado” com Cristo (Romanos 6:6; Gálatas 5:28).

O Espírito Santo mostra pela Palavra o que Cristo fez a nosso favor. “Ele se manifestou para tirar os nossos pecados” (I João 3:5) e “levando ele mesmo, em seu corpo, os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça” (I Pedro 2:24). Pela Sua morte na Cruz, Cristo não só tomou sobre Si o castigo que nos era devido, mas também nos levou até à Cruz. Morreu como nosso Substituto e nosso Representante. Paulo declarou: “Um morreu por todos, logo todos morreram . . . para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (II Coríntios 5:14-15).

Precisamente como pela fé o crente é identificado com a morte de Cristo, assim também pela fé é identificado com a Sua ressurreição. O crente também “ressuscitou dos mortos [das ofensas e pecados], pela glória do Pai . . . [para] andar em novidade de vida” (Romanos 6:4).

Esta “novidade de vida” é descrita como “novidade de espírito” (Romanos 7:6), andando “segundo o espírito” (Romanos 8:4) e sendo “guiados pelo Espírito de Deus” (Romanos 8:14). É este o novo nascimento de que Jesus falou (João 3:3-8). Significa tornar-se uma “nova

criatura" em Jesus Cristo. "As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (II Coríntios 5:17). Este é o princípio da santificação exterior e interior.

B. Vida no Espírito

1. Os Crentes Devem Obter a Inteira Santificação

A santificação que se inicia na conversão não deve ser confundida com a *inteira* santificação, por razões óbvias:

a. Os crentes são, por vezes, apresentados como sendo "ainda carnis" (I Coríntios 3:1-4) e, portanto, possuindo uma fé imperfeita (I Tessalonicenses 3:10; 4:3-8; 5:23). Paulo orou para que fossem santificados "em tudo" (I Tessalonicenses 5:23).

b. O Apóstolo admoestou os crentes a considerarem-se "mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Romanos 6:11); e, portanto, para se apresentarem" a Deus, como vivos de entre os mortos, e os [seus] membros a Deus, como instrumentos de justiça" (Romanos 6:13).

2. A Consagração Completa É Condição para a Inteira Santificação

A palavra "apresentai" está no aoristo, o que indica um acto específico de "submissão incondicional ao reino de Cristo". É o momento ou "crise" da inteira santificação, na qual a natureza pecaminosa é iliminada do coração.

T. A. Hegre comenta acerca da natureza desta crise em que se desenvolve total submissão a Deus: "Entregar-se é a negação de si próprio — não negação de coisas, nem mesmo auto-negação (assim chamada). A negação de si próprio é uma entrega [não uma capitulação] total e incondicional a Jesus Cristo — incluindo todos os direitos do eu".¹⁹

Assim como Adão deixou de estar centrado em Deus

e, pelo pecado, se tornou egocêntrico, assim também acontece àqueles que estão “em Adão”. São escravos de Satã. A essência do pecado do homem reside na “vontade própria”, na substituição da vontade de Deus pela sua. Esta natureza pecadora deve ser tratada numa identificação radical com a morte e ressurreição de Cristo. Só assim pode alguém ser transformado de modo a paten-tear a Sua semelhança.

3. *A Inteira Santificação É Mais que Consagração*

Consagração é acção humana, embora só possível pela graça; a inteira santificação é obra divina. Esta acção de Deus no crente, pelo Seu Espírito, corresponde a “aperfeiçoar a santificação” (II Coríntios 7:1); a ser “santificado em tudo” (*holoteleis*), inteira e perfeitamente (I Tessalonicenses 5:23); a ser “cheio do Espírito” (Efésios 5:18; 3:14-20); e a ser “irrepreensíveis em amor” (Efésios 1:4; 5:25-27; I Tessalonicenses 3:13).

Jesus ensinou, com clareza, as condições que efecti-vam a Sua redenção em nós. Disse: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (Marcos 8:34). As palavras “negue” e “tome” estão no aoristo, indicando uma crise definitiva, um momento específico. A palavra “siga”, porém, está no presente contínuo, significando “continue a seguir-me” e indicando a natureza progressiva da consagração e santificação.

4. *A Vida de Santidade Exige Submissão Contínua a Cristo*

Seguir a Cristo diariamente inclui trazer os nossos corpos em sujeição total a Deus. O corpo não é pecami-noso, mas tem estado sob “má administração”. Agora o corpo deve ser disciplinado e sacrificado, se necessário, para glória de Deus e bem do próximo. Jesus falou em ceder a nossa vida a Deus para que dê muito fruto (João

12:24), e Paulo exortou os crentes a “apresentar os [seus] corpos em sacrifício vivo . . . a Deus” (Romanos 12:1).

A vida contínua de santidade ou aspecto progressivo da santificação é indicado pelo tempo presente usado em Romanos 6:16 — “Não sabeis vós que, a quem vos apresentardes por servos, para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” Com respeito à vida contínua no Espírito, W. M. Greathouse observou:

A vida “rendida” é uma vida posta, “momento após momento”, à disposição de Deus . . . É isto que Wesley, seguindo o exemplo de Jesus, chama “viver em Cristo”; e que Paulo pretende por “andar segundo [melhor, “no”, isto é, não simplesmente “de acordo” ou “em conformidade com”] o Espírito.²⁰

CONCLUSÃO

O pecado de Adão corrompeu toda a raça humana. Afectou a relação do homem com o seu *Senhor* — e trouxe afastamento e morte espiritual; lesou a relação do homem com o seu próprio *eu* — e causou culpa, condenação e corrupção; afectou a sua relação com *Satã* — e acarretou escravidão e perda da liberdade espiritual; atingiu a sua relação com a *sociedade* — e trouxe injustiça e iniquidade entre os homens e entre as nações.

Estes problemas humanos fundamentais foram resolvidos na redenção de Cristo. O magnífico plano de redenção por parte de Deus, levado a cabo no Calvário, restabeleceu a relação divina — concedendo reconciliação, adopção na família de Deus e nova vida; recuperando o verdadeiro eu — com perdão, aceitação e purificação; destruindo o poder de Satanás e restabelecendo a capacidade ou liberdade de amar dada por Deus; possibilitando a harmonia entre os vários sectores da sociedade, a paz com o próximo e o crescimento constante do carácter cristão.

Por isso “Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta” (Hebreus 13:12). E “o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado” (Romanos 6:6). “Graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Coríntios 15:57).

Bondade maravilhosa! Amor divino.

*Oh! que os nossos corações possam amar
A graça incomparável; e nunca mais pecar
Nem carregar aqueles crueis grilhões.*

—Steele

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Qual é a fraqueza da lei?
2. Que ensinava o sistema sacrificial do Velho Testamento acerca da santidade e redenção?
3. Como se manifesta a santidade de Deus no Seu amor santo?
De que modo é Jesus, o Filho, a “imagem expressa” do Pai?
5. Em que sentido a justificação e a adoção têm lugar “fora” do homem?
6. Que significa dizer que a santificação é obra de Deus “em” nós?
7. Descreva a diferença entre santificação contínua, santificação inicial e inteira santificação.
8. Em que sentido é o cristão “santificado” na conversão?
9. Identifique a libertação que vem da justificação, regeneração e inteira santificação.
10. Discuta a agência do Espírito Santo no plano da salvação.

ERROS COMUNS E PERGUNTAS

“Uma vida santa não é uma vida ascética, melancólica ou solitária, mas uma vida dirigida pela verdade divina e fiel ao dever cristão. É viver *acima* do mundo, embora ainda permanecendo *nele*” (Tryon Edwards).

A Igreja Cristã tem declarado em toda a sua história que a santificação, no sentido mais amplo, é um processo de renovação moral e espiritual começando com regeneração e continuando até à glorificação. Cremos como nossa doutrina “distintiva” que no processo da renovação do crente à imagem de Deus existe um momento crucial em que ele é batizado com o Espírito Santo e purificado do pecado “inato” — “inteira” santificação, diferente da “inicial” (I Tessalonicenses 5:23).

A primeira obra do diabo no Jardim do Éden foi provocar um estado de *afastamento* de Deus e *rebelião* contra Ele. Contudo, “para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo” (I João 3:8).

Portanto, a redenção é absolutamente adequada para satisfazer a necessidade espiritual do homem. A redenção de Cristo cuida não só das *manifestações* do pecado, mas também da sua *condição*; não só dos sintomas, mas da própria doença.

ERROS DESASTROSOS

Esta doutrina tem sido, por vezes, desacreditada por erros censuráveis, mesmo pelos que apoiam a sua verdade. É imperativo que tais erros sejam expostos e repu-

diados. Caso contrário, o ensino bíblico ficará obscurecido e muitos cristãos serão impedidos de entrar no “repouso” preparado para eles (Hebreus 4:9). Anotaremos alguns dos erros mais comuns.

A. Que Manifestações Exteriores São Critério Suficiente para Julgar a Experiência Cristã de Alguém.

Têm sido apresentados, com frequência, padrões externos de várias espécies como evidência necessária de que alguém foi inteiramente santificado. Onde não aparecerem certas condições preconcebidas, as pessoas são julgadas como não possuindo tal estado de graça. Certos estilos de vestuário, determinadas reacções emocionais que se desenvolvem em ambientes tensos, e a exibição de um dom particular do Espírito têm sido, numa época ou noutra, citados como sinais de que alguém está “inteiramente santificado”, ou cheio do Espírito.

1. A Limitação dos Padrões Humanos

Semelhantes padrões negligenciam o facto de que os estilos de vestuário podem ser determinados pelos recursos financeiros ou gosto pessoal, como pelo desejo de modéstia; que algumas pessoas são “mais amáveis” ou mais sisudas, por dom natural ou temperamento e não por graça; e que a Escritura apresenta o “fruto” do Espírito como parte da evidência da santificação, de preferência a qualquer *dom* do Espírito. Além disso, falham em ver que Deus trata com cada pessoa individualmente, e que o grau de luz concedido não é sempre o mesmo para todos num determinado período de tempo.

2. As Virtudes de Cristo Devem Ser Manifestadas

Com isso não pretendemos sugerir que a modéstia cristã no vestuário não tenha importância — de facto, o modo de vida do crente é vincadamente diferente do do incrédulo; ou que o Espírito não ajude a controlar problemas emocionais e temperamentais; ou que os dons do

Espírito sejam insignificantes. Queremos, sim, dizer que a semelhança com Cristo, o amor divino em nós, é, finalmente, o único padrão seguro.

B. Que o Espírito Santo Não Habita no Crente

Porque o espírito do pecado, o espírito de egoísmo chamado tecnicamente “pecado original”, permanece na pessoa convertida até ser abolido na inteira santificação, alguns têm raciocinado que ninguém pode receber o Espírito Santo até esse momento, pois — de acordo com a sua premissa — o Espírito Santo não habitará num coração onde ainda existe o pecado.

1. Nenhum Pecado Conhecido É Tolerado por Qualquer Cristão

A conclusão do parágrafo anterior ignora o facto de que o verdadeiro cristão não sanciona, conscientemente, qualquer pecado ou pecados. Ambos são pessoais e representam uma relação defeituosa com Deus. Por isso, uma analogia pessoal pode irradiar luz sobre este erro.

Duas pessoas podem desejar conhecer-se mutuamente e, contudo, uma delas retrair-se inconscientemente da outra, não se abrindo completamente. A relação é, não obstante, frutuosa e benéfica. Porém, quando a pessoa em causa se tornar *ciente* da sua reserva, deve abrir-se ou prejudicará e, até, destruirá a relação.

O mesmo se passa quanto à vida e experiência do cristão ainda não *inteiramente* santificado. Ao se converter, crê que a sua sujeição à soberania de Deus é completa, que o espírito do pecado foi erradicado; no entanto, reconhece mais tarde uma reserva interior a proteger o eu.¹

2. A Habitação do Espírito É um Sinal da Nova Era

Nenhuma analogia é completamente satisfatória. Contudo, seja qual for o modo em que o queiramos descrever, as Escrituras são claras (como vimos no capí-

tulo 4) em ensinar que o Espírito Santo habita no crente a partir da conversão. Uma das características fundamentais do novo concerto e da nova era é que Deus coloca o Seu Espírito, o Espírito de Cristo, naqueles que Lhe pertencem. Jesus prometeu enviar o Consolador, que “estará em vós” (João 14:17). A presença de Cristo pelo Seu Espírito no coração de todos os crentes é o complemento indispensável da obra de Jesus Cristo. O próprio Senhor assim o declarou:

Quem come a minha carne, e bebe o meu sangue, permanece em mim, e eu *nele* . . . Naquele dia, conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu *em vós* . . . Estai em mim, e eu *em vós* . . . E eu lhes fiz conhecer o teu nome . . . para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu *neles* esteja (João 6:56; 14:20; 15:4; 17:26).

Paulo afirmou aos cristãos de Roma: “O Espírito de Deus *habita em vós*” (Romanos 8:9). Que o Espírito habita no crente é sublinhado pela sua pergunta aos coríntios:

Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita *em vós*? . . . Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que habita *em vós* . . . Examinai-vos a vós mesmos . . . Ou não sabeis, quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está *em vós*? Se não é que já estais reprovados (I Coríntios 3:16-17; 6:19; II Coríntios 13:5).

João explicou na sua primeira epístola:

E aquele que guarda os seus mandamentos [de Deus] nele está e ele *neles*. E nisto conhecemos que ele está *em nós*: pelo Espírito que nos tem dado . . . porque maior é o que está *em vós* do que o que está no mundo . . . Se nos amamos uns aos outros, Deus está *em nós*, e *em nós* é perfeito o seu amor. Nisto conhecemos que estamos *nele*, e ele *em nós*, pois que nos deu do seu Espírito . . . Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está *nele* e ele em Deus (I João 3:24; 4:4, 12-13, 15).

Diz-se que na regeneração o Espírito de Cristo vem

residir no crente, ao passo que na inteira santificação Ele torna-Se chefe ou senhor absoluto da sua vida. No primeiro caso o Espírito estimula, ilumina e incita à acção; no último, guia, revigora e penetra cada actividade.²

C. Que o Crente Recebe Apenas uma Parte do Espírito Santo

Há os que não negam a recepção do Espírito Santo na conversão, mas pensam que na obra inicial da graça o crente só recebe uma *parte* do Espírito Santo, ficando a outra para quando for *inteiramente* santificado.

1. O Amor Requer Entrega Total

Este ponto de vista é quantitativo e, por isso, enganador. Uma vez que Deus é uma Pessoa que deseja dar de Si mesmo, e nós somos pessoas feitas para compartilhar da Sua semelhança, será elucidativa uma analogia pessoal. Consideremos a relação de amor entre um jovem e uma moça. O seu romance chegará ao ponto em que o "noivado" se concretizará — uma "crise" envolvendo votos bem definidos da parte de ambos. A isso se assemelha a conversão.

Numa relação normal o noivado desenvolver-se-á até ao momento decisivo e crítico do casamento, em que cada um entrega *completamente* a sua vida ao outro. Cada qual pensou que tinha dado tudo na ocasião do noivado, mas diante do altar vê-se agora mais comprometido que antes. Contudo, de olhos abertos, ambos se entregam sem reservas. Isto pode ser comparado à *inteira santificação*.

Depois vem a vida real do matrimónio, em que surgem novas situações e são feitos novos sacrifícios. No entanto, o compromisso que ambos assumiram não está em causa. A isto se assemelha a vida contínua e progressiva da inteira santificação.

Com o tempo, a relação torna-se cada vez mais pro-

funda. Não seria adequado dizer que esses jovens recebem *uma parte* do outro numa etapa e o resto mais tarde — se por esses termos nos referimos a uma entidade quantitativa. Antes, dizemos que eles “se conheceram” — amaram, apreciaram, compreenderam — um ao outro cada vez melhor. Sentem-se progressivamente “felizes” na presença um do outro e seguros da mútua aprovação. Porém, de modo algum isso subestima a “crise” inconfundível do noivado e do matrimônio.

2. O Amor de Deus Constrange-O a Dar Tudo

A analogia é bíblica, usada frequentemente para descrever a vida espiritual em relação a Deus. Por meio da graça preveniente, Deus inicia um romance com o homem. Na oferta de Si mesmo Ele dá tudo! Não dá uma parte a alguém, reservando outra para dar mais tarde à mesma ou a diferente pessoa. Deus não é um filantropo que em cada dádiva retém mais do que aquilo que tem dado. Ele dá tudo de Si mesmo em qualquer momento, embora a habilidade ou capacidade do homem em apropriar-se, varie conforme a sua fase de desenvolvimento espiritual.

Quando o homem corresponde, obedientemente, há um *noivado* — ocorre a crise do novo nascimento. À medida que o romance se torna mais profundo, o crente começa a ver o que este noivado significa — a dádiva *total* e a renúncia de si mesmo. Ele podia ter pensado que o problema do eu estivesse resolvido, mas a relação crescente mostra algo diferente. Assim, encaminha-se para a *segunda crise da inteira santificação*, na qual se submete a todas as implicações inerentes.

Depois vem a *vida* de “perfeição cristã”, a santidade cristã total que deve ser vivida momento após momento. Novas situações se propõem e decisões ulteriores se apresentarão, mas a entrega essencial não exige reconsideração. Uma chamada para um ministério especial,

por exemplo, não é uma crise no sentido de decidir se deve fazer a vontade de Deus — ainda que possa ser difícil determinar qual ela seja. Como no matrimônio, este romance de amor divino-humano torna-se cada vez mais rico e total.

D. Que o Pecado Original É uma Coisa

É impossível definir o pecado “original” com exactidão satisfatória. Mesmo os escritores da Bíblia, divinamente inspirados, tiveram de acomodar as suas verdades às limitações da linguagem humana. Em consequência, a Palavra de Deus refere-se ao pecado do coração do homem como “o corpo do pecado” (Romanos 6:6); ou “o corpo desta morte” (Romanos 7:24). Semelhantes imagens não alcançam uma compreensão total, pois são símbolos descritivos de uma condição moral.

1. O Pecado É uma Qualidade Moral

Falhando em compreender esta limitação e função da linguagem, muitos têm dado interpretação literal às figuras que descrevem o pecado. Como consequência, rejeitam a possibilidade de purificação de todo o pecado ou encontram-se honesta mas inutilmente perplexos acerca do modo como o pecado pode ser erradicado do coração; ou como pode “tal coisa”, uma vez removida, voltar a contaminar o homem. O Dr. H. V. Miller deu-nos uma palavra de advertência necessária:

O pecado não é UMA COISA. Nem é uma SUBSTÂNCIA real. O pecado é uma qualidade moral. De vez em quando até os que experimentaram pessoalmente a pureza de coração ficam intrigados quanto ao que é, verdadeiramente, o pecado. É um vírus no sangue da natureza moral; . . . malignidade que se move dentro da estrutura moral do homem. Mas devemos precaver-nos de novo contra o facto de que não é uma substância.¹

2. O Pecado É uma Condição, Não um Estado Imutável

O Dr. J. B. Chapman comparou o pecado “original” às trevas, acrescentando que a presença do Espírito nas nossas vidas é semelhante à luz que as afasta. Deste modo, ensinou que é mais proveitoso falar da *condição* que do estado da santidade.⁴ João expressou-o claramente: “Se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (I João 1:7).

Como o pecado “original” não é uma entidade material, em cujo caso nunca poderia reviver uma vez que as raízes fossem destruídas, a purificação, que acontece num *instante*, deve continuar momento após momento. Precisamos de Cristo continuamente para evitar o reaparecimento “do” pecado que fora banido da alma, — tal como se conserva acesa uma vela para evitar a “escuridão” — embora esta já tenha sido dissipada.

E. Que Deus Tem um Duplo Padrão

Um dos erros mais nocivos respeitantes à santificação, é que existem dois padrões *diferentes* na vida cristã — um para a pessoa “simplesmente salva” e outro para o crente que vai progredindo em santidade! Semelhante erro impede o crescimento cristão e aplaca a consciência do indivíduo indiferente ou complacente.

1. Único Padrão, Semelhança com Cristo

Os que aceitam tal erro pretendem que ninguém é chamado à entrega absoluta e radical a Cristo, até chegar ao ponto da inteira santificação; que o eu interior continua o seu caminho, enquanto, ao mesmo tempo, a vida espiritual se pode prolongar indefinidamente. Demasiadas pessoas justificam a sua falta em apresentar os frutos do Espírito declarando que não são “inteiramente santificados” e, portanto, não devem ser julgados por essa norma.

Existe um único padrão para todos, a saber, seme-

lhança com Cristo. É tanto incumbência do crente regenerado, como do cristão inteiramente santificado, mostrar as virtudes de Cristo. Há verdade na afirmação, frequentemente citada, de que “a inteira santificação é simples regeneração facilitada”. A pessoa que é inteiramente santificada não vive de acordo com ideais mais elevados, mas tem recursos mais amplos do Espírito para satisfazer as exigências do discipulado cristão.

2. Na Vida Cristã Não Existe Consagração a Meias

A vida do cristão, a vida de santidade, é como uma peça de pano única. Assim, na conversão, alguém dá tudo de si mesmo a Deus — submete-se a todos os Seus requisitos. Não se assume um compromisso “parcial” na regeneração e um compromisso “total” na inteira santificação.

Na prática faz-se essencialmente a mesma oração, tanto na conversão como na inteira santificação. Tecnicamente, podemos apontar distinções teológicas válidas entre a oração de confissão e a oração de consagração, mas o espírito e a intenção das orações são semelhantes — a saber, *entrega total* a Cristo, tanto quanto se é capaz.

Em sentido mais estrito podemos dizer que uma pessoa não se pode consagrar a Deus enquanto não se tornar um filho de Deus, pela simples razão de não ter nada que dar a Deus a não ser uma vida de pecado. Só um indivíduo redimido se pode consagrar.

Mas ninguém pode regatear com Deus. Pedir perdão dos pecados e alívio da condenação e culpa do pecado e, ao mesmo tempo, conscientemente negar a Deus a sua vida, seria o cúmulo da presunção. Que absurdo pedir a Cristo para ser Salvador sem Se tornar Senhor.

Ninguém pode orar com sinceridade para conversão e reter, deliberadamente, os talentos, ambições, planos — até um futuro indeterminado. Tal oração nada conseguiria. Deus requer tudo o que existe em nós, tudo o

que, em qualquer momento, formos capazes de ofertar. Cristo será Senhor de *toda* a nossa vida — seja muito ou pouco, conforme o grau de luz que tivermos — ou, então, não será Senhor de *qualquer* parte da nossa vida.

3. O Espírito Dirigirá o Crente

A inteira santificação, portanto, não é opcional, mas um imperativo divino para os que se tornaram conscientes da necessidade de purificação das fontes da vida.

Conforme o filho de Deus anda em obediência, assim será levado pelo Espírito a ver a profunda propensão em amimar o eu, a qual exige purificação radical e pureza total do coração. Mas tendo-se encarado a si mesmo, de um modo novo e profundo, o crente obediente submete-se, de boa vontade, à cirurgia do coração — ao passo que outrora se “curvava” para si mesmo (para usar a frase de Lutero), agora “inclina-se” para Deus e para o próximo. Isto tem lugar no “momento” da inteira santificação.

ALGUMAS PERGUNTAS CRUCIAIS

Todos os cristãos evangélicos sabem que a santidade ou santificação é ensinada na Bíblia e que traz libertação do pecado pelos méritos da morte de Cristo. Existe, porém, um grande desacordo com respeito ao significado de libertação do pecado e de quando isso se torna realidade no crente. O Dr. Wiley cita quatro teorias apresentadas comumente:

- a. A santidade é simultânea à regeneração e, então, completa;
- b. A santidade é uma questão de crescimento espiritual desde a regeneração até à morte física;
- c. O homem é santificado no momento da morte;
- d. A “santidade começa na regeneração, mas completa-se pela obra instantânea do Espírito Santo subsequente à regeneração”.⁵

Rejeitamos a primeira teoria por ser contrária à experiência cristã universal. Pessoas regeneradas em todas as idades têm reconhecido na alma antagonismo ao amor divino descoberto sob a iluminação do Espírito Santo. Os crentes têm estado tão conscientes das tendências perversas da sua própria natureza, que muitos chegaram à conclusão de que não podem ser libertados senão pela morte ou, talvez, por meio do fogo do purgatório.

O Dr. Daniel Steele observou que ou se enganaram ao se considerarem regenerados; ou todos apostataram; ou foram de facto regenerados, embora se debatam com as exigências do eu pecaminoso. As primeiras alternativas forçam a credulidade, deixando a última como única posição razoável. Além disso, o ponto de vista de que a santidade fica completa na conversão contradiz o credo de todos os ramos ortodoxos da Igreja universal.⁶

A experiência cristã também falha em confirmar as teorias de que a santidade vem pelo crescimento ou morte. Ninguém alega ter crescido até um estado espiritual de completa libertação da tirania do eu pecaminoso. Nem se encontram bases nas Escrituras para tais teorias.

Creemos que a santidade começa na regeneração, continua na obra instantânea da purificação do coração pelo Espírito Santo, subsequente à regeneração (inteira santificação), e progride em toda a vida do crente até à glorificação. O Dr. W. B. Godbey disse uma vez: "A inteira santificação é aquela da qual nos aproximamos gradualmente, na qual entramos *repentinamente* e pela qual crescemos indefinidamente".⁷ Creemos que esta posição wesleyana é apoiada pela Escritura, pela razão e pela experiência. Em todas as épocas existiram aqueles que têm ensinado e pregado esta doutrina. O Dr. Vincent Taylor, eminente estudioso do Novo Testamento, disse: "Não há dúvida que o Novo Testamento ensina a necessidade absoluta da perfeição ética e espiritual".⁸ João Wesley des-

creveu-a como uma doação de amor que apaga o pecado.

Em abono da justiça devemos reconhecer que há grande variedade de opiniões acerca da *inteira* santificação. Com as Escrituras por nosso Guia, trataremos, tão francamente quanto possível, das principais perguntas referentes a esta doutrina.

A. Ensinam As Escrituras uma Segunda Crise?

Quando falamos de "crise", não nos referimos a uma "emergência" na vida do crente. Antes, perguntamos: Há no caminho cristão um "momento definido", a seguir à conversão, no qual se é purificado de todo o pecado? Cremos que sim!

Os defensores da posição wesleyana mencionam numerosas passagens escriturísticas que denotam uma "segunda" experiência. Nem todas são igualmente conclusivas. Trataremos primeiro das mais fracas.

1. Inferências:

a. Os discípulos que foram cheios do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Actos 2) tinham sido considerados como não sendo "do mundo"; haviam sido guardados por Cristo, tinham obedecido à Palavra de Deus e Cristo fora "glorificado" neles (João 17). Ao serem comissionados por Jesus (Marcos 6:7), Ele lhes disse: "Alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos nos céus" (Lucas 10:20).

b. A narração do reavivamento samaritano devido à pregação de Filipe indica que os samaritanos creram, receberam a Palavra de Deus e foram batizados. Posteriormente, Pedro e João foram enviados de Jerusalém, e esses crentes receberam o Espírito Santo (Actos 8:15-17).

c. Saulo de Tarso, convertido a caminho de Damasco, reconhecido pela saudação cristã de Ananias, "Irmão", só depois deste lhe ter imposto as mãos é que "foi

cheio do Espírito Santo" (Actos 9:17).

d. Cornélio é descrito como um "homem devoto" e temente a Deus. Ajudava o povo e "sempre orava a Deus". Pedro fora enviado para lhe impor as mãos e à sua família; e "o dom do Espírito Santo foi derramado também sobre os gentios" (Actos 10:45).

e. Os discípulos de Éfeso haviam sido instruídos sob a pregação eloquente de Apolo, a quem Aquila e Priscila "declararam mais pontualmente o Caminho de Deus" (Actos 18:26). Paulo, mais tarde, chegou a Éfeso e perguntou aos discípulos: "Recebestes vós já o Espírito Santo, quando crestes?" Ouvindo a sua resposta negativa, Paulo impôs-lhes as mãos e "veio sobre eles o Espírito Santo" (Actos 18:24 — 19:6).

Admitimos que a interpretação dada a estes incidentes possa ser posta em dúvida. Tem-se mencionado, frequentemente, que as pessoas que conheciam apenas o batismo de João ainda não se tinham convertido genuinamente a Cristo, no sentido mais amplo; e, portanto, a recepção do Espírito Santo era a sua conversão. Também se tem pretendido que esses casos são únicos e ilustram a inauguração de uma nova era ou dispensação.

Seria insensato alguém fundamentar uma doutrina nestas passagens, quando existem outras mais firmes e defensáveis. "Um general prudente concentra as tropas numa pequena frente!"

2. *Evidência Escriturística Explícita*

a. A primeira epístola de Paulo aos coríntios é dirigida à igreja de Deus em Corinto, "aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos" (1:2). O Apóstolo dá graças pelo testemunho de Cristo "confirmado" entre eles, "de maneira que nenhum dom" lhes faltava (1:6-7). Contudo, acrescentou que se dirigia a eles como a "carnais, como a meninos em Cristo" (3:1). O climax da carta é atingido quando lhes mostra "um caminho ainda mais

excelente" (12:31; 13:1-13), a saber, o caminho do amor divino.

b. João Batista parece aludir a uma segunda experiência ao apontar para o próximo batismo de fogo, ou com o Espírito Santo, ministrado por Jesus. "E limpará a sua eira e recolherá no celeiro o seu trigo e queimará a palha com fogo que nunca se apagará" (Mateus 3:11-12). O batismo com o Espírito Santo efectuará uma purificação interior e espiritual que iria além da do batismo de João. Este visava a remissão dos pecados em geral; aquele, a remoção do pecado em si.

H. Orton Wiley observou que a separação inerente ao batismo com o Espírito, ministrado por Cristo, não é entre a cizânia e o trigo, que simbolizam o pecador e o regenerado; mas entre o trigo e a palha, ou seja, aquilo que lhe pertence por natureza. Primeiro, o trigo é recolhido para conservação; depois, a palha será consumida pelo fogo.⁹

c. Em II Coríntios 7:1, Paulo exortou os "amados" a purificar-se "de toda a imundície da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus". O sentido é que a santidade inicial ou purificação da culpa e da depravação "adquirida", isto é, da depravação resultante dos pecados cometidos, deve ser aperfeiçoada num acto único, pela purificação do pecado inato.

d. Os defensores da doutrina da inteira santificação notam, frequentemente, o uso do aoristo no grego, que corresponde a um acto momentâneo e completo, sem referência ao tempo, em oposição ao tempo presente que designa acção contínua. Podem ser citados os exemplos seguintes, em passagens dirigidas aos crentes e referentes à sua santificação ou purificação:

(1) Romanos 12:1-2. "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis [aoristo — um único acto não precisando de ser repetido] os vossos corpos em

sacrifício vivo, santo [indicando a santificação inicial] e agradável [sugerindo a justificação] a Deus”, como condição para serem “transformados.”

(2) Romanos 13:14. “Revesti-vos [aoristo — um único acto, definido] do Senhor Jesus Cristo e não tenhais cuidado [isto é, deixai de tomar providência] da carne.”

(3) II Coríntios 1:21-22. “Mas, o que nos confirma convosco em Cristo e o que nos ungiu [aoristo, um só acto definido], é Deus; o qual, também, nos selou [aoristo] e deu [aoristo] o penhor do Espírito em nossos corações.”

(4) Efésios 1:13. “E tendo nele também crido [aoristo], fostes selados [aoristo] com o Espírito Santo da promessa.”

(5) I Tessalonicenses 5:23. “E o mesmo Deus de paz vos santifique [aoristo] em tudo; e todo o vosso espírito, e alma e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para [em preparação para] a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo.”

(6) Romanos 6:13. “Apresentai-vos [aoristo — num acto específico de consagração] a Deus, como vivos de entre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.” Quando acompanhado pela fé, este acto de apresentar a Deus o último vestígio de si mesmo torna possível a total santificação dos nossos seres pelo Espírito Santo.

Estar vazio de si mesmo possibilita o enchimento do Espírito Santo. “Ser cheio com o Espírito não significa receber *mais* de Deus, mas dar-lhe *tudo* de nós mesmos.”¹⁰

Se alguém olhar com mente e coração abertos para as Escrituras, particularmente para as epístolas paulinas, encontrará evidência de que a inteira santificação é uma segunda crise na experiência cristã. Não nos deixamos levar por sectarismo. Outros, fora dos nossos meios, têm

encontrado a mesma coisa. Por exemplo, o bispo católico romano Fulton J. Sheen, no seu sermão "A Psicologia da Conversão", afirmou existir na alma uma crise moral "quando há consciência do pecado e da culpa, . . . algo experimentado interiormente como *uma quebra de relação*" com Deus. Então dá-se uma crise espiritual

naqueles que estão à procura da perfeição, mas ainda não possuem a plenitude da Fé . . . Até ao momento da crise têm vivido na superfície das suas almas. A tensão aprofunda-se à medida que compreendem que, como uma planta, têm raízes que precisam de maior profundidade espiritual e ramos destinados à comunhão com o céu. A sensação crescente de descontentamento com a sua própria vulgaridade é acompanhada de um desejo ardente de entrega, sacrifício e abandono à santa vontade de Deus . . . Desejam-na; precisam apenas de coragem para passar pela crise na qual e pela qual, através . . . de uma entrega, se acharão vitoriosos na submissão à Divindade.¹¹

Podia encontrar-se afirmação mais clara entre os defensores mais leais da santidade?

3. *A Essência Precede as Circunstâncias*

Pergunta-se muitas vezes se alguém que fora inteiramente santificado e mais tarde volta à vida de pecado, terá de percorrer as diferentes etapas do novo nascimento e inteira santificação. Pela lógica, são passos diferentes e, normalmente, separados por um intervalo de tempo. Mas, na prática, não precisa de ser assim. As etapas são simples níveis de consciência da necessidade; e onde a necessidade é conhecida e as condições são satisfeitas, a graça de Deus é suficiente. John Fletcher observou que, embora a "santificação não seja, geralmente, obra de um dia, nem de um ano", Deus pode "encurtar a Sua obra em rectidão".¹²

Ao responder afirmativamente à pergunta: É a inteira santificação uma segunda crise?, citámos a evidência bíblica confirmada pela experiência cristã comum. Entre-

tanto, seremos prudentes em observar a distinção de Wesley entre a “essência” e as “circunstâncias” de experiência. Aquela refere-se à própria verdade; estas, ao modo como a verdade se torna realidade para o crente. “Todos estamos de acordo”, escreveu ele, “em que podemos ser livres de todo o pecado antes da morte. A essência está, pois, assegurada.”¹³ A maneira como Deus a realiza é secundária.

A pergunta mais importante é: Tenho-me consagrado a Deus, para ser dirigido por Ele? Tenho renunciado a mim mesmo e sido purificado e cheio com a presença permanente do Espírito Santo?

*Fogo refinador, vem ao meu coração;
Ilumina a minha alma;
Infunde a Tua vida em cada rincão
E santifica todo o meu ser.*

—Charles Wesley

B. Pode a Depravação ou Egocentrismo Ser Abolido?

Devemos ter em mente que o “pecado original”, chamado por vezes “depravação herdada”, não é uma substância ou entidade física. É um espírito de egoísmo, de anarquia ou rebelião contra Deus. Paulo menciona-o como “o pecado” (Romanos 5:8).

1. O Pecado Original É Egoísmo Organizado

Este “pecado inato” é uma espécie de “complexo” — isto é, “instintos organizados num sistema provocando uma determinada reacção a objectos ou experiências apresentadas pelo ambiente. Repugna à parte essencial da personalidade e, portanto, é reprimido . . . quanto possível.” Sob a influência do pecado inato a vida natural é organizada para fomentar a vontade própria em oposição à soberania de Deus e ao domínio de Cristo” (Ver Romanos 8:7).

Numa pessoa não regenerada, só esporadicamente se insurge o eu verdadeiro — incitado pela consciência — para resistir à influência do pecado inato. Quando se opera a regeneração, o Espírito de Deus aviva o espírito do homem e a vontade procura levar toda a personalidade à submissão a Deus. Mas a vontade confronta-se com este complexo — este sistema “egoísta” — que domina a vida natural. Tal sistema pode ser anulado pela vontade regenerada, mas em momentos de tentação insurge-se em rebeldia. O resultado é um conflito interior — o eu dividido contra si mesmo.

Na inteira santificação o sistema “egoísta” (complexo) é desfeito e o conflito, resolvido. A vida natural deve ainda ser disciplinada, mas tal pode conseguir-se sem resistência organizada do interior.¹⁴

2. *Palavras Usadas no Novo Testamento*

É importante observar que, embora o grego tenha muitas palavras que signifiquem *supressão* — “oprimir”, “controlar”, “fechar”, “suprimir”, “reprimir”, “impedir”, etc. — nenhuma é usada no Novo Testamento com referência ao pecado. Porém os escritores bíblicos empregaram palavras fortes e decisivas como “purgar”, “purificar”, “remover a impureza”, “eliminar”, “anular”, “abolir”, “acabar”, “dissolver”, “fundir”, “crucificar”, “romper”, “pôr de lado”, “mortificar”, “matar”, “extinguir”.

3. *A Morte do Pecado*

Na Epístola aos Romanos, Paulo escreveu: “Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado” (6:6). À luz do costume romano a crucificação apenas podia significar uma coisa — a morte. Sobre a cruz de ignomínia o nosso velho homem de pecado foi crucificado com Cristo. Essa morte provisória tornou-se, pela fe, realidade na nossa vida. Pela fé

morremos com Cristo, cuja morte se converteu na nossa morte, ficando livres da tirania do pecado. “Morremos para o pecado” (6:11).

O escritor da Epístola aos Colossenses não deixa lugar a dúvidas: “No qual, também, estais circuncidados, com a circuncisão não feita por mão, no despojo do corpo da carne, a circuncisão de Cristo” (2:11). Será que ele se referia a algo que não fosse a destruição do pecado? O rito da circuncisão tinha somente um significado — separação e mortificação. Essa circuncisão do coração, essa remoção dos pecados da carne, é feita “não por “mãos”, mas por um acto sobrenatural de Deus.

Sim! As Escrituras que através da acção poderosa de Deus em Cristo é desferido um golpe de morte à depravação ou egocentrismo. Quão irreverente seria pôr limitações à natureza ou poder de Deus!

C. E a Humanidade Remanescente? O Eu?

Diz-se, por vezes, que quando alguém recebe um coração santo, o eu é destruído. Contudo, a moderna Psicologia tem-nos feito cientes da importância e necessidade da existência do eu. Destruí-lo seria destruir a própria pessoa, pois, como a vontade, é essencial à individualidade humana.

1. *Crucificação do Eu Pecaminoso*

A terminologia é inadequada, mas o conceito que pretende estabelecer é correcto e escriturístico. O eu pecaminoso e auto-suficiente, aquele que procura aceitação perante Deus pelo próprio esforço; o eu que quer servir a Deus, mas à sua maneira e no seu próprio tempo — este é que precisa de ser destruído, ao qual Paulo se referia quando disse: “Já estou crucificado com Cristo” (Gálatas 2:20). Este eu egoísta e pecaminoso deve ser purificado, renovado e expurgado pelo batismo com o Espírito Santo.

Infelizmente, o pecado cega as pessoas à sua própria necessidade de crucificar o eu pecaminoso. Só quando tal acontece e o amor divino enche o coração, pode alguém amar a Deus “sobre todas as coisas”, ao próximo “sacrificialmente” e a si mesmo “desinteressadamente”.

2. *Desenvolvimento do Eu Verdadeiro*

Kierkegaard, filósofo dinamarquês do século XIX, anotara: “Ninguém precisa de ser avisado ao perder a esposa, um membro, ou a fortuna; mas quão poucos parecem notar a perda do eu (verdadeiro)”.

A inteira santificação não é a destruição do eu propriamente dito, mas a descoberta, a libertação e a capacitação do eu verdadeiro pelo Espírito Santo. A vida de santidade é o contínuo desenvolvimento desse eu em conformidade com o desejo e a vontade de Deus.

Embora a vontade de alguém tenha sido subjugada, não foi “destruída”. Vive como servo obediente, cativado por um Mestre que domina pelo amor. O eu verdadeiro, em adequada relação com Deus, não vive em escravidão, com o temor de um criado. Mas regozija-se na lei do Senhor que está escrita no seu coração (Salmo 1:2; Jeremias 31:33).

Conta-se de um rei que queria fazer algo para honrar um dos seus súbditos. Prometeu-lhe a filha em casamento, moradia no palácio e refeições à mesa do Rei. Apesar disso, o súbdito recusou a oferta, dizendo que não se sentiria à vontade na presença do rei.

Quando o eu se encontra em Deus, não se sente pouco à vontade na Sua presença. Quando o coração é santificado, emerge o eu verdadeiro que se alegra com a santa presença do Senhor. “Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia de juízo tenhamos confiança” (I João 4:17).

3. *Disciplina do Eu Humano*

O homem inteiramente santificado continuará a ter

instintos e desejos básicos que fazem parte da sua humanidade. Estão directamente relacionados com os sentimentos da vida, tais como amor e ódio, desejo de propriedade e orgulho, piedade e patriotismo. Estes impulsos foram pervertidos pelo pecado. “Não é pecado ter fome, mas são-no a glotonaria e a intemperança. O sexo [dentro dos limites estabelecidos por Deus] não é pecado, mas são-no a devassidão e o adultério. O desejo de possuir algo não é pecado, mas são-no a avareza, o roubo e a deshonestidade. A combatividade não é pecado, mas são-no o assalto e o assassinato. A estima de si próprio não é pecado, mas são-no a vaidade e a ostentação luxuriosa.”¹⁵ A tentação não é pecado — é-o fazer aquilo que Deus proíbe.

Quando é que os instintos humanos se tornam pecaminosos? Não o são até entrarem no domínio da vontade. Se alguém cede à tentação, satura a imaginação, se alimenta e deleita com pensar no mal — então se tornará pecado, um pensamento mau. Quando a vontade está envolvida, há pecado — ainda que o desejo não resulte em má acção. É o que Jesus queria dizer ao ensinar que alguém pode ser culpado de assassinio ou adultério quando dominado pelo ódio ou desejo impuro (Mateus 5:21-22, 27-28). Contudo, se recusa subjugar a própria vontade, o impulso age, em vão, contra a estatura moral.

Envolve a disciplina dos intintos esforço interior? Em certo sentido, qualquer tentação implica um teste interior, porque apela à mente através dos sentidos. No entanto, não há discordância inevitável com respeito à obediência e lealdade fundamentais. Cessou toda a resistência organizada. Todo o eu foi entregue a Deus para ser dirigido.¹⁶

O corpo deve ser disciplinado pela presença capacitadora do Espírito. “O fruto do Espírito é . . . temperança” (Gálatas 5:22-23). Há uma “supressão”, no bom senti-

do, na vida do crente. Paulo exprimiu-a exactamente: “subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha, de alguma maneira, a ficar reprovado” (I Coríntios 9:27).

“Existe um eu *pecaminoso* a ser crucificado com Cristo; um eu *verdadeiro* a ser realizado em Cristo; e um eu *humano* a ser disciplinado por Cristo” (J. O. McClurkan).

D. Pode a Pessoa Inteiramente Santificada Vir a Falhar?

Sim! Muitos têm uma vida de frustração e derrota por pensarem que falhar é inconsistente com ser inteiramente santificado. Outros encobrem as suas falhas, tranquilizando a consciência ao ponto de quase viverem em engano e hipocrisia.

1. As Faltas Também Precisam de Perdão

Por ter sido o corpo do homem afectado pela Queda, de vez em quando “pensará, falará e agirá de modo errado; não por falta de amor, mas por falta de conhecimento”.¹⁷ A exactidão desta observação de João Wesley é confirmada pela experiência. Os melhores seguidores de Cristo falham de vez em quando por alguma palavra ou perda de uma oportunidade de servir o próximo.

Precisamos da redenção de Cristo para essas faltas e devemos procurar perdão. Se temos ofendido outros, devemos ir e reparar o mal como Jesus ensinou (Mateus 5:23). Não comecemos por dizer: “Se eu o tenho ofendido...” Antes, devemos reconhecer francamente a nossa falha e pedir perdão.

2. Sinal de Maturidade Cristã

Wesley escreveu: “Se alguma vez, pensaste, falaste ou agiste mal, não sejas moroso em o reconhecer. Nunca imagines que [a confissão] prejudicará a causa de Deus; não, ela a promoverá. Sê, portanto, aberto e fran-

co; não procures evadir ou encobrir [a tua falta], mas deixa-a transparecer tal qual é; por seu intermédio não impedirás, mas embelezarás o evangelho".¹⁸

Quem está seguindo de perto a Cristo, progredindo na semelhança a Ele, reconhecerá, confessará e identificará a sua falta, embora passando por alto as dos outros (Tiago 5:16). *A maturidade espiritual de alguém pode ser medida pelo tempo que decorre entre a consciência da falta e estes passos!*¹⁹ Confiará no Senhor para perdão e purificação, e continuará em obediência e comunhão ininterrupta com Deus.

Em cada etapa a vida de santidade é uma vida "momento a momento". O homem inteiramente santificado sabe que foi elevado a um novo nível de vida espiritual (Ver Romanos 8:2, 9; Gálatas 2:20). Não precisa de cair — nem mesmo planear falhar — porém, se tal acontecer, "temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados" (I João 2:1-2). O propósito constante da sua vida será a glória de Deus e ficará capacitado a "prosseguir para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Filipenses 3:14).

CONCLUSÃO

Considerámos alguns erros comuns e perguntas cruciais concernentes à inteira santificação e vida de santidade. Mas, de todas, a pergunta principal é: Em que direcção estou eu prosseguindo espiritualmente? Sou obediente a toda a luz que tenho? Está tudo neste momento completamente entregue a Cristo? Existe certeza interior de total aceitação por parte de Deus? Está a minha vida ostentando o fruto do Espírito?

Ou procuro defender-me e proteger-me contra Deus, retraindo-me d'Ele?

A purificação, pureza, poder para a vida e serviço —

companheirismo —amor a Deus e ao próximo — vêm apenas sob a condição de arrependimento, consagração total e fé confiante. Entreguemos o nosso tudo a Cristo e oremos:

*Mantem o Teu próprio caminho, Senhor!
Mantem o Teu próprio caminho, Senhor!
Conserva o domínio absoluto do meu ser!
Enche-o com o Teu Espírito até todos verem
Apenas Cristo, sempre vivendo em mim!**

—A. A. Pollard

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Qual é a suprema evidência de que alguém está inteiramente santificado?
2. Aponte passagens escriturísticas que indiquem que o crente recebe o Espírito Santo na conversão.
3. Por que é necessário fazer uma entrega ou consagração total a Deus?
4. Por que é importante compreender que o pecado original é uma condição da alma e não uma "coisa"?
5. Qual é o padrão requerido de todos os cristãos?
6. Examine as passagens principais que mostram a inteira santificação como uma "segunda crise".
7. Até que ponto o controle do pecado "inato" afeta as ações das pessoas não regeneradas? E das regeneradas não inteiramente santificadas?
8. Apresente passagens da Escritura que mostrem que o pecado inato é destruído na inteira santificação.
9. Que acontece ao eu na inteira santificação?
10. Por que é importante para o cristão viver uma vida disciplinada?
11. Quando é que os desejos humanos normais se tornam pecado?
12. Como deve o crente lidar com as suas faltas espirituais?

A AVENTURA DE UMA VIDA SANTA

“A verdadeira santidade tem amor como essência, humildade como vestimenta, o bem dos outros como ocupação e a glória de Deus como finalidade” (Emmons).

Um novo concerto! Restauração da imagem divina! Como um fio contínuo, estes dois temas percorrem toda a Bíblia para descrever a relação do homem com Deus, como deve e como pode ser! O apóstolo Paulo combinou-os maravilhosamente em II Coríntios 3. Mostrou a superioridade do novo concerto sobre o antigo dado a Moisés no Sinai.

Como mediador do antigo pacto, Moisés foi admitido à comunhão directa com o Senhor, tão radiosa que se viu constringido a cobrir o rosto com um véu para esconder a glória de Deus. Todavia, essa experiência foi temporária e acessível somente a um grupo escolhido de pessoas do Velho Testamento.

Agora há em Cristo um concerto superior: Ele é o novo Mediador e a todos é universalmente possível serem transformados à Sua imagem. Paulo assim o disse: “Mas, todos nós, com rosto descoberto [isto é, sem véu], reflectindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (v. 18).

1. *Não Existe Elite Espiritual*

Esta comunhão directa com Cristo e a contínua transformação na Sua imagem é para todos os filhos de Deus.

Todos nós! Lemos no versículo 18: “... Somos *transformados* [*metamorphoumetha*] de glória em glória na mesma imagem”. Paulo exprimiu o mesmo pensamento na advertência aos romanos: “Transformai-vos [*metamorphousthe*, tempo presente, contínuo] pela renovação do vosso entendimento” (12:2). Uma forma da mesma palavra (*metamorphothe*) é também usada para descrever a transfiguração do Senhor, quando o Seu rosto “resplandeceu como o sol” (Mateus 17:2; Marcos 9:2).

O plano de Deus é que Seus filhos sejam continuamente transformados (*metamorphoseados*) à imagem de Cristo. No Novo Testamento todo o cristão é uma pessoa santa que reflecte o esplendor do Senhor. A vida santa caracteriza todos os crentes no seio da Igreja e não simplesmente uma elite espiritual. O desígnio de Deus para um povo santo não é uma chamada para a craveira de super-santo, mas um dom para todos os discípulos confiantes.

2. O Alcance da Graça de Deus

Temos visto que Deus efectua no homem a Sua santidade, progressivamente ou em etapas sucessivas. O Dr. H. Orton Wiley, deão dos teólogos nazarenos, observou: “Nesta experiência cada etapa está marcada por uma aproximação *gradual* e uma consumação *instantânea*; e todas as etapas juntas determinam o alcance total da graça santificante. Portanto, na administração da graça santificante, o Espírito Santo procede por fases”.¹

João Wesley reconheceu estas etapas na vida do crente, distinguindo o homem “natural”, o homem “desperto” e o homem “evangélico”. O pecador adormecido “não tem temor nem amor”; o pecador convicto tem “temor, mas não tem amor”; o homem convertido tem “temor e amor”; e o inteiramente santificado tem “amor sem temor”.²

Porque a santificação e santidade percorrem juntas

o caminho da vida cristã; e por existirem, também momentos distintos e identificáveis de consagração e fé — a saber, a conversão e inteira santificação — diz-se muitas vezes, que a santificação é tanto uma *crise* como um *processo*. O bispo Moule disse-o bem: “É uma crise com vista a um processo”.

Converter-se a Cristo é colocar-se no caminho da perfeição moral e espiritual, em direcção à vida de santidade. Neste processo existe um momento decisivo capaz de trazer ao crente a libertação completa de todo o pecado e inteira dedicação à vontade de Deus. Essa crise conhecemo-la como “inteira santificação”.

A conversão remove a culpa do homem — pelo perdão; supera a alienação do homem — pela aceitação e adopção na família de Deus; destrói a morte do homem — pela vida e novo nascimento (regeneração). A inteira santificação purifica a corrupção do pecado do homem — pecado em embrião, a essência do pecado, a sua fonte e condição — e efectua a coerência e integridade do eu.

Neste capítulo final veremos algumas afirmações elementares que elucidarão a nossa compreensão da inteira santificação e realçarão a nossa aventura na vida santa.³

A ESSÊNCIA DA INTEIRA SANTIFICAÇÃO É AMOR SEMELHANTE AO DE CRISTO

Existem muitos modos de descrever a inteira santificação. O psicólogo fala dela como “amor”; o profeta, como “justiça”; o sacerdote, como “santidade”; o filósofo, como “perfeição”. Cada um dos termos tem apoio bíblico. No entanto, o termo pessoal “amor” parece mais adequado, usando os outros para o caracterizar. Assim, talvez possamos falar da justiça do amor, da santidade do amor e da perfeição do amor.

O amor da pessoa santificada não é uma simples emoção ou sentimento; é o desejo activo do bem-estar

dos outros. É amor como o de Deus (agape) “derramado em nossos corações” (Romanos 5:5), “produzindo amor por todo o gênero humano . . . expulsando o amor do mundo, o amor ao prazer [pecaminoso], ao ócio, à vanglória, ao dinheiro, bem como ao orgulho, ódio, teimosia e todos os outros males; numa palavra, mudando a mente terrena, sensual e perversa, na mente de Cristo Jesus”. A inteira santificação é “amor eliminando o pecado, amor enchendo o coração e abrangendo toda a capacidade da alma.”⁴

A. A Perfeição do Amor

A inteira santificação é, às vezes, identificada como “perfeição cristã”. Existem muitos equívocos sobre a “perfeição”. Mas é uma palavra bíblica. Paulo declarou que o objectivo do seu apostolado era apresentar “todo o homem *perfeito* em Jesus Cristo” (Colossenses 1:28). Indicava que encontrara uma espécie de perfeição — perfeição *consumada*, embora ainda caminhando para outra — a perfeição da *ressurreição* (Filipenses 3:15, 12). No Sermão da Montanha, Jesus ordenou aos Seus seguidores serem “perfeitos, como é perfeito o Pai que está nos Céus” (Mateus 5:48).

A palavra “perfeito” é usada aproximadamente 138 vezes na Bíblia; incluindo cerca de 50 com referência ao carácter humano. Significa desempenhar, executar totalmente, trazer à realidade ou levar à prática. A palavra grega para “perfeito” (*teleioi*) insinua a ideia de atingir um fim ou alvo. Diz-se que uma coisa é perfeita, quando funciona como se planeou que funcionasse.

O fim ou perfeição que Deus tem em mente para o homem é a santidade, a perfeição do amor. Jesus não nos ordenou sermos tão perfeitos como o nosso Pai que está nos Céus, mas sermos perfeitos em amor como é o Pai que está nos Céus. A inteira santificação ou perfeição

cristã é “amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças (Marcos 12:30).

Wesley ensinou que isto implica que “nenhuma má tendência ou algo contrário ao amor permanece na alma; e que todos os pensamentos, palavras e acções são dirigidos por amor genuíno”.⁵ Todos os desejos estão em sujeição à obediência de Cristo. A vontade fica completamente submissa à vontade de Deus, e as afeições totalmente dirigidas para Ele.

A perfeição cristã não é perfeição de conhecimento, ou libertação da ignorância, de erros e maus juízos. Apesar de ser libertação de maus pensamentos (com os quais se alimenta a imaginação e se sente prazer), não é libertação de pensar acerca do mal. Nem libertação da tentação ou dos efeitos das fraquezas.

Na inteira santificação, as emoções e os desejos humanos normais não são retirados, mas controlados e purificados. É-se puro nos desejos e puro ou íntegro nas devoções, afeições e na lealdade. É-se capaz de “possuir o seu vaso em santificação”, isto é, dominar o corpo (I Tessalonicenses 4:4). Não se é livre da tentação, mas vencedor.

Devido ao que a inteira santificação não é, Wesley referiu-se a ela como “perfeição cristã”, em vez de perfeição “impecável”. Paulo esclareceu que Deus não nos chamou para a imundícia, mas para a santificação ou purificação (I Tessalonicenses 4:7).

B. Ser e Tornar-se

O vocábulo grego “perfeito” tem outro significado. Sugere ser completo, ter estatura total ou maturidade. A perfeição do amor realizada instantaneamente, num momento, é ainda amor em crescimento progressivo. Assim, em I Tessalonicenses Paulo exortou os crentes a “abundar cada vez mais” em amor (4:1, 10).

Expressiu a ideia de "ser completo" (embora a própria palavra seja diferente), com a sua declaração: "Orando abundantemente, dia e noite, para que possamos ver o vosso rosto, e *supramos o que falta à vossa fé*" (3:10). Paulo desejava "suprir" (Williams) os "defeitos" ou faltas da fé dos tessalonicenses (Alford). A palavra empregada aqui (*katartisai*) era usada, por vezes, para descrever o remendar das redes, sugerindo uma vida de disciplina ou de treinamento para serviço.

O cristão deve crescer continuamente, permitindo que o Senhor o restabeleça ou molde de modo a torná-lo efectivo como instrumento nas Suas mãos.

*Sou uma pessoa que Deus está criando,
Uma estátua que Ele está moldando;
Deus me transforma, corrigindo-me;
Pois Ele deseja me aperfeiçoar.*

A perfeição cristã não é um carácter já completamente aperfeiçoado. É uma decisão de "se tornar" o que Deus deseja que sejamos.

C. A Perfeição É um Espírito

Ser perfeito é possuir a mente de Cristo que não teve por *usurpação* ser igual a Deus, mas "tomando a forma de servo" foi "obediente até à morte, e morte de cruz" (Filipenses 2:5-8). "Os frutos do Espírito [em nós] são as virtudes de Cristo."

Em Mateus 5, Jesus ilustrou o significado da perfeição. É percorrer a "segunda milha" com o sentido de servir o próximo; dar o manto depois da camisa já ter sido tomada; orar pelos inimigos; apresentar a outra face. Para o judeu a "face direita" simbolizava o brio pessoal ou ego, e um dos maiores insultos era bater-lhe com as costas da mão no rosto. Ao requerer que os Seus discípulos apresentassem a outra face, Jesus dizia que eles não pagassem na mesma moeda, levados pelo seu or-

gulho ou ego ferido. Isto é perfeição!

Dito de maneira simples, a perfeição cristã é semelhança com Cristo, tendo o espírito de Jesus sido manifesto quando Ele foi cravado na Cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34). É o espírito de Estêvão, que orou ao ser apedrejado: Senhor, não lhes imputes este pecado" (Actos 7:60).

Por tal razão Wesley disse, sabiamente, que, se ao procurarmos a perfeição cristã buscamos algo que não seja amor que se derrama em serviço sacrificial e perdoador, estamos a olhar em direcção errada.

*Vem, ó vem, Hóspede celeste!
Para jamais Te retirares;
Ceia comigo e que o banquete
Seja amor que não tem fim.*

—Charles Wesley

TODO O PECADO CONSCIENTE — INTERIOR E EXTERIOR — É EXPULSO NA INTEIRA SANTIFICAÇÃO

Nenhum pecado pode ser tolerado pelo verdadeiro cristão. Não importa se é um novo crente ou discípulo amadurecido, não deve haver pecado como compreendido no seu principal significado bíblico. Salvação significa "libertação" do pecado.

É dito, com frequência, que na justificação ficamos livres do *passado* ou da culpa do pecado; simultaneamente, na regeneração somos livres do *poder* do pecado; na inteira santificação, livres da *corrupção* do pecado; e na glorificação livres da *presença* e dos efeitos do pecado. Mas em todas as etapas da vida cristã ou santa, estamos continuamente, momento após momento, a ser libertos ou salvos.

A. A Supremacia da Graça

Para Wesley, a perfeição cristã ou inteira santificação é outra maneira de descrever e proclamar a “supremacia da graça”. Falou das etapas da vida cristã usando a linguagem de João (I João 2:13-14): “Filhinhos” (bebês em Cristo), “mancebos” (os que começaram a ficar estabelecidos e firmes) e “pais” (os aperfeiçoados em amor).

Porém, mesmo os bebês em Cristo não cometem pecado. O poder e domínio do pecado são destruídos. Todos os crentes “estão livres dos pecados exteriores”. “Todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca” (I João 5:18). Não peca “voluntariamente” ou “habitualmente”. O verdadeiro cristão “é perfeito, a ponto de não pecar voluntariamente”.

Normalmente, um novo crente sofre tal mudança que pensa “que todo o pecado desapareceu, que foi completamente extirpado do coração”. Ele conclui, diz Wesley: “Eu não *sinto* pecado; logo não tenho nenhum. Ele não se mexe; portanto, não existe. Não tem movimento; portanto não tem existência!” Mas até se estar *inteiramente* santificado, o pecado é “só suspenso, não destruído”.⁶

B. Crucificado com Cristo

A inteira santificação é salvação total — libertação da corrupção ou do pecado inato — do orgulho, teimosia, ira. O cristão não terá dúvida do favor de Deus, mas chegará à “convicção”, dada pelo Espírito Santo, “de que o pecado ainda permanece no coração — a mente carnal que continua mesmo naqueles que são regenerados — apesar de não reinar por completo”.

Com o tempo, o crente distingue um espírito de egoísmo ou falta de semelhança com Cristo — “de modo que nos sentimos mais envergonhados dos nossos me-

lhores deveres, do que anteriormente dos nossos piores pecados". Confessamos o nosso desamparo total, a nossa completa inaptidão "em ter um bom pensamento, em formular um bom desejo e, sobretudo, em pronunciar uma boa palavra ou em realizar uma boa acção que não seja pela graça abundante e poderosa de Cristo".⁷

A frase de Paulo "crucificado com Cristo" (Gálatas 2:20), descreve a libertação do pecado tanto *interior* como *exterior*. Quem é inteiramente santificado está "morto para o pecado", para todos os desejos carnis egoístas e tudo o que é contrário à vontade de Deus. Mas "vive para Deus", o que é demonstrado no amor a Deus e na bondade para com o próximo (Romanos 6:11). Não se goza somente purificação ou libertação do pecado original; a sua vontade é completamente subordinada à *vontade de Deus*.

Deus não destrói a vontade do homem. Antes, cativa-a ou atrai-a pelo amor. O inteiramente santificado está salvaguardado no amor (I Tessalonicenses 3:12; 4:9-10). Existe diferença entre temor e amor. O temor diz: "Devo?" O amor diz: "Posso?" Deus põe a Sua lei no nosso amor — tornamo-nos tão embebidos dela que nos deleitamos na Sua vontade. É pela acção de Deus em nós que Agostinho podia lançar o desafio audacioso: "Ama a Deus e faz como te aprouver". Ele sabia que a pessoa inteiramente santificada procede rectamente, assim como a água corre pelo morro abaixo.

C. Entrega Total do Eu

Todos os santificados se oferecem a si e ao seu serviço como sacrifício vivo ou oferta a Deus (Romanos 12:1). Não procuram agradar aos homens para conquistar os seus aplausos, caso tenham de comprometer algum princípio cristão. É a Deus que procuram agradar, não aos homens (I Tessalonicenses 4:1). O mandato do Senhor é:

“Anda em minha presença” — não perante o mundo ou mesmo os devotos fariseus — “e sê perfeito” (Gênesis 17:1). Aqueles que são totalmente de Cristo procuram viver uma vida “irrepreensível”. Mas sabem que não será “impecável” (I Tessalonicenses 3:13).

Fundamentalmente, a repreensão só é própria onde os motivos são maus. Acções que ficam aquém do que deviam, mas feitas com intenção elevada e pura, são faltosas — mas não pecaminosas — são características das fraquezas do corpo e da mente do homem. A “irrepreensibilidade” é possível, agora, para o cristão; e no último dia Cristo “nos apresentará *irrepreensíveis*, com alegria, perante a sua glória” (Judas 24).

Consciente das suas acções deficientes, a pessoa verdadeiramente santificada depende da purificação contínua do sangue de Cristo. Não se torna defensiva, mas é sensível à direcção e controle do Espírito. À medida que reconhece seus erros, o sangue de Cristo vai purificando de todo o pecado e preservando a sua relação pessoal com Deus (I João 1:7).

A vida santa é de arrependimento e confiança constante em Deus. Precisamos de redenção para as nossas fraquezas e erros. Dizer que o coração inteiramente purificado não necessita da redenção de Cristo, seria como dizer que não precisamos do sol porque é meio-dia. É o sol que fornece a luz do meio-dia; e é Cristo que nos dá, momento após momento, libertação do pecado.

D. Objecções Comuns à Perfeição Cristã

Ser inteiramente santificado não significa “ser incapaz de pecar”. É ser capaz “de não pecar”. “Se queremos, podemos; se não queremos, não podemos.” Alguns têm pensado que o pecado é desejável para tornar o homem humilde. John Fletcher, amigo e colaborador de Wesley, esclareceu a insensatez de tal raciocínio:

Quem tem pecado mais que Satanás? E quem é mais orgulhoso? Pôde o pecado tornar humildes os nossos primeiros pais? Se não pôde, porque pensam os nossos irmãos que a sua natureza tem melhorado? Quem foi mais humilde que Cristo? Mas deveu Ele ao pecado a Sua humildade? Não vemos, diariamente que os homens mais pecadores também são os mais orgulhosos?⁸

Os críticos da doutrina da perfeição cristã têm-lhe levantado numerosas objecções: a doutrina da perfeição conduz ao orgulho; eleva os crentes ao estado de fariseus; enche-os de vaidade e com a atitude de que são "mais santos que os outros"; coloca de lado o arrependimento; leva a desprezar Cristo e a confiar em si mesmo; torna desnecessária a disciplina corporal; considera supérflua a oração: "Perdoa-nos os nosso pecados".

Respondemos a tais objecções dizendo que o cristão em crescimento tem consciência viva das suas faltas involuntárias e sempre procura o perdão. Fletcher, a quem Wesley descreveu como o homem mais santo do século dezoito e, possivelmente, desde o apóstolo Paulo, manifestava, frequentemente, na correspondência com os amigos, os seus pensamentos e confissões mais profundas.

Escrevia regularmente a Carlos Wesley. Pedia: "Carlos, por favor, ore por mim, para que eu seja cheio do Espírito Santo". Pouco depois escrevia, mas com gozo: "Carlos, alegre-se comigo. O Consolador veio na Sua plenitude". Depois voltava a pedir: "Carlos, faça favor de orar comigo para que eu seja cheio do Espírito Santo. O Senhor está a mostrar-me, diariamente, áreas da minha vida que precisam de ser aperfeiçoadas". E de novo: "Carlos, alegre-se comigo. Fui cheio com a plenitude de Deus".

Seriam os seus pedidos para ser "cheio do Espírito Santo", indicações de que não estava inteiramente san-

tificado? Claro que não! Era precisamente o contrário. Conforme o Espírito guiava Fletcher e lhe concedia nova luz, assim ele andava nela. Ia crescendo e expandindo-se espiritualmente. Desta sorte orava por um novo e fresco enchimento do Espírito. A sua experiência ajusta-se à admoestação de Paulo: “Enchei-vos [tempo presente, contínuo] do Espírito”, ou literalmente, “Conservai-vos cheios do Espírito” (Efésios 5:18).

O Espírito Santo, que o crente recebe na conversão, revela ao homem a necessidade de uma purificação completa do coração e da plenitude do Espírito. Ele mostra “o que falta” (I Tessalonicenses 3:10) e revela a possibilidade da inteira santificação (João 16:8-13; 17:17). É o Espírito Santo que gera a fome e sede de comunhão insondável com Deus. E a promessa de Cristo é: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos” (Mateus 5:6).

A INTEIRA SANTIFICAÇÃO OBTÉM-SE PELA FÉ INSTANTANEAMENTE

Na sua conversão a caminho de Damasco, Paulo foi comissionado para ir aos gentios, “para lhes abrir os olhos e das trevas os converter à luz, e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados, e sorte entre os santificados pela fé em mim” (Actos 26:18).

Seja como for que se interprete o incidente na casa de Cornélio registado em Actos 10, é significativo que Pedro, ao recordar a experiência anos mais tarde no Concílio de Jerusalém, dissesse: “Deus . . . não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé” (Actos 15:8-9).

Além de tudo o mais que se possa dizer da inteira santificação, é uma obra divina e não humana. Não é

conseguida por auto-mortificação, com vista a completa resignação. Nenhum aspecto da salvação “vem das obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:9).

*E toda a virtude que possuímos,
E toda a vitória que conseguimos
E todo o pensamento de santidade
São, unicamente, de Deus.*

—Harriet Auber

A. Fé Implica Obediência e Consagração

Fé é a única condição a ser satisfeita — a fé que corresponde a uma entrega total. A consagração completa de si mesmo, do que se possui e do seu serviço, possibilita a fé pessoal que leva à inteira santificação. Essa fé, que se apropria da promessa de que o “altar [Cristo] santifica a oferta” (Mateus 23:19), resulta da renúncia completa de tudo que se opõe à vontade de Deus para nós. É uma consagração a Deus irrevogável e consumada, morte para os desejos egoístas.

A fé que comunica a bênção é uma convicção de que Deus prometeu a santificação nas Escrituras, que Ele cumprirá a Sua Palavra e que o fará e faz agora. Todavia, um acto de fé é insuficiente. A fé de alguém deve ser a sua vida. Assim como não se pode viver indefinidamente só com uma respiração, também não se pode alimentar a vida espiritual só com um acto de fé.

Tal é consistente com o ensino do Novo Testamento em que a palavra “crer” se encontra sempre no presente progressivo, indicando responsabilidade contínua da parte do crente em manter o novo “andar na fé” que inclui obediência e amor (João 1:7; 3:16-17; 20:3; Actos 13:39; Romanos 10:10). Não existe estado de graça que não pressuponha dependência de Cristo e, portanto, contínua fé n’Ele.

B. A Fé Pode Ser Exercitada num Momento

Uma vez que a inteira santificação é obtida pela fé, realiza-se *instantaneamente*.⁹ “Certamente a podes buscar agora, se crês que é alcançada pela fé”, escreveu Wesley. Obras requerem tempo — a ideia de que deves fazer ou ser algo. Negar que se obtém pela fé, portanto, é uma forma de orgulho, de justiça própria. Pretender que ainda não se é bastante bom, é uma maneira subtil de confiar em si mesmo.

Contudo, Wesley disse: “Se a buscas pela fé, podes recebê-la tal qual és; e se a podes receber tal qual és, então recebe-a agora”. Existe “uma conexão inseparável entre estes pontos — recebê-la *pela fé*; recebê-la tal qual és; e recebê-la agora! Negar um deles é negar a todos”.¹⁰

Alguém comentou: “Ninguém é santificado sem crer. Todo o que crê é santificado”. Esta verdade instigou J. W. Alexander: “Não se pode apresentar um empreendimento humano em que exista uma possibilidade tão pequena de falhar, como orar pela santificação”.

A INTEIRA SANTIFICAÇÃO INCLUI CERTEZA INTERIOR

A Bíblia não só ensina que o homem pode ser santificado, liberto do pecado; mas também que se pode tornar consciente ou certo de que assim é. A doutrina do testemunho do Espírito brota do carácter de Deus que criou o homem à Sua própria imagem, de modo que pudesse comunicar com ele. Uma parte da imagem inclui a capacidade do homem, dada por Deus, de Lhe obedecer, de O conhecer e ser conhecido por Ele. O testemunho do Espírito não é uma experiência esotérica, emocional ou mística. É a comunicação de Deus ao homem de que é “aceite no Amado”.

Há duas passagens a que se refere quase sempre em qualquer discussão do testemunho do Espírito:

Romanos 8:16. "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito, que somos filhos de Deus".

Hebreus 10:14-17. "Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados. F, também, o Espírito Santo no-lo testifica, porque, depois de haver dito: Este é o concerto que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis nos seus corações, e as escreverei nos seus entendimentos; acrescenta: E jamais me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades".

Outras escrituras referentes ao testemunho do Espírito são I Coríntios 2:12; Gálatas 4:6; I João 3:24; 4:13; 5:6. Embora cada uma se sustenha por si própria, é bom lembrar que a certeza do cristão é um dom de Deus, proveniente da Sua misericórdia e bondade.

A. Testemunho Objectivo e Subjectivo

O testemunho do Espírito providencia uma qualidade pessoal que traz à vida cristã alegria, satisfação, paz, estabilidade, contentamento e esperança. As doutrinas gémeas do testemunho do Espírito e da inteira santificação são características do ensino e pregação de Wesley.

Como podemos saber que fomos purificados do pecado "inato"? A resposta de Wesley é bíblica: "Pelo testemunho e fruto do Espírito". Falou do testemunho "objectivo" que é, simplesmente, a Palavra e promessas de Deus. Por exemplo, Deus prometeu "circuncidar o teu coração e o coração da tua semente; para amares ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma" (Deuterónimo 30:6).

O testemunho do Espírito, de que alguém está inteiramente santificado, é uma "evidência divina e convicção de que o que Deus prometeu é capaz de cumprir"; que "Ele é capaz e quer fazê-lo agora"; e uma "evidência divina e convicção de que o faz. Nesse momento fica feito".

Então há o testemunho "subjectivo" do Espírito.

Inclui o testemunho *directo* do Espírito de Deus em mim, de que sou aceite por Ele. Isto é, não existe condenação, mas satisfação e alegria na presença de Deus. A outra parte deste testemunho interior ou subjectivo, é o testemunho *indirecto* no espírito humano. Em certo sentido é “consequência” do facto de se ter uma consciência que evita ofender tanto a Deus como aos homens (Actos 24:16).

Por outras palavras, do “fruto do Espírito” manifesto na vida de alguém — “amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gálatas 5:22-23) — é-se ciente da acção de Deus em nós. O fruto deve estar presente, de outro modo a inferência é simples ilusão.⁷¹

Substituir o testemunho interior por algum sinal exterior ou fenómeno físico, é ir além do ensino escriturístico. O perigo óbvio é transferir a ênfase principal do próprio Espírito para a expressão em causa. Estabelecer algum dom especial com “a” evidência de ser inteiramente santificado, de receber o batismo ou ser cheio com o Espírito, exalta mais o “dom” que o Dador.

B. A Base da Certeza Cristã

A Escritura tem muito a dizer acerca da evidência e certeza cristã. João falou seis vezes do *conhecimento* de que estamos em Cristo, somos da verdade e passamos da morte para a vida (I João 2:3, 5, 29; 3:14, 24; 4:13).

Pedro disse que ao cristão foi dada uma “viva esperança” e o *testemunho do Espírito* (Ver Actos 15:8-9; I Pedro 1:3-4). Paulo afirmou que fomos selados e temos *muita certeza* (II Coríntios 1:21-22; 5:1; Gálatas 4:6 Efésios 4:30; I Tessalonicenses 1:5). O escritor aos hebreus declarou que temos *confiança* (Hebreus 10:35).

A Bíblia ensina positivamente *que podemos saber que somos aceites por Deus*. A maneira como sabemos é

afirmada de modo tão positivo como o facto do nosso conhecimento. João é inequívoco ao afirmar que sabemos que passámos da morte para a vida “porque amamos os irmãos” (I João 3:14); conhecemos a Deus, porque “guardamos os seus mandamentos” (2:3); sabemos que estamos “n’Ele”, porque o “amor de Deus está verdadeiramente aperfeiçoado” em nós (2:5); sabemos que o nosso amor se tornou perfeito, porque nos sentimos confiantes na presença de um Deus santo (4:16-19). E Paulo descansou no testemunho pessoal do Espírito Santo (I Coríntios 1:21-22; Gálatas 4:6; Efésios 1:13), incluindo o fruto do Espírito (Gálatas 5:22-23).

A certeza cristã não é informação acerca de Deus, ou simples conhecimento a Seu respeito. Brota de “conhecimento” pessoal, implicando uma relação íntima e vital com Ele. A certeza cristã encontra sempre nisso a sua origem, capacitando alguém a confiar e afirmar: “Eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito, até àquele dia” (II Timóteo 1:12).

A certeza absoluta é possível, mas resulta apenas de consagração e purificação total.

A INTEIRA SANTIFICAÇÃO É PARA SER VIVIDA NESTA VIDA — NÃO PARA O CONVENTO

As promessas do novo concerto escrito no coração do homem e da sua restauração à imagem divina, não têm sentido a não ser que o seu cumprimento esteja planejado para esta vida. As boas novas é que elas se podem tornar, agora, realidade. Na inteira santificação os benefícios dessas promessas são alcançados.

O pecado afasta de Deus. A santidade ou vida santa é requerida para ver Deus. Se estes ensinamentos bíblicos forem tomados a sério, negar a perfeição cristã ou inteira santificação é afirmar alguma forma de “purgatório”

(isto é, pela própria morte ou a seguir à morte), ou aceitar a alternativa de que o homem pecador será para sempre banido da presença de Deus.

Por causa do que a inteira santificação opera no homem, ela visa a sua vida aqui na terra. Alguns desses benefícios são indicados por Paulo em I Tessalonicenses. Na primeira parte da epístola fala da vida total de santidade começada na regeneração; depois, refere-se a um momento de entrega absoluta e purificação a que o crente será dirigido (c. 5). É esta relação com Deus — a inteira santificação — que possibilita a vida *contínua* de santidade apresentada nos primeiros capítulos.

A. Totalidade e Harmonia

A passagem sugere que a inteira santificação traz “totalidade” e “integridade” — *beleza!* A discórdia da natureza egoísta do homem é removida, e é assegurada harmonia com a vontade de Deus. Paulo orou para que os crentes fossem santificados “totalmente” ou “de ponta a ponta” (Lutero). Sublinhou a verdade de que a forma de receber essa “totalidade” é “a paz de Deus” (5:23). A inteira santificação concede paz e harmonia não possíveis de outro modo.

A paz interior traz beleza à vida. Os materiais do Templo estavam, originalmente, em estado bruto. Mas colocados nas mãos de operários habéis, tomaram formas úteis e belas. Do mesmo modo, o crente é moldado em algo útil e belo nas mãos do Deus de paz, o “grande Artífice”.

A totalidade não só inclui beleza, mas também *harmonia*. Paulo falou da santificação e purificação de “todo o nosso espírito, e alma, e corpo” (5:23). Na inteira santificação estes são integrados e relacionados de modo a operarem juntos para a glória de Deus. A integridade do eu é completamente atingida. Nenhum poder no univer-

so é capaz de destruir essa totalidade!

B. Serviço e Estabilidade

Tanto a purificação como a dedicação fazem parte da santificação bíblica. Como no Velho Testamento os vasos eram purificados antes de serem usados na adoração divina, assim também devemos ser purificados para estarmos preparados para o serviço do Mestre. A purificação e a separação concretizam-se na inteira santificação.

Porém, separação não é retirar-se da vida ou entrar para um convento. Jesus orou pelos Seus discípulos para que fossem santificados, equipados para serem “enviados ao mundo”, assim como o Pai O tinha enviado a Ele (João 17:15-18). Separar-se-ão do espírito do mundo — da sua cobiça, agitação, conversação, conduta e egoísmo. Mas terão amor e compaixão, procurando servir os outros em todas as circunstâncias da vida.

Ser santo é cuidar do faminto, do sedento, do estrangeiro, do nu, do enfermo e do preso, como Jesus ensinou (Mateus 25:35-40). Goethe, o grande escritor alemão, disse: “O comportamento é um espelho em que cada qual reflecte a sua imagem”. Aqueles que possuem a imagem divina são caracterizados pelos seus actos de misericórdia e pela sua conduta cheia de interesse pelos demais.

A inteira santificação traz estabilidade de coração, reforço contra a tentação e provação, força no sofrimento. Na Sua oração sacerdotal Jesus orou ao Pai que enviasse o Espírito Santo para “guardar” ou preservar os Seus discípulos (João 17:11-12). A inteira santificação, graça estabilizadora, é a resposta à intercessão de Cristo “por aqueles que pela sua palavra, hão-de crer [n’Ele]” (João 17:20).

D. I. Vanderpool disse que o batismo do Espírito Santo, ou inteira santificação, constrói “uma ponte forte

e uma obra firme” dentro do homem. “É esta a experiência que coloca esteios em lugares estratégicos. Assim a alma está preparada para aguentar grandes pesos sem desmoronar e suster os ventos fortes da tentação sem vergar.” Este batismo “dá à alma um Consolador nas decepções da vida, um Guia que nunca se engana, nas suas peregrinações . . . poder para serviço em qualquer lugar da igreja” ou fora dela.¹²

C. Poder Divino e Purificação

Paulo realçou aos efésios os recursos incomensuráveis acessíveis ao cristão. Declarou que Deus ressuscitou Jesus da morte e O exaltou à mão direita do Pai, “acima de todo o principado, e poder, e potestade”. Então notou que do sepulcro das nossas ofensas e pecados, Deus “nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” (1:20-21; 2:1, 5-6). Isto é, todos os recursos celestes são acessíveis àqueles que vivem na presença de Deus. “A sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos” (1:19), vai além da compreensão e imaginação humanas.

Contudo, “temos . . . este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder venha de Deus e não de nós . . . para que a vida de Jesus se manifeste, também, nos nossos corpos” (II Coríntios 4:7, 10). O homem deve ser o depositário do Espírito de Deus, a verdadeira vida de Cristo vivida através dele. O corpo do homem — obviamente, nesta vida — é para ser um instrumento efectivo de serviço e testemunho cristãos.

A inteira santificação capacita-o a viver santamente neste mundo. Diz-se que as palavras “perdão”, “perdoar” e “justificar” aparecem, aproximadamente, 194 vezes nas Escrituras, ao passo que as palavras “perfeito”, “justo” ou “santificado” ocorrem mais de 990 vezes; e mais de 500 são aplicadas à vida que vivemos agora.

João declarou: “Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia de juízo tenhamos confiança; porque *qual ele é, somos nós também, neste mundo*” (I João 4:17).

O apóstolo amado afirmou inequivocamente que não só na morte ou depois dela, mas *neste mundo*, os crentes inteiramente santificados são como o seu Mestre. Asseverou, além disso, que o sangue de Cristo “purifica” (não na hora da morte ou no dia de juízo), mas no tempo presente — no momento actual — “de todo o pecado” (I João 1:7).

Estas grandes promessas levaram Wesley a advertir os crentes a não pedirem para “serem renovados na morte . . . Não, mas agora; hoje . . . Apressa-te, homem, apressa-te! Deixa

*A tua alma irromper em desejo intenso
De provar a perfeita felicidade!
O teu coração ardente, em fogo,
Ser derretido em amor.*”¹³

“Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (I Tessalonicenses 4:3). “Não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação” (4:7). “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo [instantâneo — inteira santificação], e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (5:23-24).

A INTEIRA SANTIFICAÇÃO IMPLICA UM CERTO DESPRENDIMENTO DO MUNDO

Embora a vida de santidade não produza afastamento das necessidades das pessoas à nossa volta, existe um certo desprendimento de tudo quanto é secular, material e temporal. É uma vida de aptidão espiritual. É

manter-se em forma, para fazer o melhor uso do seu potencial em ministrar.

Tal modo de pensar jazia por trás do sábio conselho de Susana Wesley ao seu filho João: “Tudo quanto debilita a tua razão, embote a sensibilidade da tua consciência, obscureça o teu sentido de Deus ou te afaste das coisas espirituais, tudo quanto aumente a autoridade do teu corpo sobre a mente, isso é pecado para ti”. Uma vida controlada e disciplinada pelo Espírito contribui para o bem-estar social da nossa comunidade e vizinhança.

Na vida santa há libertação do pecado, de maneira que o homem “abstém-se de toda a aparência [forma] do mal” (I Tessalonicenses 5:22); também existe libertação de muito que é legítimo, mas secundário. A pessoa inteiramente santificada não admitirá que o bom a afaste do melhor. Vivendo uma vida disciplinada, ora constantemente: “Senhor, põe um espinho em cada gozo, um verme em cada cabaça que possa retardar o meu progresso espiritual”.

A. Mantendo as Nossas Prioridades

O inteiramente santificado está pronto a ceder algumas coisas que não são más em si mesmas, por exigirem tempo, energia, talentos e dinheiro que seriam mais sabiamente investidos no serviço de Deus. É nestas áreas que existe um ensejo infinito de crescimento e desenvolvimento na santidade. Um dos grandes desafios e aventuras da vida santa e, usando as palavras de Harold Kuhn, “fazer a transição do carácter para a prática — daquilo que a experiência crucial da purificação do coração torna uma realidade *interior*, às realidades exteriores do comportamento implicadas na santidade cristã”.¹⁴

O desprendimento de que falamos diz respeito à plenitude constante do Espírito. O cristão inteiramente santificado não fica satisfeito em somente ser purificado

do pecado e separado mesmo das coisas secundárias da vida; deseja ser continuamente cheio do Espírito. Quer estar arreigado em Cristo, cheio de toda a plenitude de Deus. Tem fome e sede da graça excelsa, da vida abundante, duma relação com Deus que traz poder e se aperfeiçoa em amor.

“Existe uma plenitude do Espírito”, diz Daniel Steele, “que deve implicar a inteira santificação — a presença graciosa e permanente do Espírito Santo na alma, em Sua plenitude; não como dom extraordinário, mas como uma pessoa com o direito de passagem através da alma e do corpo, tendo as chaves dos quartos mais interiores, iluminando os cantos, penetrando todas as frestas da natureza e saturando todo o ser com amor santo.”¹⁵

B. Crescimento Contínuo na Graça

A inteira santificação remove os principais obstáculos ao crescimento espiritual. Na vida de santidade estão compreendidos o cultivo das graças cristãs, o incremento dos frutos do Espírito, a profundidade da vida espiritual, o aumento do gozo da comunhão com Deus, a fortaleza do carácter, o desenvolvimento de misericórdia e interesse. Pedro falou especificamente deste crescimento:

Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua *glória* e virtude . . . Vós, também, pondo nisso mesmo toda a diligência, *acrescentai* à vossa fé a virtude, e à virtude, a ciência, e à ciência, temperança, e à temperança, paciência, e à paciência, piedade, e à piedade, amor fraternal, e ao amor fraternal, amor. Porque, se em vós houver e *abundarem* estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo. Pois, aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da *purificação* dos seus antigos pecados (II Pedro 1:3, 5-9).

Por se estar *unido* a Cristo e *separado* do secular,

é-se capaz de viver vitoriosamente nas vicissitudes da vida. As circunstâncias, apesar de difíceis, não podem subjugar o espírito. Pela disciplina e crescimento, é-se capaz de sofrer provações e aflições e de viver na confiança de que “todas as coisas contribuem juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28). É uma vida de vitória mantida momento após momento através de fé activa e obediência a Cristo. Há uma vitalidade espiritual que infunde plenitude de vida e júbilo contagioso.

C. Comunhão Santa

Embora a pessoa inteiramente santificada goze duma relação pessoal com Cristo, não é uma relação *individualizada*. O santificado sabe que é, pela graça membro do corpo de Cristo. Não é por acaso que, quando o Novo Testamento chama “santos” ou “pessoas santas” aos crentes, o faz no plural. Aqueles que levam uma vida verdadeiramente santa, reconhecem que são também, pelo facto de estarem “em Cristo”, parte da comunhão dos santos (I Coríntios 12:12-27; Efésios 4:17).

A santidade é mantida pela vida de Cristo, da Igreja e da comunidade dos crentes. Não existe “santidade isolada”. Esta verdade foi sublinhada por Paulo ao declarar que “Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra. Para a apresentar a si mesmo, igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível . . . Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também, o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo” (Efésios 5:25-27, 29-30).

CONCLUSÃO

O plano de Deus é para um povo santo. A colectivi-

dade dos cristãos constitui o corpo de Cristo, a Sua Igreja. A Igreja é santa no sentido em que por Cristo Deus a resgatou e reivindicou como Sua; e, também, no sentido em que dentro dela há cristãos moralmente santos ou puros de coração.¹⁶ A estes Pedro chamou “uma nação santa”, povo remido de Deus, Seus instrumentos no cumprimento dos Seus propósitos redentores no mundo. O estabelecimento da Igreja é o cumprimento da promessa do “novo concerto”.

O esquema divino não é só concretizado no novo concerto — escrevendo a lei do amor de Deus no coração do homem — mas também pela restauração da imagem divina, começando na regeneração, continuando na inteira santificação e até à glorificação. “Para que vejam a glória do Senhor”, o povo santo de Deus “é transformado à Sua própria imagem . . . pelo Espírito do Senhor”. Embora a transformação final esteja ainda no futuro, o Espírito trabalha efectivamente agora, no seio dos seguidores de Cristo, transformando-os à Sua imagem.

Paulo deu ênfase ao incremento da semelhança com Cristo por estas palavras: “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça, para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Romanos 5:21). Isto é, como o pecado reinou antigamente, produzindo morte, assim agora, por Jesus Cristo, reina a graça — progressivamente, na mesma medida, mas mais poderosamente. “Onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Romanos 5:20)!

“À semelhança de Cristo” — a herança de todo o crente. Reivindicuemos a nossa herança, andando em obediência e fé, e oremos com desejo ardente:

*Meu Salvador, tal como requeres,
Perfeito e santo quero viver.
Dá-me que siga as Tuas pisadas,
Deixando o mundo e seu vil prazer.*

*Seja a minha alma purificada
No fogo santo do Teu altar,
Para que, livre do mal inato,
No Teu serviço a possas gozar.
Vem Pai celeste, purificar-me!
Enche minha alma do Teu poder.
Em Tua glória vem, Pai bendito,
Tua beleza quero viver!*

—T. O. Chisholm (G.D. no. 401)

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Que significa dizer: “Não há elite espiritual?”
2. Discuta a afirmação do bispo Moule de que “a inteira santificação é uma crise com vista a um processo”.
3. Que inclui o “amor perfeito”? E que exclui?
4. Quais são os dois significados principais de “perfeição” nas Escrituras? Qual o significado de perfeição “cristã”?
5. Como distinguimos “pureza” de “maturidade”?
6. Discuta o que pretendia dizer João com “filhos”, “mancebos” e “pais”, segundo a interpretação de Wesley.
7. Qual é o significado de fé salvadora?
8. Que elementos fundamentais estão incluídos no testemunho do Espírito?
9. Que evidências de aceitação por parte de Deus são dadas por João, Pedro e Paulo?
10. Indique os principais benefícios provenientes do dom de Deus da inteira santificação.
11. Descreva a relação, se existe alguma, entre disciplina e crescimento na graça.
12. Por que é importante a Igreja para os que são santificados?

Referências

PREFÁCIO:

1. Daniel Steele, *Love Enthroned* (Nova Iorque: Nelson and Phillips, 1877), prefácio.

CREMOS:

1. "Preâmbulo da Constituição" e "Artigos de Fé", *Manual*, (Igreja do Nazareno).

CAPÍTULO 1:

1. Norman H. Snaith, *Distinctive Ideas of the Old Testament* (Londres: The Epworth Press, 1944), p. 22.

2. *Ibid.*, p. 30.

3. A. B. Davidson, *The Theology of the Old Testament* (Edinburgo: T and T. Clark, 1904), p. 152.

4. D. Shelby Corlett, *The Meaning of Holiness* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1944), p. 14.

5. Asbury Lowrey, *Possibilities of Grace* (Boston: The Christian Witness Co., 1884), p. 103.

6. R. F. Widmer, *Biblical Theology of the Old Testament* (Minneapolis: Augustana Book Co., s.d.), p. 72.

7. Emil Brunner, *The Christian Doctrine of God* (Londres: Lutterworth Press, 1949), 1:164.

8. H. Orton Wiley e Paul Culbertson, *An Introduction to Christian Theology* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1947), p. 105.

9. T. C. Vriezen, *An Outline of Old Testament Theology* (Newton, Mass.: Charles T. Branford Co., 1960), p. 141.

10. George Allen Turner, *The Vision Which Transforms* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1964), p. 120.

11. Paul Gray, "Jeremiah", em *Beacon Bible Commentary* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1966), 4:430.

CAPÍTULO 2:

1. A Bíblia refere-se esporadicamente à "face de Deus" (Levítico 17:10; Números 6:25), ao "braço do Senhor" (Êxodo 6:6, Jó 40:9; Salmo 89:13), à "mão de Deus" (Juizes 2:15; Isaías 59:1), ao "olho do Senhor" (II Crônicas 16:9, Salmo 33:18), etc. Estas expressões são cha-

madas antropomorfismos, acomodações à compreensão limitada do homem e ilustrações da sua inabilidade em descrever o que é infinito.

2. J. B. Chapman, *The Terminology of Holiness* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1947), p. 24.

3. Brunner, *Christian Doctrine of God*, 2:93.

4. Wiley e Culbertson, *Introduction to Christian Theology*, pp. 164-65.

5. *The Standard Sermons of John Wesley*, ed. E. H. Sugden, 2 vols. (Londres: The Epworth Press, 1921), 1:188, 183. Citado a partir de agora como WSS.

6. Para uma discussão destas teorias, ver H. Orton Wiley, *Christian Theology* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1952), 2:109.

7. John Wesley, *The Doctrine of Original Sin* (Nova Iorque: J. Soule and T. Mason, 1817), pp. 97, 313.

8. *The Works of the Rev. John Wesley*, ed. Thomas Jackson, 3a. ed., 14 vols. (Kansas City: Casa Nazarena de Publicações. Reimpresão autorizada de uma série publicada por Wesleyan Conference Office, 1872), 9:335. A partir de agora referido como WJW.

9. W. T. Purkiser, *Beliefs That Matter Most* (Kansas City: Casa Nazarena de Publicações, 1959), p. 44.

CAPÍTULO 3:

1. Para discussão pormenorizada, ver Donald Metz, *Studies in Biblical Holiness* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1971), pp. 56-70; e Turner, *Vision Which Transforms*, pp. 27-32, 98-114.

2. Snaith, *Distinctive Ideas of the Old Testament*, p. 66.

3. Turner, *Vision Which Transforms*, p. 30.

4. *Ibid.*, p. 104.

5. *Ibid.*, p. 105.

6. WJW 12:394-96.

7. W. T. Purkiser, *Conflicting Concepts of Holiness* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1953), p. 51.

8. Merne A. Harris e Richard S. Taylor, "The Dual Nature of Sin", em Geiger (ed.), *The Word and the Doctrine* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1965), p. 96.

9. Os parágrafos seguintes são extraídos, com permissão, do livro de John A. Knight, *The Holiness Pilgrimage* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1973), pp. 85ss.

10. Harris e Taylor, *Word and the Doctrine*, p. 108.

CAPÍTULO 4:

1. D. M. Baillie, *God Was in Christ* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1948), p. 194.
2. A. H. Strong, *Systematic Theology* (Westwood, N. J.: Fleming H. Ravell Co., 1907), p. 266.
3. R. S. Taylor, *A Right Conception of Sin* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1945), p. 92.
4. *Ibid.*, p. 96.
5. *Ibid.*, pp. 99-100.
6. Wiley, *Christian Theology* 1:382-83.
7. Lowrey, *Possibilities of Grace*, p. 179.
8. F. C. Grant, *An Introduction to New Testament Thought* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1950), p. 184.
9. Ralph Earle, "The Nature and Extent of the Atonement" em Geiger (ed.); *Word and the Doctrine*, p. 175.
10. James Stewart, *A Man in Christ* (Nova Iorque: Harper and Bros., s. d.), pp. 152-53.
11. Friedrich Buechsel, "Katallasso (Reconciliation) in the New Testament", em Gerhard Kittel (ed.), *Theological Dictionary of the New Testament*, traduzido por G. W. Bromiley (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), 1:255.
12. Knight, *Holiness Pilgrimage*, p. 34.
13. Wiley, *Christian Theology* 2:464.
14. Knight, *Holiness Pilgrimage*, pp. 36s.
15. Earle, *Word and the Doctrine*, p. 177. Sou devedor ao Dr. Earle pelo seu excelente artigo e pelas numerosas referências usadas neste capítulo.
16. Delbert R. Rose, (citado pelo Dr. Paul S. Rees), "Entirely the Lord's", em James McGraw (Compilador), *The Holiness Pulpit*, No. 2 (Kansas City: Beacon Hill Press, 1974), p. 36.
17. T. A. Hegre observa que nos primeiros capítulos de Romanos o apóstolo Paulo não menciona especificamente "o pecado" (singular). Do capítulo 1 a 5:11, fala somente de "pecados" (plural). De 5:12 em diante, refere-se exclusivamente ao "pecado" (plural). "É também significativo", diz Hegre, "que na primeira seção de Romanos e em relação a pecados, Paulo refere-se ao sangue de Cristo, mas nunca à Cruz. Pelo contrário, na segunda seção, o Apóstolo nunca menciona o sangue de Cristo, mas somente a Cruz." A distinção pode ser um tanto artificial, mas Hegre sugere que o sangue de Cristo se relaciona com os pecados cometidos, enquanto a Cruz diz respeito à pecaminosidade da natureza humana. Ver Hegre, *How to Find Freedom the Power of Sin* (Minneapolis: Bethany Fellowship, Inc., 1961), pp. 66-67.

18. Esta discussão baseia-se num trabalho de W. M. Greathouse, "The Dynamics of Sanctification: Biblical Terminology", apresentado na Conferência Nazarena de Teologia, Kansas City, 4-6 de Dezembro de 1969.

19. T. A. Hegre, *The Cross and Sanctification* (Minneapolis: Bethany Fellowship, 1960), p. 14.

20. Greathouse, "The Dynamics of Sanctification", p. 18.

CAPÍTULO 5:

1. Knight, *Holiness Pilgrimage*, pp. 93-94; cf. 78-80, 90.

2. W. M. Greathouse, *The Fullness of the Spirit* (Kansas City: Casa Nazarena de Publicações, 1958), p. 96.

3. H. V. Miller, *The Sin Problem* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1947), p. 71.

4. Citado por Greathouse, *Fullness of the Spirit*, p. 11.

5. Wiley, *Christian Theology* 2:441.

6. Steele, *Love Enthroned*, p. 29.

7. Citado por Rose, *Holiness Pulpit*, No. 2, p. 40.

8. Citado por W. E. Sangster, *Path to Perfection* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1943), p. 52.

10. W. M. Greathouse, "Romans", *Beacon Bible Expositions* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1975), 6:78, 106.

11. Fulton J. Sheen, "The Psychology of Conversion", em *Peace of Soul* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1940), pp. 236-43.

12. *The Works of the Rev. John Fletcher*, 4 vols. (Nova Iorque: Phillips and Hunt, 1883), 4:113-14. Citado a partir de agora como FW.

13. *WJW* 7:328.

14. Sou devedor a Jack Ford tanto por esta ideia como pela fraseologia. Ver o seu trabalho *What the Holiness People Believe* (Lowestoft, Inglaterra: Green and Co., s. d.), pp. 62-63.

15. Paul Rees, em conferências apresentadas no Seminário Teológico de Asbury, *Asbury Seminarian*, Primavera de 1948, pp. 11 ss. Citado por Ford, *What the Holiness People Believe*, p. 61.

16. *Ibid.*, pp. 62-64.

17. *WJW* 11:419; ver também 6:412.

18. *Ibid.* 11:429.

19. Este princípio foi sugerido por Ponder Gilliland num trabalho não publicado e apresentado à Conferência Nazarena de Teologia, Kansas City, 4 a 6 de Dezembro de 1969: "Problems of Failure in the Sanctified Life".

CAPÍTULO 6:

1. Wiley, *Christian Theology*, 2:479.

2. *Wesley's Notes on the New Testament*, I John 4:18.

3. Baseado no resumo do ensino fundamental de João Wesley quanto à santidade, inteira santificação ou perfeição cristã, feito por W. E. Sangster. Cremos que tais ensinamentos têm base bíblica.

4. *WJW* 6:46.

5. *Ibid.* 11:394.

6. *Ibid.* 6:45.

7. *Ibid.* 6:51.

8. *Fw* 4:431.

9. É comum realçar-se que a inteira santificação é semelhante ao novo nascimento, o qual se processa instantaneamente. Ambos são expressões do amor divino (João 3:16; Efésios 5:25-27); ambos estão sujeitos à vontade de Deus (I Tessalonicenses 4:3; I Timóteo 2:3-4); ambos têm lugar através da Palavra de Deus (João 17:17; I Pedro 1:23); ambos são resultado da acção do Espírito Santo (II Tessalonicenses 2:13; Tito 3:5); ambos são providenciados pela expiação de Cristo (Romanos 5:9; Hebreus 13:12); ambos são operados pela graça e não pelas obras (Efésios 2:8-9; Tito 2:11-14); ambos dependem de fé (Actos 15:8-9; Romanos 5:1). Ver W. T. Purkiser (ed.), *Exploring Our Christian Faith* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1960), pp. 354-56.

10. *WSS* 2:459:60.

11. *WSS* 1:208, 226-27. Ver também 2:243-44.

12. D. I. Vanderpool, "The Baptism with the Holy Ghost" em McGraw, *Holiness Pulpit*, No. 2, pp. 32-33.

13. *WJW* 11:403.

14. Harold B. Kuhn, "Ethics and the Holiness Movement" em Kenneth Geiger (comp.), *Insights into Holiness* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1962), p. 245.

15. Daniel Steele, *A Defense of Christian Perfection* (Nova Iorque: Hunt and Eaton, 1896), p. 110.

16. Corlett, *The Meaning of Holiness*, p. 112.

